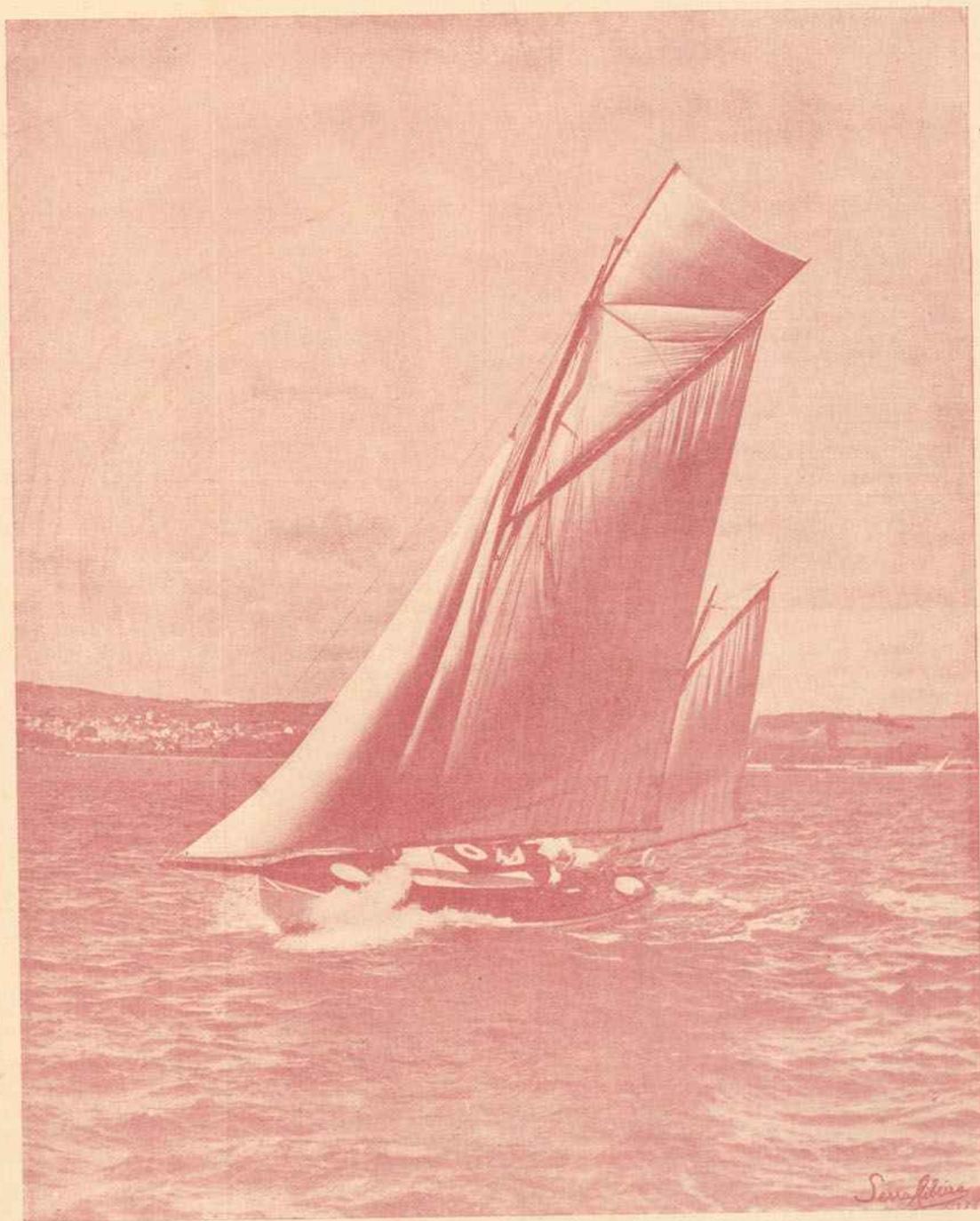


# ILUSTRAÇÃO



1.º ANO—Número 19

Lisboa, 1 de Outubro de 1926

PREÇO 4500

A revista portuguesa de maior tiragem e expansão



Tendo desfructado excessivamente de certos prazeres contrarios á saude não se precisa temer o desagradavel despertar, o **Veramon-Schering** faz desaparecer em dez minutos as dores da cabeça, mesmo as mais intensas, sem ttaçar o coração nem produzir sono.



Insista no empaquetamento original! Tubos com 10 ou 20 compr. de 0,4 gr.



## Dias, Costa & Costa

CASA BANCARIA ESTABELECIDA EM 1874

76, 78 e 80, 1.º, Rua Garrett — LISBOA

End. teleg.: «PUSHING»      Telef.:  $\left. \begin{array}{l} \text{C. 380} \\ \text{C. 2525} \\ \text{C. 2319} \end{array} \right\} \text{P B X}$

**Contas Correntes — Depósitos à ordem e a prazo — Cheques — Títulos — Cambiais — Coupons — Descontos — Cartas de crédito**

**Secção de Seguros — Secção Marítima  
Secção de Trânsito e de Mercadorias**

Usamos todos os principais códigos telegráficos

## GUARDIAN

Assurance Company Limited

**SEGUROS CONTRA INCÊNDIO  
E MARÍTIMOS**

FUNDADA EM 1821

Devidamente autorizada em Portugal

Capital subscrito £ . . . . .	2.000.000
Capital realizado £ . . . . .	1.000.000
Prémios recebidos £ . . . . .	2.600.000
Activo £ . . . . .	9.400.000

AGENTES DIRECTORES EM PORTUGAL

**Banco Burnay**

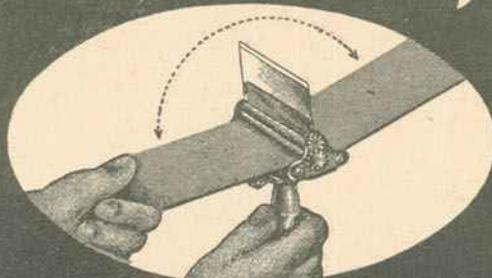
Rua dos Fanqueiros, 10

SUB-AGENTE NO PORTO:

**Alípio Moutinho**

Rua da Nova Alfândega, 22, 2.º

## Máquina de barbear "VALET" Auto Strop

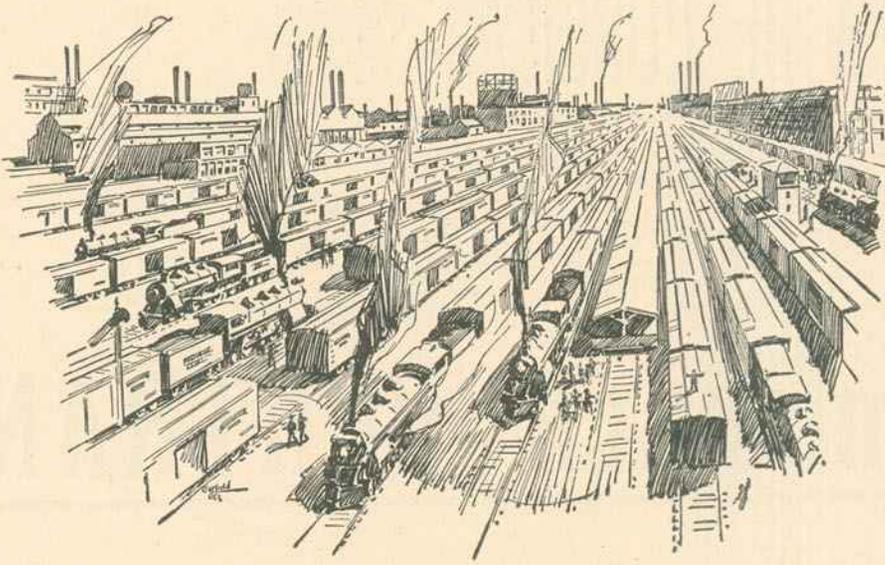


**Economisa continuas despezas de laminas novas**

### PRINCIPAIS VANTAGENS

- 1º Dispositivo suavizador que permite dar á lâmina em dez segundos um fio finissimo sem haver necessidade de retirar a lâmina da maquina e sem necessitar de nenhum aparelho especial, e custoso.
- 2º Graças á qualidade do aço as laminas podem servir 50 vezes ou mais, economizando continuas despezas de laminas novas.
- 3º A limpeza é extremamente facil, não havendo necessidade de retirar a lâmina nem de desparafusar ou desmontar nenhuma peça.

Agencia: Lachaud, 44 Rua dos Fanqueiros Lisboa



## Saem 200 Wagens Por Dia Do Imenso Estabelecimento Fabril Dodge

Saem todos os dias 200 wagons das fábricas Dodge Brothers carregados com automóveis Dodge Brothers.

Engatados uns nos outros, estes wagons formariam um comboio de comprimento superior a uma légua. Isto dá uma ideia da enormidade do estabelecimento fabril Dodge Brothers, em Detroit só.

Incluem-se as duas grandes fábricas de caminhões Graham

Brothers (subsidiárias de Dodge Brothers) e a fábrica Dodge Brothers no Canadá e imagine-se o total que se atingiria.

De facto, a casa Dodge Brothers é hoje a terceira em importância entre todas as que se dedicam à fabricação de automóveis—o que permite grandes economias na compra e fabrico, dando em resultado o baixo preço por que são vendidos estes fortes e seguros veículos.

BERNARDINO CORRÊA, LTD.

LISBOA

PORTO

1, Avenida da Liberdade

21, Avenida dos Aliados

# AUTOMOVEIS DODGE BROTHERS

ACABA DE PUBLICAR-SE

○

Almanach BERTRAND

Único no seu género em Portugal

O maior êxito de livraria e o melhor passatempo

Páginas recreativas, amenas e instrutivas

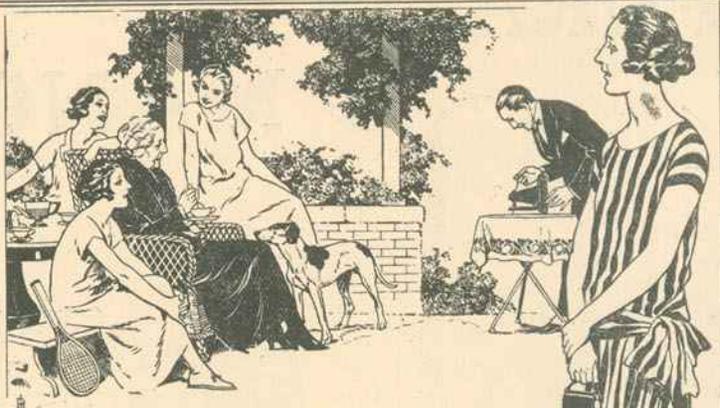
Enciclopédia de conhecimentos úteis

Um elegante volume de 400 páginas 10\$00

A' venda em tôdas as livrarias, agências e correspondentes

Pedidos aos editores **AILLAUD, LIMITADA**

**73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**



### *Férias em família.*

Que horas deliciosas as que passais no remanso do vosso jardim onde o mais simples recanto tem, para vós, mais valor do que o mais grandioso panorama.

Um almoço no jardim - Uma festa regional - A colheita dos frutos - A chegada de amigos - Uma partida de tennis - A pesca na ribeira - Um grupo interessante.

## Conserve as vossas recordações agradáveis com um "Kodak"

Grupos, amigos, entes queridos, casa, jardim, ficarão assim sempre sob os vossos olhos.

*Ninguém envelhecerá, as folhas e as flores estarão sempre viçosas, encontrareis sempre no seu lugar cada um dos vossos objectos familiares.*

Pensai na satisfação que tereis ao contemplar, mais tarde, essas pequenas fotografias que podereis faser admirar pelos vossos amigos.

*Férias sem "Kodak" esquecem depressa.*

Qualquer Revendedor Kodak vos fornecerá completos detalhes sobre o manejo dum "Kodak" e vos auxiliará na escolha do vosso "Kodak".

"Kodaks Vest Pocket Autográficos", desde.....	100 \$ 00.
"Kodaks Autográficos" desde.....	265 \$ 00.
"Brownies Dobradiços Autográficos" desde.....	200 \$ 00.
"Brownies" de Caixa, desde.....	50 \$ 00.

### Como escolher o vosso "Kodak".

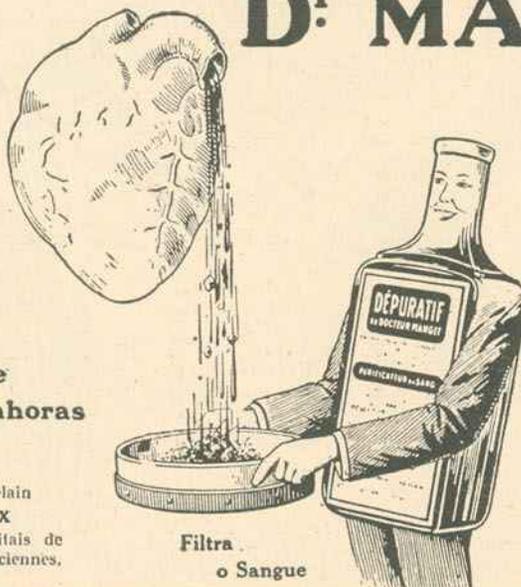
Não vos arrisqueis a insucessos comprando o primeiro aparelho que vos entreguem, quando podereis adquirir tão facilmente, um aparelho "Kodak", de construção científica mas simples, compacto leve, robusto e munido de objectivas ensaiadas que assegurarão o exito tanto ao amador principiante como ao perito.

# DÉPURATIF du D<sup>r</sup> MANGET



**Sangue viciado**  
**Menopausa**  
**Afrontamentos**  
**Escrofulas**  
**Doenças da pele**  
**Doenças das Senhoras**

Établissements Châtelain  
 15 GRANDS PRIX  
 Fornecedores dos Hospitais de  
 Paris, 2 bis, rue de Valenciennes,  
 PARIS



O sangue carregado de resíduos, humores e impurezas circula mal favorecendo assim a congestão do fígado, provocando os edemas, as varizes, as hemorroidas e produzindo numerosas doenças de pele assim como furúnculos e antrazes.

O Depurativo do Doctor Manget, limpa o sangue, vivifica e saneia o organismo. Evita assim as doenças devidas a combustão incompleta dos alimentos ao retardamento da nutrição (obesidade, asma, emphysema, gota, reumatismo, nevralgias constantes, neurastenia, insónias, vertigens, sciatica, lumbago, e dores de cabeça.

Na mulher regularisa a circulação do sangue, facilita os menstros, prepara a gestação e evita o mal estar da idade critica. Rejuvenesce o semblante e garante a beleza da pele.

Constitui um excelente tratamento da arterio-esclerose regulando a tensão arterial diminuindo a viscosidade sanguínea e facilitando o funcionamento dos rins.

Filtra o Sangue

A. VINCENT Lda—CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL E COLONIAS—RUA IVENS, 56—TEL. 1858 C.

**VOTRE DENTIFRICE**  
 celui que vous pouvez choisir en toute confiance parce qu'il vous est vendu avec un numéro de garantie réelle et échangé sans discussion au cas de non convenance

LE  
**SAVON DENTIFRICE**  
 des  
**BÉNÉDICTINS de SOULAC**

**Donne des dents divines**

**UN JOUR VIENDRA**

Perfume  
 Perturbante  
 Penetrante

**ARYS** 3, rue de la Paix PARIS

**TEINDELYS**

Creme para o rosto

Mantem o pó e assegura uma excelente carnacão

dá uma  
 Cor de Lya

**ARYS** 3, rue de la Paix PARIS

**TEINDELYS**

**ARYS**  
 3, Rue de la Paix  
 PARIS

Pó adheroente  
 Impalpavel  
 (tudo as com a)

**AS MEIAS de LINHO**  
**PRINTEMPS**  
 são de qualidade  
**GARANTIDA**  
 Venda exclusiva  
 AU PRINTEMPS, R. Ivens 56-LL/39A

**ROYAL WINDSOR**  
 Restitue aos Cabellos a sua cor primitiva.  
 À VENDA NAS PRINCIPAIS FARMACIAS e DROGARIAS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIP. DA EMPRESA  
DO ANUÁRIO COMERCIAL

P. dos Restauradores, 24—Lisboa

# ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:

AILLAUD, L.<sup>DA</sup>  
R. Anchieta, 25—Lisboa

.....  
DIRECTOR: JOÃO DA CUNHA DE EÇA

ANO 1.<sup>o</sup>—NÚMERO 19

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

1 DE OUTUBRO DE 1920

.....



A CERIMÓNIA DO LANÇAMENTO AO MAR DA CANHONEIRA «DAMAÑO», A SÉTIMA DA SÉRIE CONSTRUÍDA NO NOSSO ARSENAL DE MARINHA

O barco ao entrar na água. — No medalhão: o sr. Presidente do Governo dando o primeiro e tradicional impulso ao navio

(Clichés Serra Ribeiro)

## CRÓNICA DA QUINZENA

COM o calor que faz, dos trópicos ou do caldeirão de Pero Botelho para castigo dos nossos pecados, Lisboa tornou-se insuportável. Ainda de tempos a tempos sobe o Chiado uma bela e gulosa meia, mas em regra são os mendigos, as mósas, e a poeira os senhores da Honra. O alfacinha que não pôde ir florescer para as praias uma calça branca e um *maillot* estilo zebra ou pele de onça, entrincheira-se por detrás das paredes pombalinas, se mora nos velhos bairros, com a bilhinha da água entrapada de panos à janela, e à noite vai gosar o fresco para um desses desvãos de rua — em que por impossibilidade de construir casas se espetaram duas ou três palmeiras à sovela e se ajeitaram uns restos de relva — pomposamente chamados jardins.

Desgraçado habitante, de toda a grandeza antiga dos avós, tão sibaritas dentro da casinha lusitana, tão soberbos entre as gentes que dominaram, guardou apenas a sombra fátua, mais quimérica que real, das palmeiras. A nossa epopeia colonial — longe vá o agoiro — há de acabar por reduzir-se a esses jardinzecos miseráveis, como neles se encerra já a história não menos frustrada da nossa tão decantada vida municipal que diz respeito aos tempos modernos.

Formou-se e cresceu esta *mui nobre e antiga cidade* à mercê do puro arbitrio, sem outro nexo, pela certa, que não fosse o do espírito gregário, o mais simples e primário de todos. O lisboeta ergueu sempre a sua casa com desprêzo absoluto pelo vizinho, o que equivale a dizer, pela rua, a comunidade, a estética e higiene da *urbs*. Basta percorrer a Alfama ou a Mouraria para que este conceito ressalte com a força de um axioma; basta fixar uma planta da cidade ou deitar os olhos cá para baixo de avião!

Ao mesmo tempo o individualista que veio para aqui morar ou aqui nasceu aninhou-se dentro do seu paredal, mais desdenhoso ou ignorante da meteorologia que a página do ripanço *ad petendam pluviam*. Com excepção dos frades, que parece terem sido a única gente sensata desta nação a que o próprio Deus embalou o berço, ninguém reconheceu na árvore o seu papel, por assim dizer, social e fisiológico. Os reis afonsinos encontraram o território coberto de florestas, a pontos de a caça constituir o principal alimento dos habitantes. Como se despojavam os montes dessa flora riquíssima, que contribuiu com seus meandros à vitória de Viriato e mantinha a *grei forte e farta*? A história não o diz, mas é azado conjecturar que a conquista ao mouru, o pensamento de arrotear feito *à la diable*, a ignorância, tivessem soprado o incêndio de norte a sul do país. Os viajantes do século XVI encontram já por toda a parte os horizontes desassombreados. E a Lisboa, aquela que vem até cerca de D. Pedro IV, salvo um ou outro hortejo e as cercas monásticas, aparece nas cartas como um penedo pitoresco, coberto literalmente de pilhas de canitaria.

Era assim toda a conglomeração antiga — dir-se há. Era assim, inegavelmente, mas em país algum se terá cometido barbarie igual à perpetrada pelo indígena lisboeta: voltar costas ao Tejo, tapar para lá todas as vistas, cegar para lá todas as perspectivas, como se deitado nas águas da sua enseada azul estivesse o horrendo e fero Adamastor a vomitar maldições e pestes para a terra! Não, esta repulsa para com o Tejo, o Tejo dos poetas, das caravelas, da glória, das areias de ouro, não tem sua explicação na moral que poderia colher-se na História Trágico-marítima; tem-na, sim, no carácter tortuoso e na estupidéz crassa do habitante. Desta ignominia não é legítimo acoar o beirão ou o minhoto, que emigram em ta-

manco das suas portelas, e às duas por três calçam luvas para empunhar a vara de édis.

Que o aglomerado urbano evoluiu, por esse mundo fora, de igual maneira! Quando em todos os países civilizados era principio assente de saúde e aformoseamento das cidades a arborização intensiva, em Lisboa que se fazia? Em Lisboa talavam-se todas as quintas, todas as cercas conventuais, todos os logradouros públicos, para erguer hediondos prédios, armazéns de gente. Alargou-se a bitola das ruas, é certo; plantaram-se por elas fora, como processionários, algumas árvores. Mas que árvores? Palmeiras e plantas de climas que dão a Lisboa um ar exótico, roubando-lhe a fisionomia europeia, que, pelo que toca ao reino vegetal, conserva ainda esse Norte todo. E o parque, tão necessário a determinada área de casas, como o pulmão a um organismo vivo?

Parques não se fizeram e esta cidade é um morno e poeirento deserto de pedra e cal. Os Brás Simões o que tinham em mira era encafiar gente, erguer gaiolas, multiplicar o número dos seus arrendatários. E, derrotando dezenas de velhas matas, como essa das Galveias, ao Campo Pequeno, dum valor inestimável, alçandoraram no ar esses bairros novos, que não tem vinte anos de dura, repelentes à vista e incomfortáveis à habitação, com os seus saquões a descoberto, mais imundos que intestinos de fora.

Atrás das cercas dos frades e quintas particulares, os quintais que restam vão sendo um a um retalhados, esbandalhados, para que neles floresça a ignóbil cantaria dos mestres de obras. Se não lhe põem cõro, não ficará de pé uma árvore entre esses castejeiros de casario, para dar sombra a um passarinho e perfumar o quarto dum pobre fabiano. O português de hoje joga tudo à voragem, como se amanhã fosse o terremoto ou o fim do mundo. É preciso salvar as árvores, afectar-lhe uma policia civil, como consta que há já para defeza e protecção dos individuos. E, se for preciso, para o arborícola, por cupidez, capricho, ou bestialidade, vá-se até a pena da mão cortada.

Não é raro ouvir proclamar que Lisboa é uma bonita cidade. Proclamam-no, porém, românticos inveterados ou pobres do entendimento, que gastam os olhos na contemplação do próprio umbigo, e piedosos reclusos que nunca tomaram o combóio para fora da santa terrinha. Onde estão os monumentos, os bulevards, as praças, os jardins? O céu não tem rival. Tem, mas que não tivesse, o céu está fora de causa, porque não é obra do homem. Os panoramas? Que me importa que de Santa Catarina se disfrute uma vista esplêndida, quando não há ali um banco cómodo em que me repousei nem uma árvore que me abrigue? Que me importa, se olhando bem, descubro a todo o longo do rio uma pilheira de abarracamentos, como se não improvisam sequer à boca duma mina que vai ser explorada? Que me importa que de S. Pedro de Alcântara, o casario fronteiro seja mais deslumbrante que uma tela de Monet, se sei que tudo aquilo é báratro, desordem, sordidez? Que me pode interessar o pitoresco de Alfama e da Mouraria, se tudo aquilo é pobreza, incúria, gangrena? E nesta cidade, de que o grande architecto foi o acaso, a que titulo associar o maravilhoso da desordem à minha admiração pela cidade, que no fundo é admiração pelo génio dos seus habitantes?

Não, Lisboa é uma cidade decrépita, insalubre, feia, pretenciosa e ridícula ao mesmo tempo, uma sorte de velha sêcia, atulhada de rapé, com capa de vidrilhos às costas e sapatos à papo-sêco. As suas mazelas novas são irremediáveis; as suas pústulas antigas não se curam com duas razões.

Se há arqueólogo ou poeta que em nome de sua arte saia a campo a defender a conservação dos *ghettos* que ofendem não só os olhos

como o sentimento de humanidade que devemos professar para com os nossos semelhantes, condenem-se a lá viver. Há uma arqueologia, respeitável a todos os pontos de vista, visto que contende com a renovação duma cidade, a artística. Há uma outra merecedora de certa vênica, a histórica. É certo que em Paris deitou-se implacavelmente abaixo tudo o que não representava um valor intrínseco de arte, sempre que era necessário alargar ou desobstruir. A velharia ali, ainda que andasse ligada a esta ou aquela grande personagem histórica, não se lhe deu foros de empata. Do Berlim antigo guardou-se um bôco de torna-atrás, Petri-Strasse, para memória. História, dum modo geral, tem tudo o que existe à flor da terra, a começar pelos proprios penedos. Não seria a menor consideração por um marialva, uma Severa, ou outros patucos de igual laia, que fariam torcer o cordel a engenheiro francês ou alemão.

Ora é preciso, para civilizar Lisboa, fazer muito e desfazer não pouco. É preciso arrear esses bairros massivos, tonificando-os com o pulmão necessário: o parque. É preciso poupar os quintais onde haja sombras, municipalizando-os em último recurso. Esses raros oasis tem de ser salvos do pedregulho branco dos Brás Simões. Ao mesmo tempo toda a cautela é pouca com esses beneméritos que se propõem ora dar-nos um hotel magnífico no alto de S. Pedro de Alcântara, ora construir as Hespérides no Parque Eduardo VII, como notou tão oportunamente o distinto e autorisado professor Mário de Azevedo Gomes. Ali nem Biblioteca, nem Palácio da Justiça, nem Palácio das Festas, nem a casa do Deus verdadeiro. Deixem aqueles hectares de terra, tais como estão, com oiteteiros e vales, a arvore, a arvore da nossa terra, tão amiga e generosa. Semeiem pelo meio delas uma ou outra obra de mármore, aprazível e graciosa. E daqui a vinte anos, com sois inclidentes, como os que agora nos estão derrancando o resto de tel que ainda não bolsamos uns sobre os outros e sobre a vida, os lisboetas nos serão reconhecidos.

AQUILINO RIBEIRO.

## VISCONDE DE MENESES (1820-1878)

Visto que dispersou a sua actividade pela vida da corte, pela diplomacia e ainda pelo exercicio doutros elevados cargos públicos, não tendo nunca vivido exclusivamente nem da arte nem para a arte, — o lugar que, em rigor, lhe compete é entre os amadores de pintura, mas, com justiça, entre os que mais se distinguiram, ou seja entre aqueles a quem não faltaram nenhuns dos principais attributos atinentes ao verdadeiro profissional: talento e técnica. Revelando desde os anos infantis grande vocação para as belas-arts, aprendeu desenho com um mestre francês, aperfeiçoando-se depois no atelier de António Manuel da Fonseca, professor muito estimado no seu tempo. Em 1841 partiu para Roma, onde recebeu ensinamento de Overbeck, artista alemão que teve áura no género mystico. Tendo estado também em Veneza, estas viagens não contribuíram pouco para o alargamento da sua capacidade artistica.

A principio dedicou-se aos assuntos sacros, mas em breve os profanos começaram a cativá-lo mais. Deixou telas muito dignas de apreço, principalmente as que reflectem costumes do povo e tipos militares. Também no retrato o seu pincel trabalhou com desembarço e carinho, do que é prova o que reproduzimos neste número e que representa sua mulher, D. Carlota Emilia de MacMahon Pereira Guimarães. Este quadro, admirável pela graça da attitude e pelo belo colorido das roupagens, talvez o mais perfeito de todos os que o fidalgão-artista executou, pertence hoje às colleções do Museu de Arte Contemporânea, por oferta da filha do autor, D. Elisa de Miranda Pereira de Menezes.

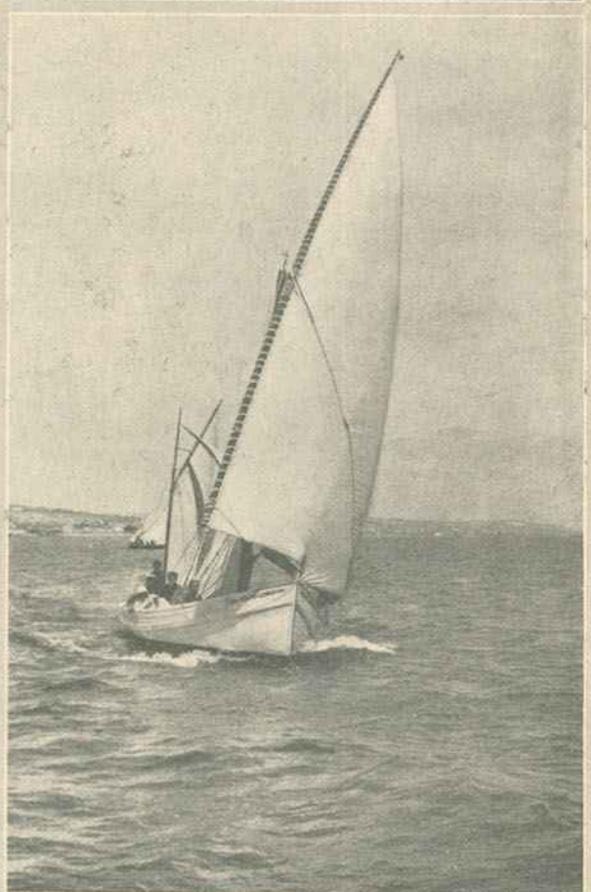
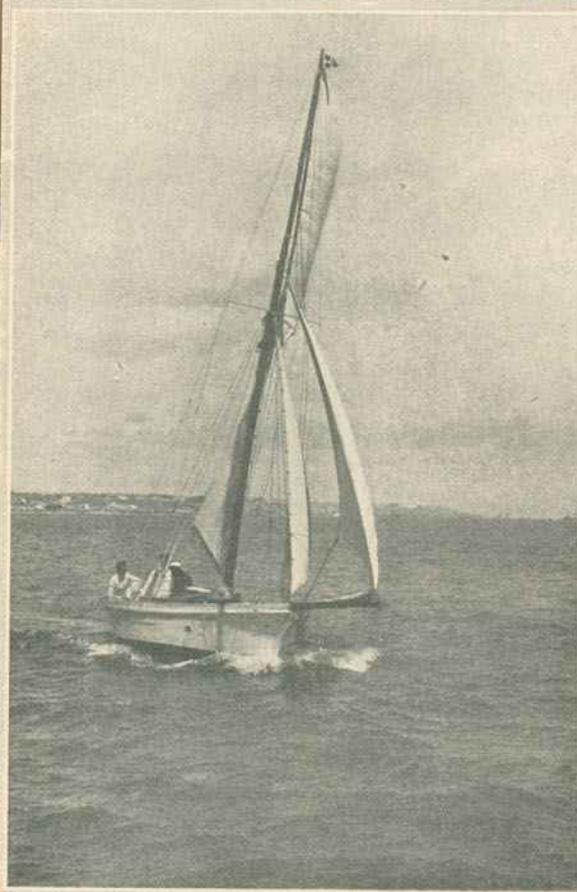
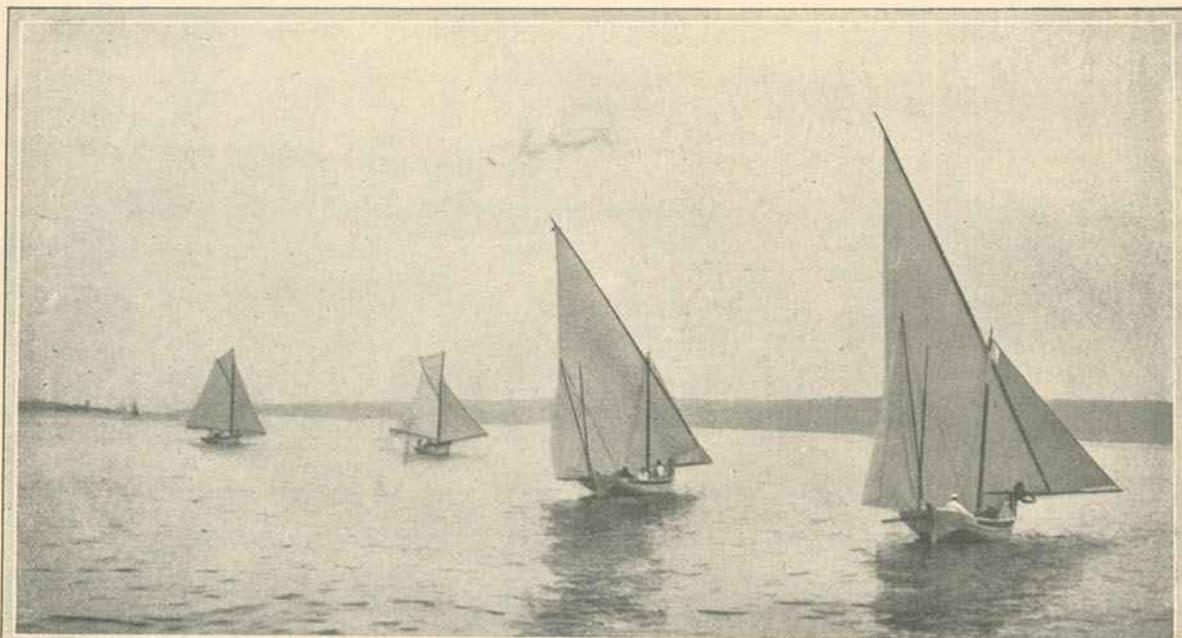
# ACTUALIDADES LISBOA



No chá diplomático oferecido na Legação do Chile: Mais grupos de convidados



Na festa de reabertura ao culto da Capela de Santo António da Sé: Aspecto do templo durante o acto religioso — S. E. o sr. Cardeal Patriarca rodeado de muitos fiéis e membros do clero



Em calmaria — A largada das chalupas e canoas na Regata de Paço d'Arcos. — *esquerda*: A chalupa «Manous do sr. Luis Worm Júnior vencedora do 1.º prêmio na Regata da Trafaria, cortando a méta. — *A direita*: A canoa «Fatinizta» do sr. Luis da Câmara d'Orey vencedora do 1.º prêmio no momento de chegar á méta (final da corrida)

(Clichés Serra Ribeiro)

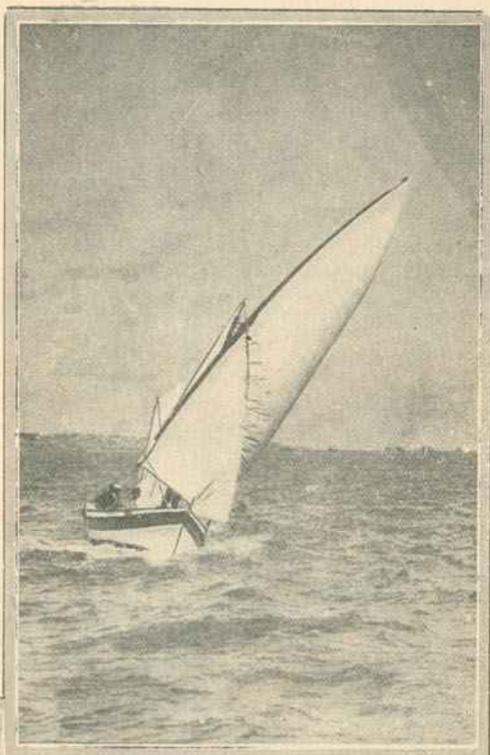


As chalupas «Diallo» do sr. Frederico Bornay e «Derradeira» do sr. dr. Costa Cabral em corrida.

d'Arcos, que constituiram uma magnífica jornada de propaganda da marinha de recreio.

A iniciativa e organização destas regatas, pertenceram ao Grupo Náutico Português e ao Paço d'Arcos Sport Club e tudo correu pelo melhor. Houve entusiasmo, ordem e organização e por isso lhe enviamos daqui as nossas felicitações pelo sucesso obtido.

Realizaram-se como acima dis-



Uma canoa de profissionais que ganhou o 1.º prêmio

O desporto náutico em Portugal encontra-se hoje, pode dizer-se, quasi completamente abandonado.

Portugal, que é um país de gloriosas tradições náuticas e de audaciosos navegadores, pôs de parte este lindo desporto que devia ter entre nós um culto e uma propaganda intensa.

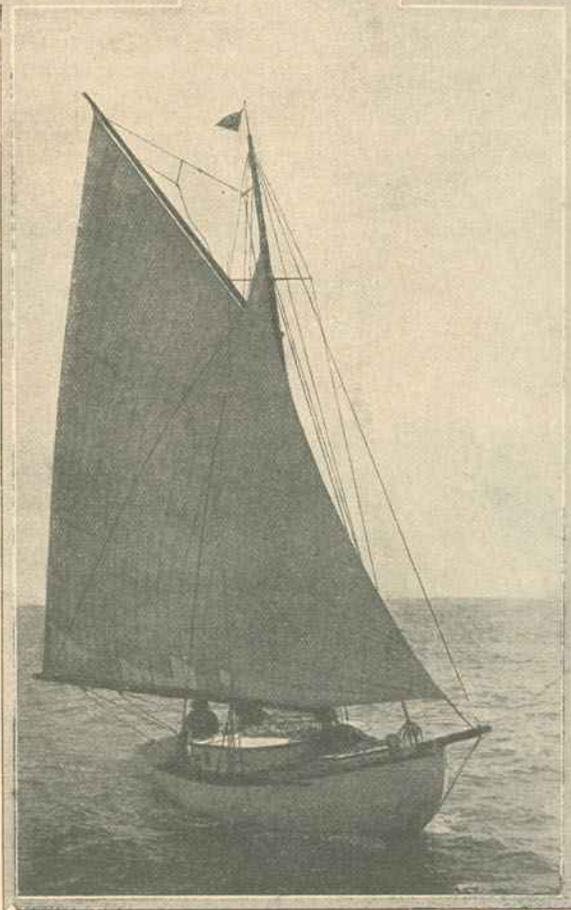
Houve uma época em que chegou a haver um certo entusiasmo pelo desporto da vela e em mais de uma das nossas praias, todos os anos se disputavam com brilho e entusiasmo regatas de velas e de remos.

O Rei D. Carlos foi um fervoroso adepto do «Yachting» e promoveu em Cascais várias regatas que eram sempre disputadas com brilho.

A propaganda então feita começava a colher resultados animadores, mas um dia tudo acabou...

Hoje, raras são as pessoas que veraneiam em Cascais que possuem embarcações de vela e que cultivem este desporto.

Vêm estas considerações a propósito das últimas regatas de vela realizadas na Trafaria e Paço



A chalupa «Cisne» de profissionais

semos, estas regatas, nas simpáticas praias da Trafaria e Paço d'Arcos.

Estamos certos que o esforço e a propaganda dos organizadores serão coroados de êxito e virão desenvolver condignamente o desporto náutico em Portugal.

Estamos inteiramente ao lado dos referidos grupos e acompanharemos sempre com interesse todas as iniciativas de quaisquer entidades desportivas para a propaganda e desenvolvimento das regatas de vela.

Publicando hoje algumas fotografias de barcos que tomaram parte nestas regatas, fazêmo-lo com a convicção de que prestaremos assim o nosso auxílio e contribuiremos também para o fim que nos propomos, o qual se resume em impulsionar a cultura física da raça, contrariando-lhe o depauperamento que os fisiologistas alarmadamente lhe vêem verificando de geração em geração.

A inclusão desta secção na nossa revista a outro propósito não obedeceu, procurando nós subordiná-la sempre à mais completa imparcialidade de critica.

Com uma assistência regular, realizaram-se os dois primeiros encontros para a disputa desta prova, organizada pela F. P. L. T. e pelo Sporting Club de Cascais.

A organização foi francamente boa; marcação exacta do court, árbitros e juizes de linha competentes e acomodações confortáveis para o público.

Sendo assim tudo correu pelo melhor, como não podia deixar de ser. Felicitemos os organizadores pelo sucesso obtido, que muito vem contribuir para a propaganda do Lawn-Tennis em Portugal.

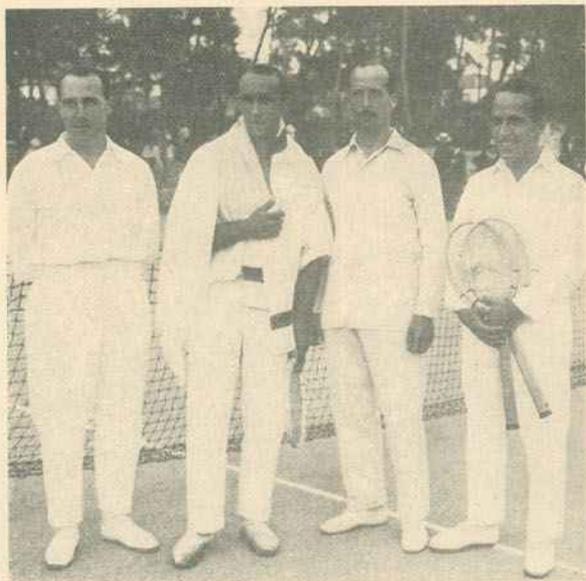
O primeiro «match» foi disputado entre T. Lester e D. José de Verda. O jogador inglês ganhou facilmente as duas primeiras partidas, mas Verda refez-se a pouco e pouco e conseguiu arrancar finalmente a vitória no meio de delirantes aplausos.

Verda começou o encontro jogando mal e com grande infelicidade, vendo infrutíferos os seus remates em «volley» à rede, o que constituiu normalmente o seu ponto forte.

Jogou com pouca cabeça, vindo sistematicamente à rede, o que



Lester e Verda depois do encontro



A equipe portuguesa

representa sempre um grande erro, mas sobretudo quando o adversário é da classe do jogador inglês.

Lester é um jogador forte e muito científico, duma regularidade pasmosa e jogando nas ocasiões difíceis com grande calma.

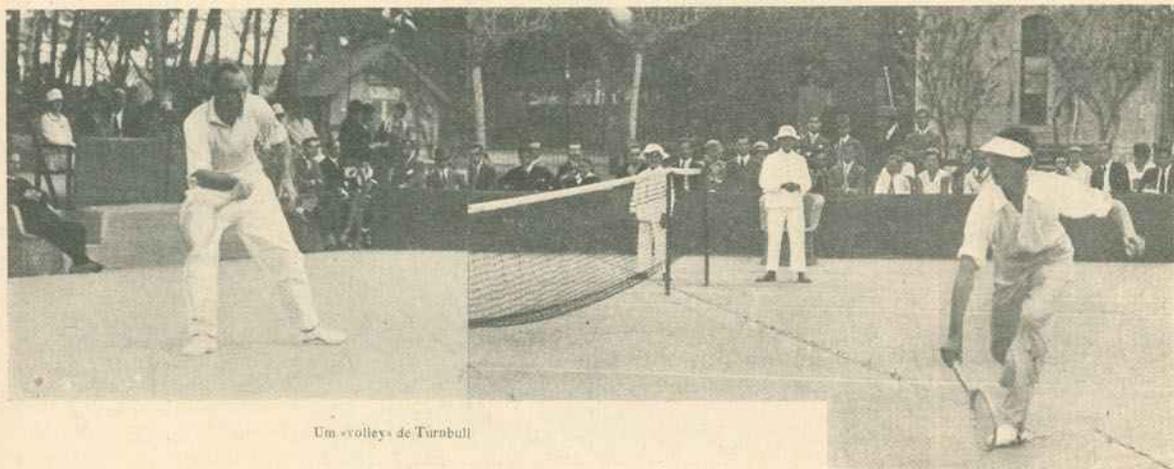
Na 5.ª partida ambos os adversários se encontravam esgotados e o jogo ressentiu-se muito disso.

Lester chegou a ter 4 jogos a 1 a seu favor, mas Verda, num esforço supremo e animado pelo público, consegue triunfar do seu adversário pelo elevado score de 10 a 8.

Uma prolongada ovação recompensou a vitória de Verda, que foi muito felicitado por todos os presentes.

O encontro Turnbull-Ribeiro não chegou a concluir-se, devido ao adiantado da hora. Turnbull ganhou duas e Ribeiro uma, tendo ambos os adversários desenvolvido um jogo soberbo que entusiasmou a assistência.

O segundo dia de provas foi nitidamente favorável para a Inglaterra, que ganhou facilmente o «match» de «doubles».



Um «volley» de Turnbull

Lester num «volley» baixo pela esquerda



Um aspecto da assistência do 1.º dia



Um «drive» de F. Ribeiro

O par português Verda-Vasconcelos foi esmagado pelos ingleses Higgs-Lester que jogaram muito bem, sobretudo devido à péssima actuação de Vasconcelos.

Verda jogou muito, teve bolas admiráveis e aguentou enquanto pôde a pressão exercida pelos adversários.

Vasconcelos, porém, cheio de nervos, não jogou nem bem nem mal: não jogou de todo. Deu-nos a impressão de que estava colado ao chão, e do muito jôgo que Verda lhe preparou, não tirou o mínimo partido.

É lastimável que um jogador, que já tem experiência de jogos internacionais, se deixe de tal modo influenciar e dominar pelos nervos.

Lamentamo-lo sinceramente, tanto mais que somos os primeiros a reconhecer que ele é o nosso jogador de «doubles» mais regular e por muitos considerado como o mais científico.

O par inglês, como já dissemos, jogou bem, tanto mais que jogou sem resistência.

Ambos os jogadores têm bom serviço, bom «volley» e sobretudo sabem jogar «doubles». Quando se aprenderá a jogar «doubles» em Portugal!...

O terceiro dia das provas foi todo a favor dos nossos adversários, que ganharam ambos os «matches», ganhando assim definitivamente o encontro.

Ribeiro foi batido por Lester em 4 partidas. Lester ganhou, sobretudo porque jogou com muita cabeça, modificando constantemente o seu jôgo.

Ribeiro jogou muito bem a primeira partida, mas, não sabemos porquê, deixou-se em seguida influenciar pelos nervos e daí por diante jogou sempre batido.

Verda perdeu contra Turnbull em três partidas, o que não nos espantou, porque se encontra actualmente em más condições físicas. Enquanto não descansar e arranjar físico, nada poderá fazer.

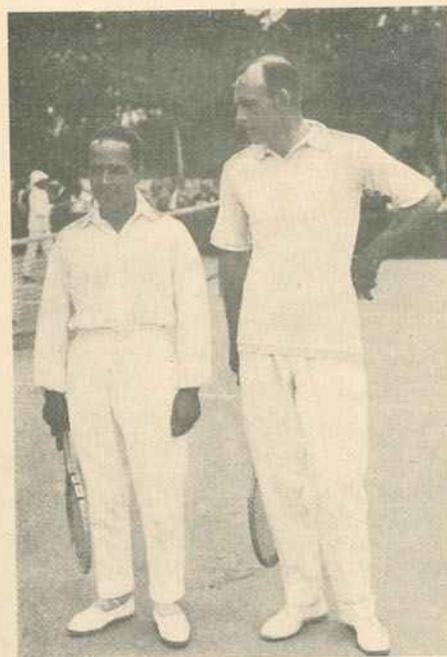
Contudo, teve jogadas brilhantíssimas, mas as suas forças não o ajudaram nos momentos em que mais necessárias lhe eram.

Do resultado final do encontro ficou vencedora Inglaterra por 4 contra 1.

No próximo número referir-nos hemoos aos campeonatos internacionais de Portugal nos «courts» do Sporting Club de Cascais, que terão lugar brevemente, e duma maneira geral ao encontro Portugal-Inglaterra e aos vários ensinamentos e conclusões a tirar de encontros desta natureza que tanto podem contribuir para a propaganda do ténis em Portugal.



Duas elegantes que assistiram ao torneio

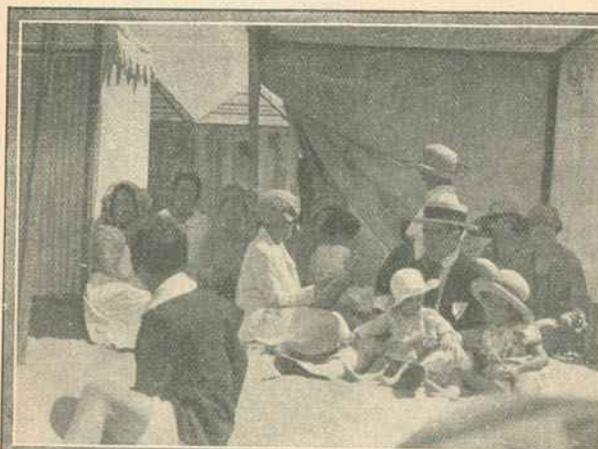


Turnbull e Ribeiro antes do encontro



PRAIA  
DA  
GRANJA

Na deliciosa vagabundagem ao ar livre, tirando desforra da clausura dos longos meses de inverno na cidade



Horas que passam ligeiras, na santa paz da família



Gente chíc à sombra dum toldo muito original

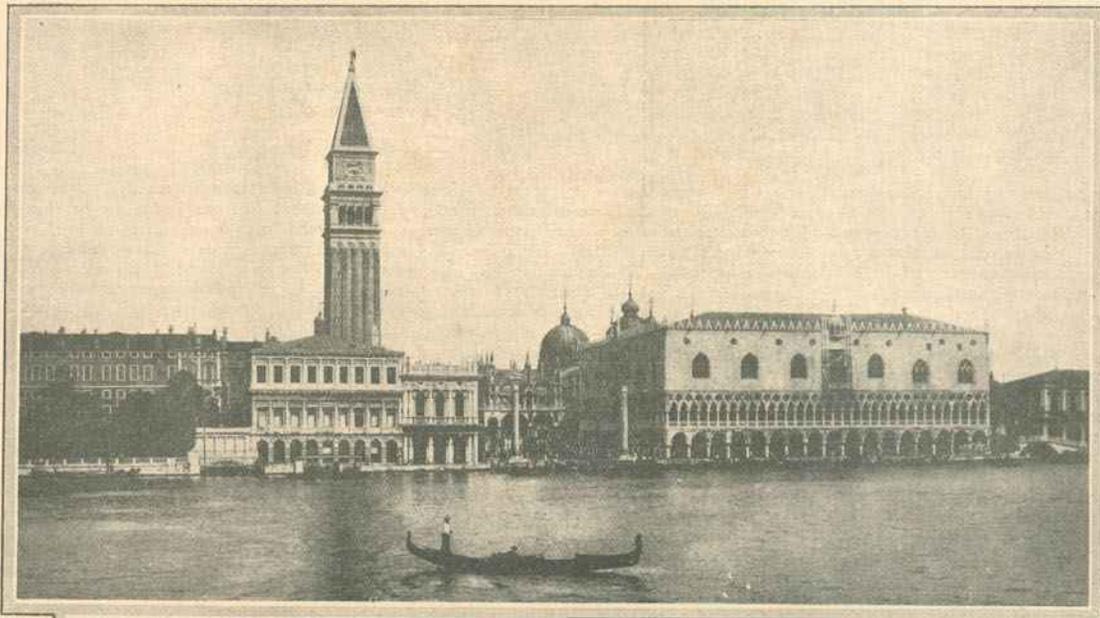


Ao sol criador, que nem por as fazer mais trigueirinhas  
lhes rouba parcela de encanto



Chapinhando na água, para arrelia das mããs à manciça antiga, que fragam seus meninos  
sempre empacotados em baetilhas

# PELO MUNDO FORA

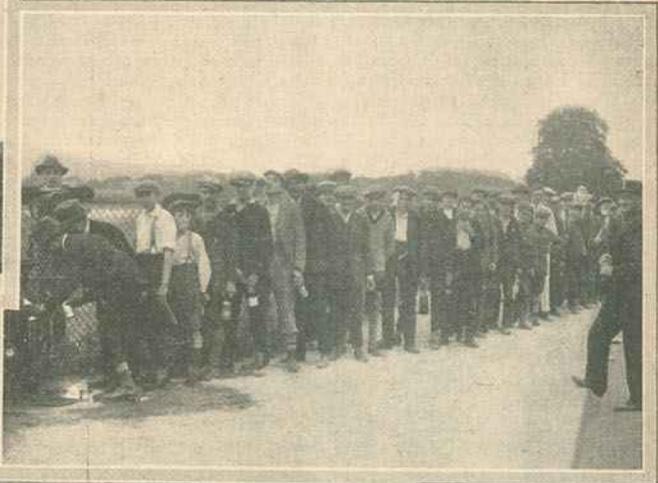


VENEZA — A felizíssima cidade dos artistas e amorosos: trecho do Grande Canal, fronteiro à praça de S. Marcos, vendo-se a «piazzetta» e o palácio dos Doges

(Cl. ENIT)

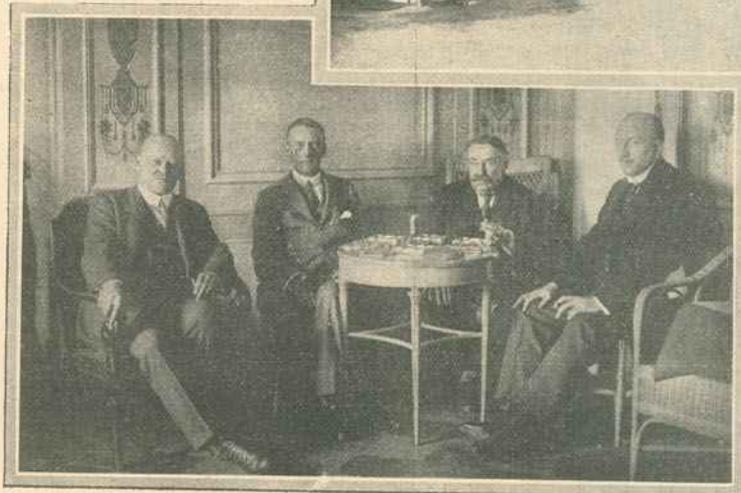


CONSTANTINOPLA — A célebre mesquita de Santa Sofia, que ameaça ruína



PARIS — Nestes dias de grande calor os frequentadores de Longchamp, em bicha e sob a vigilância da policia, mostram ser previdentes: fazem provisão de água para matar a sede durante o espectáculo

GENEVA — Depois do banquete à Imprensa, nos salões occupados no «Hotel des Bergues» pela delegação franceza à Sociedade das Nações: Da esquerda para a direita, os srs. Stresemann, Chamberlain, Briand e Von Schubert. Pode dizer-se histórico este grupo, por incluir representantes de povos ainda ontem irreconciliáveis e que nesta Assembléa mutuamente se mimosearam com palavras que tem a doçura dum *osculum pacis*



# FONTE DE AMOR, QUE O TEMPO EXAURIU...

**A**o receber a carta, e logo adivinhando quem era a misteriosa correspondente — com tanta insistência andara outrora aquele talhe de letra perante os seus olhos, — ele rasgou nervosamente o sobrescrito e, num misto de inquietação e curiosidade, leu:

Maurício:

Imagino o estado do teu espírito. Já esta manhã não vi o teu pequenito na praia — e isto foi o bastante para eu concluir que, reconhecendo-me ontem, quando o procuravas e o surpreendeste junto de mim, o tens agora enclausurado, no receio de qualquer procedimento vingativo da minha parte. No meio do maior sobressalto, julgas, naturalmente, que me proponho perturbar a felicidade do teu lar tranqüilo e invadir a tua vida com o meu despeito e a minha raiva de mulher desprezada.

Sossega, meu Amigo. Não me negues o direito de te tratar desta maneira. Este vocativo, que é um afago para a minha alma, tem ainda o préstimo de te assegurar que nenhuma ideia adversa à tua ventura me conduz ao escrever-te.

Admiras esta perfeita serenidade, esta atitude mais do que inofensiva, porque é verdadeiramente benfazeja, na mulher que, amando-te com a mais cega das paixões, com o mais impetuoso dos amores, se viu de súbito lançada à margem e, quando melhor saboreava o que há de belo no amor, se viu ferida em cheio, traizocivamente, na ilusão que constituía o único

atingiu-me o coração e fez amodorrar o fogo que nele ardia outrora em labaredas altas, quando, de encontro ao teu peito, a vida me parecia uma estrada lisa, coleando entre encantadoras paisagens e batida pelo sol a prumo.

Numa simples palavra, eis tudo: envelheci. Essa Olga um tanto estouvada que andou contigo a colher no jardim encantado do prazer braçadas e braçadas de rosas vermelhas, essa Olga que, vivendo a desfiar melancolias num palácio em ruínas, sob crepes de viuvez que nem ao menos podia derramar lágrimas sobre uns exponsais escolhidos pela sua alma, foi de súbito arrebatada pelo teu braço vigoroso, para correr em liberdade plena e na doçura inextinguível de se sentir muito querida, — essa Olga, pergunto eu agora a mim mesma, que é feito dela? A pobrezita teve pressa de saborear tudo, flores e frutos, sonhos e carícias, e desatou em carreira vertiginosa pela estrada fora. Em breve, era fatal, cansou. Foi isso apenas o que sucedeu. Coisa triste mas simples, bem própria dos nossos frágeis destinos no mundo.

Sem rancor, sem malevolência, olho agora os factos. Ah! mas não foi sempre assim, não! A princípio, movida pelo despeito, devorada de ciúmes (e tu bem sabes de que força era o meu ciúme, uma horrível doença, um verdadeiro delírio), não houve blasfêmia que eu não proferisse, nem praga que te não rogasse. Nada como o sofrimento para nos apressar a velhice, e, decerto, o que sofri então, esse mar revólto de ódio que dentro de mim cachoava, foi o principal motivo da rapidez assombrosa com que desde essa data comeciei a envelhecer. Dir-se-ia que os anos quiseram, a partir desse momento, tirar cruel desforra do muito que até ali me haviam poupado e da frescura de corpo e de espírito que a teu lado me haviam permitido gozar. Oh! o que eu sofri, o que chorei, o que me desesperei, quando, sobre a tristeza do teu afastamento, vim a conhecer à sua verdadeira causa!

Mas agora reparo que ainda te não disse o que pela certa ignoras e o que nem por sombras te passou nunca pelo sentido. No próprio dia do teu casamento, não só tive notícia d'êlo, como o acaso me condenou a presenciá-lo. É verdade! Desde que recebera a tua carta de despedida, entrara comigo uma tal tristeza, que permanecer no mesmo sítio uma hora sequer me era em extremo penoso. Quando em casa, parecia-me que me fariam bem o ar e o movimento; se saía, ambicionava imediatamente voltar; e em parte nenhuma encontrava prazer e sossego.

Nessa manhã, que me deixou um sulco sangrento na memória, o mesmo nervoso, a mesma ansia de vaguear, à toa, me levava para a rua. E encaminhando-me os passos para a igreja de S. Nicolau, em que algumas vezes, em pequena, pela mão de minha santa mãe que Deus tem, eu ajoelhei a balbuciar uma oração mal decorada e pior compreendida, — atrai-me o aparato exterior da cerimónia. Fiquei, cá fora, entre a multidão que se abria em alas, talvez por curiosidade apenas, talvez tocada por um presságio, não sei bem. O certo é que, decorridos instantes, o cortêjo rompia a porta do templo, — e a verdade concreta, a verdade brutal, patenteava-se a meus olhos: tu, o meu estremecido amante, tu, que eu trazia tão dentro da minha alma, — caminhavas, sorridente

e venturoso, apertando no teu braço o braço doutra mulher! Não sei se da garganta me saiu um grito, mas o que sei é que as lágrimas me saltaram logo dos olhos e que me senti desfalecer. E com o clamor festivo dos sinos a penetrar-me nos ouvidos, num ruído de gargalhadas demoníacas, fugi, fugi até encontrar um automóvel, que me conduziu a casa. Fechei portas e janelas, atirei-me, amarrada e febril, para sobre o sofá, e ali passei horas seguidas, com a cabeça entre as mãos, a sentir o peito despedaçar-se-me em soluços. A essa mesma hora, sem dúvida, tu beijavas tua mulher e bebias com ela, pela mesma taça, o inebriante vinho nupcial! E, pensando nisso mesmo, eu mordida os pulsos, arrepelava-me, rasgava os vestidos e cravava as unhas no meu corpo de abandonada, no paroxismo dum desespero que tinha qualquer coisa de loucura. Assim decorreram semanas, meses até, no mesmo obstinado encarceramento, e assistindo dia a dia, hora a hora, cada vez com maior pavor, ao declinar rápido da minha beleza, que era como os poentes bruscos de inverno. O desgosto e o tempo aliavam-se agora para acelerar a marcha dos aviltantes estragos. Cada ruga mais parecia-me um insulto, e cheguei a julgar que a dor que me chagava o coração não era mais do que uma espécie de vitriolo, que se alastrava também pelo rosto, a roubar-lhe a côr sádua, que embestia o cabelo, a embranquecê-lo, que se me assenhoreava dos lábios, a extrair-lhes o tom sanguineo e fresco, que invadia os próprios olhos, para lhes amotecer o brilho e a graça!

Mas, para que reerguer essas horas de angústia sem nome? Tudo já lá vai levado, no rio de caudalosas águas que é o tempo, onde tudo, prazeres e alegrias, tristezas e dores, tudo, enfim, mergulha, naufraga e se aniquila.

Depois, nunca mais soube nada de ti, nem mesmo o procurei saber. A perfídia, a ignominia da tua rotura — eu via-a então deste modo — só me inspiravam pensamentos de ódio. Queria-te mal com todas as veras. Oh! as desgraças que eu te vitaminei, as misérias que, torvamente, para consolo do meu infortúnio, invoquei sobre a tua cabeça e a daquela que, desprezando-me a mim, tu elegeras para esposa! Quasi tenho vergonha de lembrar isto agora, de recordar os mil ruins sentimentos que nessa época me agitaram!

Mas Deus, louvado seja!, não me escutou! Ele não é, como nós tresloucadamente as vezes supomos, executor de vinganças, nem instrumento das nossas mesquinhas paixões. Ele poupou-te à cólera do meu espírito — e ainda bem! Creio que és feliz, e só de pensá-lo (não duvides da sinceridade destas palavras) sinto reflexos de felicidade penetrarem-me toda. Quando nos miramos num espelho, muito limpo e batido de luz, não é verdade que entra em nós uma lida claridade que sabe bem e nos acaricia não só os olhos mas também alguma coisa de mais íntimo? É o caso, talvez.

Porque tudo mais tarde se tornou transparente ao meu raciocínio, mercê da profunda meditação que pude fazer sobre todas as circunstâncias do que se passara, — cheguei ao ponto de concluir que, teimando em me manter no terreno vulcânico do ódio, só produzia a



alimento espiritual da sua vida? É que, meu bom Maurício, o tempo, o grande desenganador e também o grande consolador, conseguiu já converter-me, impor-me a sua lei. É que os anos fizeram cair neve sobre o meu cabelo, — e essa neve, filtrando-se em mim floco a floco,

exacerbação do meu infortúnio e deturpava o exacto sentido da vida. Nada há na nossa transitória existência que tenha o dom da eternidade, nem as sensações nem os afectos. E também tudo tem a sua época, a sua primavera e o seu verão, para depois sentir a frigidez penetrá-lo, voltando ao nada, regressando ao seio da morte. Quem conseguiu já que floresçam cravos rubros, êbrios de cor, sob a luz pálida do inverno? O mais das nossas dores, acredita, toma por base êstes absurdos, em que nós, adultos, tanto nos assemelhamos às crianças que exigem brinquedos complicados, só existentes na sua fantasia.

Como culpar-te, portanto, se o destino quisera que nos encontrássemos e a minha boca se esmagasse, deliciosamente, contra a tua, só quando, indo tu ainda no limiar da existência, eu já avancara até perto do meio do caminho?

Eu, bela ainda, ainda na plenitude da saúde e conservando uma esplêndida frescura na minha carne, tive a fortuna maravilhosa de te saber prender, de te despertar desejo e ternura. Mas havia entre nós uma diferença de doze anos: tu eras uma criança que começava a ser homem; eu, a mulher que há muito atingira esse período cimeiro da vida. No momento em que, enamorados, nos enlaçamos as mãos para a voluptuosa ronda, essa diferença de idades não nos embaraçava, antes provocava um especial, um quasi indefinível encanto na nossa ligação: tu mordias um fruto em plena madurez, sumarento e doce; eu sorvia um pomo ainda incompletamente sazonado, com certo sabor acre, que me oferecia novidade. O contraste, dentro dêstes limites, aguçava mais a nossa mútua curiosidade, e de cuidadosos, gárrulos, como escolares em férias, andamos juntos pelo pomar da vida, espalhando beijos, aspirando sonhos, dessedentando-nos à farta na água cristalina do amor. Parecia-me então que tôdas as outras mulheres me invejavam, que tôdas elas te cobiciavam, e, nestes momentos, apertava-te mais sofredamente contra mim, ciosa, inquieta pelo futuro. E que eu, no meio da minha alegria, não deixava de pensar no que, afinal, veio a acontecer: eu havia de envelhecer um dia e isso — ai de mim! — muito antes do que em ti sucedesse o mesmo.

Era esse pensamento mortuário que se me levantava dentro do espírito, como nuvem negra que avança pelo céu azul. Como eu temia esse instante em que me olharias desconhecendo-me, em que tu, por mais delicado e piedoso que fosses, não poderias já ocultar a frieza e o desapontamento perante a visível e crescente ruína dos meus encantos? Oh! coisa horrível, apunhalante para a alma de toda a criatura que ama: espia-los olhos amantes e descobrir que no fundo dêles se amorcece a chama rubra do desejo!

Tu, subtraíste-me a essa dor-maior, a essa tortura extrema. Obrigado, meu Amigo. Antes que o sol entrasse na agonia, antes que surgissem prenúncios de noite, — colhestes o último beijo, que ainda teve a doçura dos beijos de sempre, e partiste, furtivamente.

Eu, que tanto sofri, eu, que te amaldiçoei então, hoje, que de novo te encontro, corro ao teu caminho e, como quem saúda um rei de cuja mão se receberam presentes magníficos, grito-te: bem-hajas! bem-hajas pelo que fizeste!

A nossa derradeira entrevista, quando a recordo, como me aparece nimbada de luz aural! Quiseste que saíssemos, e tu proprio me escolheste o vestido e me prendeste ao pescoço

o *sautour* de pérolas, dando-me na ocasião — não esqueço êste delicioso pormenor — um beijo muito longo na nuca. Jantámos em Sintra e, na volta, como já nascera o luar, o trem veio a passo, para melhor gozarmos a doçura que caía do alto e nos impregnava até o mais íntimo do peito. Depois, no resto do serão, já em casa, foste jorrante de carícias, gentil como nunca. Tive a impressão de que voltara anos atrás, às primeiras horas do nosso conhecimento, em que tudo eram surpresas e requintes de ternura.



Leste-me embaladores versos de Samain, sentaste-me ao piano, para ouvires mais uma vez o teu predilecto *Nocturno* de Chopin, e, por fim, à despedida, dir-se-ia que jámais as nossas bocas consentiriam em desprender-se. Encaminhavas-te para a porta, proferias o adeus, e logo voltavas irresistivelmente a enlaçar-me. E esta scena repetiu-se, sei lá quantas vezes! Oh! êsse divino serão — pórtico de ouro sobre um abismo de sombras — como se aviva ainda na minha lembrança!

Porque a impressão que tenho agora do abandono em que fiquei, é esta apenas, cheia de suavidade e consolo: apartaste-te de mim sem tédio, e se alguma vez a tua memória se voltou para o passado, não se eximiu decerto a um assômo de saudade. Quanto a mim, é de saudades que ainda vivo. Cerrou-se a noite sobre a minha vida, mas — graças ao amor que me dêste! — essa noite é admiravelmente tranqüila e recamada de estrelas! Contemplando a amplidão cheia de recordações, astros que fulguram no escuro, sou novamente feliz, doutra maneira bem diferente, é certo, mas, em todo o caso, feliz. Porque haveria eu então de odiarte agora, Mauricio, porque?

Por último, veio o teu pequenito, embora inconscientemente, proporcionar-me mais uns instantes de venturosa ilusão. Quando o vi na praia e, atraída pelo seu lindo rosto, o chamei para mim e lhe perguntei o nome, ao verificar, com a surpresa que calculas, que era teu filho, — não foi nenhum impulso mau, nenhuma idéa inferior, que me tomou. Sentí, bem pelo contrário, uma alegria inédita apossar-se de mim toda. E, embalando-o nos meus braços, aninhando-o no meu colo, cerrei os olhos ao que sou no presente, esqueci-me de que sou um mero fantasma, e remergulhei no passado, para sonhar, para ter melhor a ilusão de que se convertera em realidade a mais veemente aspiração da minha alma

de amorosa: ter um filho teu. Deus não o quisera nunca. Mas com o teu Ricardito de encontro a mim, vi êsse belo sonho corporizado, êsse sonho de ternura maternal que representa tudo o que de mais alto e puro é dado sentir a um coração feminino.

Mas, — parece impossível — o que eu escrevi! É tempo de te dizer adeus, o adeus definitivo, asseguro-te. Uns meses após a tua fuga, desfiz-me de tudo quanto possuía na cidade, e recolhi-me à aldeia branquinha, entre serranias, onde nasceram e morreram meus pais, e onde tenho umas terras de sementeira e uma casinha hospitaleira. Fui encontrá-la meio arruinada, mas reconstruí-a e, para quebrar a minha solidão, fundei nela um hospício, para velhinhas pobres. Que santa paz, a que ali se goza! É aquela a minha nova família. Para junto dela volto agora, — mais contente, com uma provisão de encanto que me há-de chegar até a hora da morte. A ti a devo, a ti e ao teu Ricardito, que estremeço como se o tivesse trazido nas minhas entranhas. Que sejam, pois, felizes, ambos! Que Deus vos abençoe!

Afirmo-te que nem mais um dia me demorarei aqui. Para quê? Tendo vindo apenas para assistir as partilhas duma inesperada herança, está finda a minha missão. Volto a assegurar-te que não mais me verás. Parto esta mesma tarde. Podes, portanto, libertar o teu Ricardo, que por minha causa, coitadito, ficou desde ontem privado do tonificante ar da praia.

Recebe o último adeus, muito saúdoso, da que foi a tua

OLGA.

*Ao findar a leitura, Mauricio, que não era de modo nenhum um cínico, e, antes, pela compleição delicada de seu espírito, bem poderia considerar-se um sentimental, talvez mesmo com os seus fumos de romântico, estava cheio de irreprimível comoção.*

*Via agora bem que mais uma vez usara de injustiça e de ingratidão para com aquela mulher carinhosa, ao supô-la capataz de, por represália, lhe maltratar o filho, quando na véspera à tarde fora encontrar nos braços dela o pequenito, e ambos sobre um rochedo que as vagas quasi por inteiro estrangulavam.*

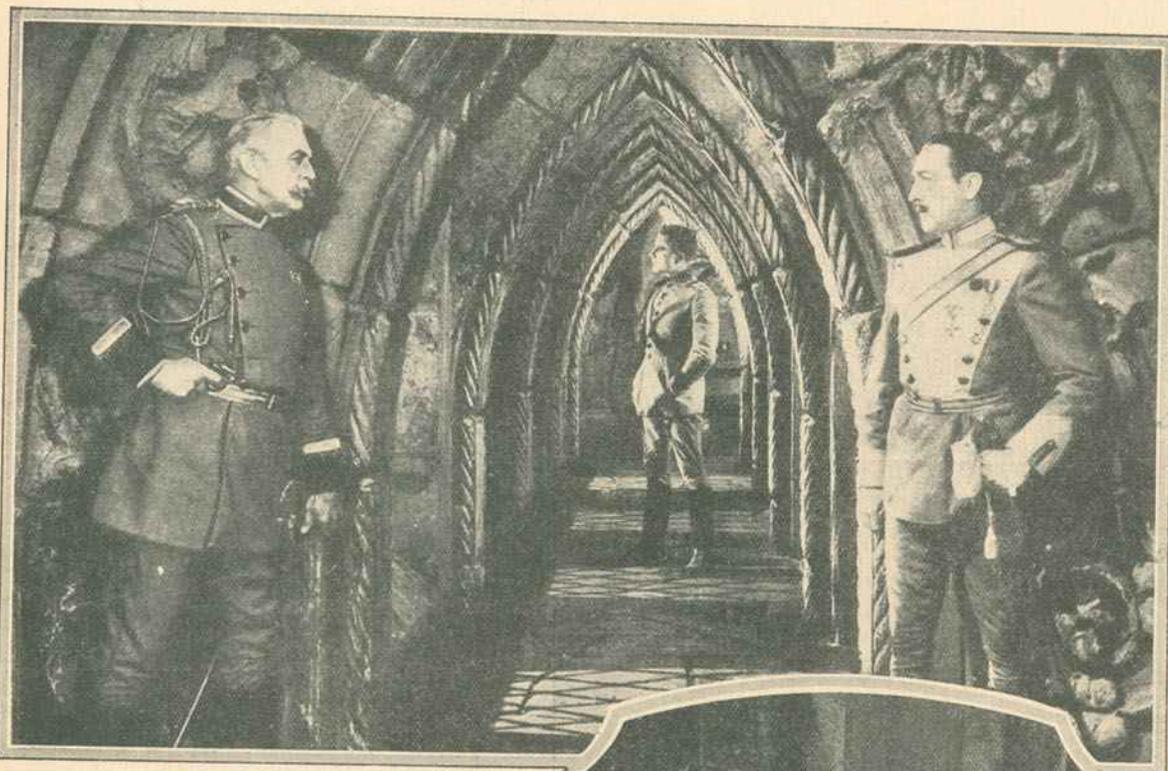
*Pobre amiga, sacrificada ao seu egoísmo e que, generosamente, surgia a bem-dizer todo o mal recebido: passara um dia pela vida dele, só para lhe mitigar a sede de voluptuosidade; e agora, fonte de amor que o tempo exariu, voltava a camunheira, discretamente, não para o amaldiçoar, nem para se queixar sequer do seu procedimento cruel, mas tão somente para lhe enviar ainda palavras aromadas de saudade, cândidas palavras de ternura e de perdão!*

*E como nesse instante sua mulher e Ricardo entrassem na saleta em que Mauricio acabava de assistir à ressurreição, como que velada por um véu cor-de-lilás, do mais encantador episódio amoroso da sua mocidade, — mal tendo tempo de esconder num dos bolsos a volumosa carta, correu para êles e, num grande ímpeto de alegria, estreitou-os a ambos no mesmo abraço. Sentia-se singularmente feliz, feliz como nunca, com a alma leve como leve pluma, de todo liberta de culpas e remorsos.*

*Como é bela a vida — pensava êle — quando a luz do amor a ilumina de polo a polo e se adquire a certeza de não existir no mundo um unico pensamento adverso à sua expansão e pulcritude!*

CÉSAR DE FRIAS.

# CINEMATOGRAFIA



O coronel Sapt, ameaçando Rischenheim de morte, evitou que este entregasse a carta terrível a Rodolfo V

## AS JOIAS DA CINEMATOGRAFIA

«ROBERTO DE HENTZAU»

Interpretada por Elaine Hammerstein (Rainha Flávia), Bert Lytell (Rodolfo de Rassendyll) e Rei da Ruritania, Lew Cody (Roberto de Hentzau), Hobart Bosworth (coronel Sapt), Claire Windsor (Helda), Adolfo Menjou (Rischenheim), etc.

No reino da Ruritania, graves acontecimentos tinham assinalado o advento de Rodolfo V, monarca fraco e homem degenerado. O seu irmão bastardo Miguel «O Negro» prendera-o no castelo de Zenda antes da coroação mas os dedicados amigos do monarca, obtendo a cooperação de Rodolfo de Rassendyll, primo de Rodolfo V e que com ele se parece como duas gotas de água, fazem com que o sócio do fraco rei seja coroado no dia aprazado e tome as rédeas do governo. Rassendyll, valente e enérgico livra o rei e mata Miguel mas deixou perdidamente enamorada d'ele a princesa Flávia, noiva de Rodolfo V que, quando o primo do soberano se retira, terminada a sua missão, pensa ligar os seus destinos ao d'ele. A razão de Estado opõe-se, tanto mais que há que guardar absoluto sigilo da comédia da coroação e Flávia casa com Rodolfo V. Três anos depois, a conduta do rei e o abandono em que a deixa para correr aventuras indignas, obrigam-na a escrever a Rassendyll que está em Inglaterra, enviando-lhe o seu derradeiro adeus e descobrindo-lhe o seu grande amor. Flávia confia esta carta ao seu leal amigo e servidor o capitão Tarlenheim que deve entregá-la em pessoa a Rassendyll numa entrevista secreta que devem ter em Wintenberg. Entretanto, o braço direito de Miguel «O Negro», o grão duque Roberto de Hentzau que fora perdoado pelo rei Rodolfo comutando-lhe a pena de morte em desterro, vivia oculto, com seu primo o conde de Rischenheim, na «Hospe-



É a amorosa Flávia pôde enfim ouvir a confissão de amor de Rassendyll



VISCONDE DE MENESES

Retrato da Viscondessa de Meneses (Carlota)

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA



O pequeno Jean Forest, criador de «Gribiche» e «Visages d'enfants» considerado o mais extraordinário intérprete do seu género

daria da Senhora Holf» da cidade de Streslau, a linda capital da Ruritania. Roberto teve notícia da carta da rainha para Rassendyll por um seu apaniguado que estava ao serviço de Tarlenheim e julgando que, apoderando-se da carta e entregando-a ao rei, se congratia com este obtendo a revogação da pena de desterro, dirigiu-se com os seus cúmplices para os arredores de Wintenberg, assaltou Tarlenheim e roubou-lhe a carta. Tarlenheim, gravemente ferido foi conduzido a Hospedaria do Leão d'Ouro onde o esperava o nobre Rodolfo de Rassendyll, a quem conta o sucedido. Este, compreendendo

que a honra da rainha está em perigo, parte para Zenda, residência real, passa a nado os fossos do castelo e sem ser descoberto apresenta-se ante o coronel Sapt, ajudante do rei mas que ama como um pai a desditosa rainha. Pelo velho coronel, sabe Rassendyll que Rischenheim, aliado de Roberto, obteve uma audiência de Rodolfo V para a manhã seguinte. Convencido de que Rischenheim quer entregar a carta ao rei, Rassendyll, aproveitando a sua perfeita semelhança com o monarca, num golpe de audácia substitui-se a seu real primo mas quando vai receber a carta das mãos de Rischenheim, anuncia-lhe que se aproxima o verdadeiro Rodolfo V. Rischenheim descobre então a subtil rede em que ia cair mas Sapt declara-lhe que, se revelar ao Rei o sucedido ou lhe entregar a carta, o mata imediatamente. Rassendyll oculta-se, o rei chega e um ajudante de Sapt obriga o cúmplice de Roberto de Hentzau a dirigir-se sob custódia ao pavilhão de caça, mas Rischenheim foge no caminho. Rassendyll e o coronel Sapt, que descobriram o esconderijo de Roberto de Hentzau, telegrafam-lhe em nome de Rischenheim para que venha ao pavilhão de caça com a carta original, pois haviam verificado que o cúmplice trazia apenas uma cópia, dizendo que o Rei ali o espera. De novo Rassendyll se substitui ao monarca mas de novo a chegada inesperada de Rodolfo V inutiliza os seus esforços. O Rei, ao ver Roberto a quem não tinha chamado e a quem tinha imposto o desterro, é assaltado por grande cólera, bate-se com o infame, mas morre às mãos d'ele. Rassendyll, prossequindo nos seus esforços e sabendo que Rischenheim fugiu, segue-o até se convencer de que não o pode apanhar em comunicação com Roberto. Depois, em casa de

Tarlenheim, encontra-se finalmente com Flávia a quem também sempre amou. Roberto, depois de matar o rei, volta a Streslau e surpreendendo a entrevista de Rassendyll e Flávia ameaça-os por intermédio de Rischenheim de revelar o escândalo dos seus amores, na praça pública. Rassendyll apodera-se do mensageiro e vai dar resposta em pessoa ao ambicioso Roberto que entrará no palácio e se instalará ali. Tomado novamente pelo rei, Rassendyll entra impune até à sala onde está Roberto, bate-se valentemente com ele e acaba por lhe dar castigo justo da sua maldade, matando-o. Lê então a carta que Flávia lhe enviara e que o morto tinha consigo e depois lança-a às chamas salvando a honra da rainha. Sabida pelos íntimos a morte do Rei, o coronel Sapt tenta persuadir Rassendyll a ficar no trono da Ruritania. Mas o nobre fidalgo renuncia a tão grande honra e volta para a Inglaterra onde Flávia irá encontrar-se com ele e dar-lhe, com o seu amor, o justo prémio da sua nobilíssima heroicidade. — (Produção Warner Brothers).

O primeiro filme de Gloria Swanson para «United Artists» será «O batalhão da Morte» e o seu realizador será E. A. Dupont, genial encenador que foi da U. F. A. de Berlim e que executou o maravilhoso filme «Varietés».

«Carvalho-Luso Films» apresentou em sessão privada no Salão Central um grande documentário «Os portugueses na Califórnia», seis actos de boa técnica e sã intenção que ficam bem no

Balfour. Assim, Lord Terrington será a vedeta dum filme que será executado em Nice e Yvor Montagu, filho mais novo de Lord Swaythling, será o «leading-man» de Constança Talmadge se esta efectuar o seu contrato com «British National Pct».

Fala-se intensamente na volta às lides cinematográficas de Francesca Bertini, a gloriosa actriz italiana que se retirara por... abundância de idade. Diz-se que é uma firma francesa que a contratará, certamente para realizar um truque comercial deveras condenável, artisticamente. O filme será «O fim de Monte Carlo» do romance de Paul Poulgy.

Marcel L'Herbier o cinéasta de «avant-garde» que o nosso público admira desde «El Dorado» e «A Deshumana» foi agraciado pelo governo francês com o grau de cavaleiro da Legião de Honra. Também recebeu o grau de comendador o romancista cinematográfico Artur Bernède, autor de «Judex», «Impéria», «Surcouf», «Vidocq», «Mandrino», «Jean Chouan», etc.

Fomos convidados para assistir à filmagem de várias cenas da obra portuguesa «O diabo em Lisboa» encenada por Rino Lipo e fotografada por Artur C. de Macedo e cujo argumento conhecemos por gentileza dos seus realizadores. Representando um esforço apreciável pela cinematografia portuguesa, é justo que «O diabo em



Depois do «Monte Carlo» de Bethy Balfour, a Metro filma um outro «Monte Carlo» com Lew Cody e Eleanor Boardman. É uma scena desse filme de requintada elegância

arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros como prova da enorme vitalidade da raça quando transplantada em terra de mentalidade progressiva.

Parece que várias individualidades da alta nobreza inglesa vão interpretar filmes, seguindo o exemplo de Betty Balfour, sobrinha de Lord

Lisboa» triunfe plenamente, sendo estes os nossos votos.

«Warner Brothers» os grandes editores de filmes, apresentaram no «Warner Theatre» de Nova York a sua obra prima «Don Juan» com John Barrymore, acompanhado do novo invento «Vitaphone, sendo o preço de entrada dez dólares por pessoa fora os impostos!!..



Um trecho dos Pirenéus

**A**BRANCAMOS de Pau com o primeiro al-môço. Passámos em Lourdes à hora do banho nas piscinas. Paralíticos e leprosos, sãos e doentes banham-se na mesma água, sem que os doentes contagem os sãos.

A inestética traça arquitectónica da Basilica uma vez mais me fere a retina. Reparem, por favor: — uma torre alta e esguia. Duas torres baixas aos flancos. Estas e aquela com as suas flexas esguias ao goito de rôlhas facetadas. E a aguentar as torres vê-se o macisso do templo, sustentando ainda, no átrio superior, a cúpula vidrada duma clarabóia. É exactamente um galheteiro de faiança. E até a cúpula faz de tampa do salerio.

O autocar, corpulento e cómodo, afronta o colo da montanha por suave trilho alcatroado, a brilhar à nossa frente que nem lâmina temperada em Tolêdo. Estamos no condado opulento dos fortes e altivos barões da Idade-primeira: — êsses picos intratáveis, inchados do orgulho duma árvore genealógica coeva da terra informe e vasia do princípio, que parecem olhar-nos lá de cima com enfado.

Ora! Se nem nos vêm! Nos seus altos domínios, lado a lado de ventres paquidérmicos, na ruga de torsos ciclopícos, somos poeira sem forma num pé de vento. O mais que poderemos parecer-lhes, na escala das proporções, é a abelha na faina de conduzir ao cortiço as matérias primas do seu labor: — a abelha, o carro; nós, o infimo pólen do quotidiano fabrico.

Perdão. Preciso lavar apostila à margem da escritura. Eu, moreno pálido e picado das bexigas, na composição química do pólen, correspondo à cêrca. O mel está no meu parceiro, o Eduardo Correia de Barros, contemporâneo nas letras secundárias do liceu e nas sciências superiores da Universidade, que segundo o tom loiro do cabelo veio directamente do Himêto. E está ainda nas duas senhoras inglesas que o ágil insecto transporta e cujas tranças enroladas são já favos de fino mel.

Na verdade o autocar voa, zumbindo, curveteando, como pede a regra no vôo das abelhas.

A estrada brunida semelha assim a clareira aberta ao tráfego da laboriosa na espessura do arvoredo — arvoredo de que trajam môrros e vertentes.

Seguimos em contra corrente o caminho ensinado pelo *gave* de Pau, todo em águas tão transparentes que nem se perceberiam, se as não denunciasses a espuma dos declives. Na companhia da estrada, aproveitando também a lição do *gave*, marcha a via eléctrica, na amizade de camaradas em passeio dominical. Por vezes caminham ombro a ombro para tornar mais fácil a jornada. Encostam-se a cada passo, o que está na tendência de quantos marcham a par. E o que vai da direita, passa de súbito à esquerda. O da esquerda dobra à direita. E ora é o *gave* ora a estrada quem segue ao meio dos companheiros.

Ha momentos em que a gente se convence de que não é por amizade, antes por medo, que se procuram uns aos outros: — pois na união cresce a força. Porque até nós, os que temos ásas para voar, estremecemos de receio diante da catadura colérica de certos donatários da região.

Isto quanto aos picos ensoberbecidos por contarem aos dois mil, aos três mil os metros da sua estatura. Que cá por baixo, no fôfo acolchoado dos vales, tudo vem para o hóspede recém-chegado com tão fraterno sorriso que logo lhe toma a confiança.

As árvores têm a feição doméstica das da nossa família. Os rebanhos traem à primeira vista a inocência dos de Abel. E vilas e aldeias só nos não abrem as portas e nos não dizem — entrai! por não estar nos costumes deter quem segue com tanta pressa.

— Eduardo! Watteau! Um quadro de Watteau! — brado, com aprazimento das senhoras inglesas, que sublinham sorrindo as minhas vozes de acalorada surpresa, ao descobrir em baixo, no veludo da relva, uma pastora de chapéu de figurino entre ovelhas de lá alva e mais crêspa do que o envelado das espumas.

Então, no silêncio da minha alma, zelozo das virtudes que lhe são próprias como devoto em capela no culto da sua Senhora, eu rezo, uma a uma, as bondades da montanha, minha mãe.

Perdoai-me, filhos da planície, nados e criados na terra fácil que igualmente se dá ao arado e ao automóvel, ao natural e ao forasteiro, a todos por igual e ao primeiro encontro revelando graças e oferecendo primores — perdoai ao filho da montanha a cegueira do seu amor!

## DE PAU A GAVARNIE

A montanha, que quereis? acho-a o melhor de toda a obra dos seis dias da Criação.

A planície, bem sei, é a irmã mais nova da imensidade. Horizontal, interminável, na profundidade das suas distâncias o mesmo sol se reduz à espessura das brazas: — apouca-se à humildade da braza, entre cinzas, no nascer e no morrer.

O mar? Não sou eu que o nego. Tem movimentos épicos de Campeador e maneiras cavalleirescas de menestrel. Mas quem o frequenta uma temporada, logo lhe fica sabendo a vida inteira. Depois, basta observar um barómetro no resguardo da nossa casa, para andar ao corrente do período das suas fúrias, para não errar a hora dos seus madrigais.

Ao passo que a montanha... não há duas que se pareçam tanto que possamos tomá-las por gémeas. E não há ninguém que tendo convivido na intimidade duma delas durante o inverno, a adivinhe na aleluia da primavera, ou que pelo verão engalanado tire os cromatismos do outono.

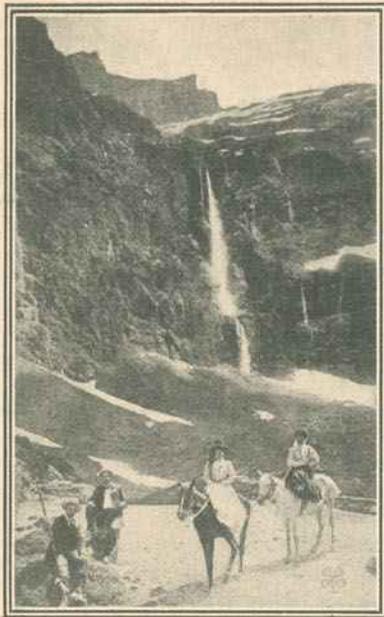
Vêmo-la a distância. Mostra-nos a fisionomia severa das graves matronas que por seus pun-donores ficaram na história. Não nos fita sequer, como ofendida de a olharmos sem a devida vênia. Enorme, quasi negra, muralha na hostilidade e necrópele no silêncio, não nos deixa suspeitar um idílio, não nos consente a suposição dum gorgeio.

Final, abeiramo-nos das suas faldas de mimosos setins. Revelamo-nos dignos das suas franquezas de reservada. Requestramos-lhe as confidências. Namoramos-lhe o coração. E torna-se umas mãos rôtas. E diz-nos todos os seus segredos. E enche-nos de custosas dádivas. E cumula-nos de sádios contentamentos.

Aqui surge-nos o môrro agressivo, armado do seu cutelo ou da sua lança, no ar esfingico e mudo da sentinela. Visto de quilómetros afigura-se-nos na nudez de Job perdido o património dos seus bens.

Aproximamo-nos em continência. O tom negro da distância vai resolvendo em verdes oleosos. Do empastamento das manchas glaucas começa a destacar-se a pelagem do arvoredo, pelo menos o setim das pastagens. Daí a nada, o môrro agressivo da perspectiva longínqua, aparece-nos convertido em bom amigo, em patriarca hospitaleiro, a ensinar-nos o caminho para as maravilhas ocultas no refêgo das gargantas e no seio dos vales. É do nascente a aparecer-nos a várzea com o seu recorte de cesta transbordante de primicias. E do poente um maciço de choupos felizes a darem-se as mãos, a dançar jogos de roda. A música para a dansa tocam-na as cascatas, as duas, as quatro, tangendo as suas clássicas avenas de cristal. E tudo, em torno, desde a árvore à cabana, esta cravejada no engaste de hortas e pomares, se sente tanto na plenitude da ventura sem mais ambições, que os próprios carneiros, êles próprios, com os dias contados pelo magarefe, saboreando o apetitoso prato das relvas com môlho de puro orvalho, vão comendo, vão aceitando com a cabeça, e dizendo uns para os outros:

— Belo petisco! Não há melhor. Nem à mesa d'el-rei.



O circo de Gavarnie

Como é do domínio público, o rei dos carneiros traz de longa data o cognome de pastor. E na verdade, nem o pastor, no pão e no prego da sua sacola, guardou nunca bocado tão grato como aquele mimo de relva: — que chega a desafiar o apetite dos mortais mais crentes na sua imortalidade.

Vamos avançando sempre. Uma trincheira imensa, com as suas ameias de rochedos, com as suas torres de granito, barra-nos inesperadamente a passagem. De escura, ao alto, com farripas esparsas de neve, lembra as cabeças de meia idade no começo do embranquecer.

A primeira impressão convencemo-nos de que ali é que é o cabo do mundo: — para lá daquilo não poderá haver senão azul e sombra. Mas chegamo-nos à sua epiderme rugosa. Afagamo-nos-lhe a espessa pelagem. E como ao poder das palavras cabalísticas do conto árabe, — abre-te Sezamo! — a trincheira recua ao nosso lado, o horizonte dilata-se à nossa vista, e julgamo-nos outra vez no paraíso. São presépios de cabanas no regaço das ravinas. São tabuleiros de hortas ao grangeio dos naturais. São fios de água, descendo e cantando, que no seu dorso semelham pespontos de linha branca. São rios caudalosos, correndo e bramindo, que levam a vida à secura das plúncies.

É assim mesmo. Já me esquecia. Ter-me-ia esquecido se mo não lembrassem aqueles rios. A montanha maternal, vendo ao longe a pobre planície, sem uma sede de água e sem um palmo de vergel, ainda lhe manda a abundância das suas sobras nos rios que lhe tonificam o organismo e lhe tornam a casa farta.

— *Mater Amabilis! ora pro nobis!*

— Saint-Sauveur! É um encanto! — anota, em surdina, maravilhado, o meu companheiro.

Acordo da ladainha em mercê da montanha. É um encanto, não há dúvida, este bocadinho de cidade encrustado no âmago da cordilheira. A povoação reduz-se a um vasto hotel, com muitas e várias casas, todas em conferência de contas à beira da estrada. O melhor não está, porém, propriamente na povoação, que se de-

bruça de abismos profundos, que ouve o gawe, de águas de leite, noite e dia a seus pés confessando-lhe alvoroços de namorado.

O melhor está na moldura de primorosa talha em que o destino a encerrou: — nos cerros e nos precipícios, nos picos fronteiros e nos regalos do vale. E no ar que se respira. Também no ar — esse ar eternamente calmo, esse ar milagrosamente doce, que elevou Saint-Sauveur à dignidade de sanatório das senhoras histéricas. Pussem Helena em Saint-Sauveur e não teria ardido Troia. Cleópatra, neste banho emoliente, não daria que falar à história.

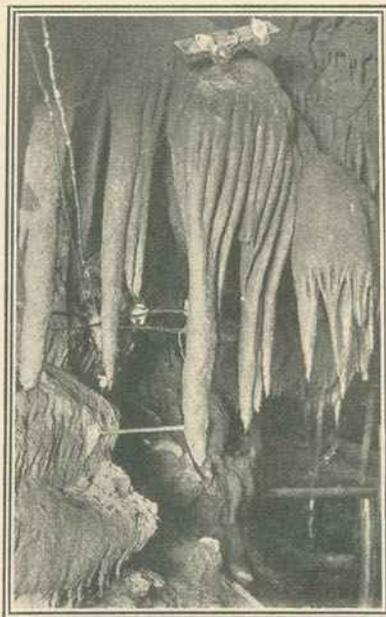
Por todos os lados, nas afamedas, nos hotéis, descobrimos senhoras nervosas, recostadas em preguiçadeiras, no ofício leve de temperar de suavidade os nervos destemperados.

Por contraste, que não há nada para contraste como o viver da montanha, à porta da igreja, nos muros da casa do Senhor, encontramos afixados pasquins incendiários. São contra o *mair* da localidade. Palpitam de coriscos rabiando entre graniso.

— *Maire de Saint-Sauveur! Vous êtes un trompeur! Tartuffe!*

Um pouco ao tópo do povoado transpomos o gawe sobre a ponte de Napoleão. Os guias dão-lhe certificado de ponte mais alta do mundo. O certificado não mostra a assinatura reconhecida. O que nos fica na memória de verídico, ao transpô-la, é a sensação do abismo. Dum arco só, as extremidades fincadas em dois gigantes rochedos perpendiculares ao turbilhão da torrente, a vista turva-se-nos ao medir-lhe as alturas.

O autocar, nas agruras da subida, neste lance a mais de mil metros acima do nível dos vales, zumbe no esforço que nem enxame no



As grutas de Betherram

seu vôo nupcial. E a via alcatroada, lá em baixo clareira rasgada no arvoredor, torna-se aqui uma espécie de corda bamba, lustrosa de inúmeras passagens, a balouçar sobre a aresta dos despenhadeiros.

Atingimos Gavarnie. A providência francesa

nem nas altitudes da neve e do silêncio nos esquece. Logo nos procura, e nos acredita os seus hotéis, e nos afiança a sua cozinha.

A vegetação exuberante dos choupos e castanheiros dos fundos, sucede-se a bronzea carapinha dos pinheiros alpinos. A relva é que não mudou de carácter. Ou se mudou, foi para mais afável. As vertentes são esmaltes flamengos com estaladuras ao de cima: — os cabeços cobertos de neve eterna. O verde das vertentes, de macio e brilhante, irradia a luz das esmeraldas.

O Circo de Gavarnie fica a mais dum quilómetro do povoado. Seguimos a pé, tropeçando nos pedregulhos do carreiro de cabras. E chegados ao termo da escalada, crostas espessas de neve no chão, com o aspecto de paches de algodão em rama encharcados, o horizonte cerrado pelos planos sobrepostos do circo em anfiteatro, reconhecemos a realidade sensivelmente diminuída pelo sonho.

Disseram-nos maravilhas. Esperavamos o impossível.

Porque o circo, sejamos razoáveis, desde que os olhos vão um pouco pelo trilho da imaginação, tem qualquer coisa, isso tem, dos anfiteatros dos Césares na velha Roma. Restos informes de bancadas. Se quisermos, porticos negros de beluários. Também as tribunas privativas dos do Senado.

A brancura da neve, essa sim, aos farrapos, aos bocados, é que nos sugere com nitidez a visão alva das vestais, nas suas pulcras túnicas de seda, assistindo às lutas e aos sacrifícios.

E a cascata grande. Caindo de quatrocentos metros de altitude, parece uma das colunas de mármore, a desfazer-se, a pulverizar-se, em que a tribuna do César assentava. Aproximamo-nos — é uma coluna de puríssimo alabastro. Afastamo-nos: é um fluido em suspensão, quase um fio de névoa.

Duas águas reais, como se as saltassem das colunas do circo em que foram emblema imperial, atravessam, do Mont-Perdu, ainda na França, para o pico de Marbre, já na Espanha.

Na descida, mais perigosa do que a subida, o carro sibila o seu zumbido de insecto alado. De novo Saint-Sauveur. Outra vez Pierrefitte. Turbinas por toda a parte. Por toda a parte fios de alta tenção. A passagem por Lourdes o dia está a desmaiar. Metemos a Betherram, onde há grutas de quilómetros de profundidade, com cavernas como catedrais, com canais como os de Veneza, com salas assentes em estalactites que parecem colunas coríntias, com tectos pingando estalagmites que lembram trombas de elefantes.

O sol sumiu-se para além dos cumes. Bem, já a lua se levanta do lado contrário, a substitui-lo na arte de nos ensinar o caminho. E come vem triste, a sacrificada! Ah, eu sei. Virgem e frágil, lua nova, o sol ufanava-se todo de a levar pelo braço. Mas o sedutor começa a vê-la engrossar. E começa ele por sua vez a afastar-se, deixando-a ficar para trás. Assim, agora lua cheia, pesada que nem Maria ao acolher-se a Bethlem, só aparece dum lado, mais desolada do que Maria sobre a perda do Filho Morto, à hora em que do lado oposto desaparece o infiel: — um valdevinos, sempre à busca das estrélas, que não querem nada com o D. Juan.

Olha, elas aí veem, rútilas e puras, depois dêle se afastar, a ajudarem-nos na nossa jornada...

Sousa Costa.

## O «POVERELLO» DE ASSIS



IMAGEM DE «TERRA-COTTA» ATRIBUÍDA A LUCA DELLA ROBBIA, DA INSIGNE DINASTIA DOS ESCULTORES DE «QUATTROCENTO»: DIZ-SE QUE O ROSTO É CÓPIA DA MÁSCARA DO SANTO, OBTIDA QUANDO DA SUA MORTE

**A**BREM-SE seus olhos à luz do ano de 1182; na velha cidade de Assis, erigida de construções feudais, no meio dessa Umbria de maravilhosos arvoredos e de águas cristalinas e cantantes. Filho de um opulento mercador, nem sombra de miséria tolda a sua infância e a sua adolescência. Vestido de ciclatão e mais estofos de preço, ostentando jóias de mirífico labor, cavalgando ginetes ricamente gualdrapados, corre-lhe perdulário e folgazão êsse período moço da existência. Com o ouro a escoar-se-lhe dos dedos ociosos como a chuva se despenha das nuvens, do escol da nobreza com quem acamarada mui pouco o distancia, tamanha pompa a da sua veste, tanto o garbo da sua figura, tão a primor suas falas e maneiras. Mulheres de estonteadora beleza, vinhos de

raro sabor, o jôgo com suas alternativas caprichosas, a nenhum destes ou doutros refinados prazeres mundanos os seus sentidos despertos se mantêm alheios, e nem sequer lhe faltam honrarias de guerreiro, pois ingressa nas hostes que a sua cidade envia contra Perugia.

Bastas vezes, todavia, em meio dos seus regalos, um assômo de comiserção e ternura pelos pobres o invade. Em muitas ocasiões o surpreendem a despojar-se do manto em favor de um mendigo e a fazer partilha do recheio da sua bôlsa pela multidão dos andrajosos e famintos, prodigalidades que seu pai, o Pedro Bernardone tão avaro e soberbo, menos perdôa do que os desperdícios que originam luzimento e fama de faustosa para a sua casa.

Um dia, porém, a doença acomete-o. Entre medonhos sofrimentos, a vida periga-lhe. E quando, salvo, entra na convalescência, uma espantosa mudança patenteia seu espirito. Eis o prelúdio da beatitude. Começam então a enfadá-lo o mundo e o seu tumulto, afasta de si a estouvada côrte que sempre o apageava nas orgias, passa a dar preferência à companhia dos pobres, quando se não entrega ao prazer

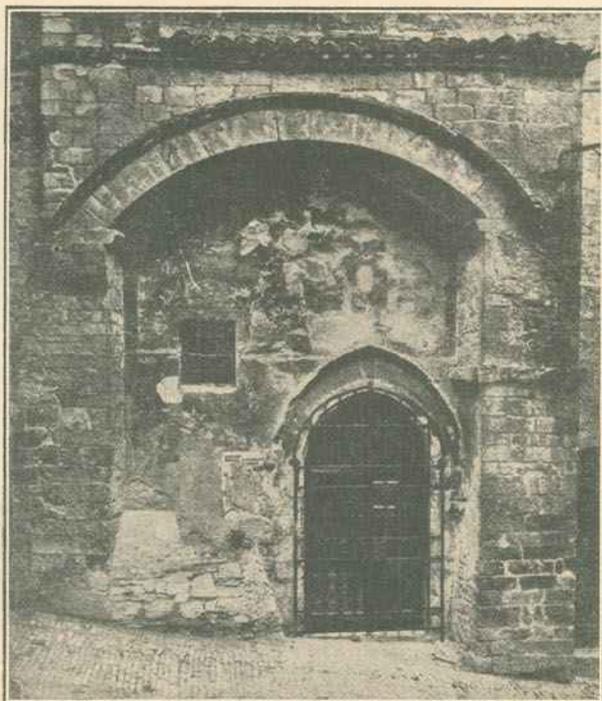
inédito e inefável da solidão, no recêso dos bosques. E de renúncia em renúncia, cada vez a sua alma mais entregue a sentimentos de piedade, acerca-se dos leprosos, lava-lhes as chagas, acarinhá-os com abnegação fraternal.

Já sôlto da autoridade paterna, que um dia o quisera fazer encarcerar

como doido, exorta à pobreza, à castidade, à obediência única à vontade divina. Que o sigam bastantes discípulos não tarda, como não tarda que as conversões se multipliquem à sua volta, exactamente como sucedera outrora, na Judeia, em tórno do doce Nazareno, seu mestre e guia.

Vê então ensejo de fundar a nova Ordem, a Ordem franciscana, cuja regra, alheia aos silogismos da escolástica e à rigidez dos dogmas, assenta apenas na prática espontânea dessas três virtudes. É, portanto, a simplicidade tocante dos evangelhos que ressurgue; é o fogo do cristianismo puro que, sob o seu bafo inspirado, aviventa a áurea chama.

Já, ao afago da sua abençoante mão, terras da Itália fora, desde Perugia a Spoleto, desde a Toscana ao último dos contrafortes dos Apeninos, os milagras florescem. Alvorçam-se os espiritos, reanimam-se as creanças. E o Santo segue no seu apostolado original, mais feito de acção do que de doutrina, trabalhando com afinco, carregando êle próprio sôbre as espaldas débeis as pedras que a gente do povo oferece para a reconstrução das capelas, expandindo-se em cânticos e louvores, numa alegria



A CASA EM QUE, SEGUNDO A TRADIÇÃO, NASCEU S. FRANCISCO, NA CIDADE DE ASSIS, CÉLEBRE PELA SUA INFLUÊNCIA NA ARTE ITALIANA, E ONDE DESDE A MEIA-NOITE DO DIA 31 DE JULHO DESTA ANO FRANCISCANO, COMO O CONSIDERA A IGREJA CATÓLICA, ESTÁ DECORRENDO A SÉTIMA CELEBRAÇÃO CENTENÁRIA DA MORTE DO SANTO

ingênuo, impregnada de frescura e de aromas silvestres, de que a religião havia muito se divorciara. O Artista, amoroso da natureza bela que o rodeia, alvora nele neste instante, celebrando no íntimo do peito as inebriantes nupcias do misticismo com a poesia. A prece que dá por diante lhe esvoaça dos lábios libra-se sempre no azul, em direito à mansão dos anjos e do Senhor, nas asas irisadas duma canção. São já notas soltas, ensaios tímidos, do seu maravilhoso hino ao sol, símbolo do Eterno, hino em que ele há de cantar tudo que é criado, tudo de que se sente o mais humilde e eternecido irmão: a lua e as estrelas, o vento, a água, o fogo e, por fim, a nossa madre-terra, que nos acalenta no seu generoso seio — *Laudato sia lo Signore!*

De que a bem-aventurança o aguarda, são já nessa época inúmeros os indícios. Um dia, no pino do duro inverno, quando a neve encarpava com os seus alvos flocos as frondes altivas da montanha, o *Poverello*, numa repentina crise de humildade, roja o corpo pelas roseiras hirsutas de espinhos, para se mortificar, — e logo elas, de lés a lés, se revestem de esplendentes, de lindíssimas rosas brancas e vermelhas. Doutra vez, como aconteça que um bando de andorinhas lhe perturbe a oração com os seus galreios inocentes, ele roga-lhes que se calem, — e imediatamente as avezitas emudecem e, recolhidas, imóveis nos troncos das árvores, esperam que finde a reza do seu afável companheiro. E como não há dócil animal ou fera bruta que se esquite à sugestão das sua voz, sucede também um dia que certo lobo que por aquelas bandas trazia em susto os zagais, lhe surge no caminho e se lhe deita aos pés, lambendo-lhos com meiguice, como se fôsse manso cordeiro. Por fim, já no retiro ascético do Alverne, dá-se a decisiva e assombrosa scena dos estigmas.

Na companhia de três irmãos somente, entre os quais o seu dilecto Leão, fizera já a custo, por minguado de forças, a subida ao monte que tanto amava e que ia ser o seu Tabor. A floresta, inextricável em muitos sitios, oferecia o mais delicioso espectáculo. O ciclame e a hera corriam de tronco em tronco, estreitando em imprevistos abraços os fortes castanheiros, os carvalhos majestosos e os pinheiros franzinos, como que num incitamento à completa fraternidade de todas as coisas.

E por entre a relva e a urze, o rosmaninho e o líquem, nos seus álveos sinuosos, aqui e além rebrilhavam fozinhos de água, correndo e murmurando, numa cantilena que lhes devia servir de consolo na jornada.

Tudo isto era grato ao espírito de Francisco e dissipava um pouco a preocupação que d'ele se assenhoreara havia tempo: a sua morte próxima, sem que Deus lhe desse anúncio de que merecera o divino amor. Para o interrogar de mais perto, no maior recolhimento, na meditação mais profunda, é que se resolvera a peregrinar até àqueles cumes inacessíveis à própria vegetação audaz, e onde só o vento mono-

loga e rodopia. Estando prestes a última escarpa, separou-se dos companheiros, e depois, sózinho, quasi de rastros, de extenuado que a ascensão pusera, buscou uma caverna no rochedo áspero e calvo, e dali fez pousada durante muitos dias e muitas noites. Reerguendo de continuo na memória os lances dramáticos da Paixão de Cristo, no mais rigoroso jejum e na mais fervente oração, foi ao termo deste período que o patético e deslumbrante caso succedeu: nublara-se o céu, até ali limpo de todo, e logo em seguida, rompendo-o, um vulto temeroso, cujos contornos a vista enfraquecida de Francisco a principio não apercebe, avança vertiginosamente para ele, que

para os dias venturos, para todo o sempre dos séculos sem fim!

No outono de 1226, quando Deus entendeu que era chegada a seu termo a missão de Francisco no mundo, foi na pequenina cela de Portiuncula, donde se avistavam as imponentes montanhas da sua querida terra, que ele exalou o último suspiro. Nu, sobre a terra húmida do solo, num derradeiro voto de pobreza, como rei dos pobres que sempre quisera ser, com um sorriso de infinita beatitude nos lábios e sentindo que o universo inteiro, na essência do amor, lhe enchia a alma, assim pereceu



O ASCETÉRIO, «EREMO DELLE CARGERI», SITO NAS MAJESTOSAS FLORESTAS DO MONTE SUBASIO: AQUI PASSOU O FUNDADOR DA ORDEM DOS FRADES MENORES GRANDE PARTE DOS SEUS DIAS DE MEDITAÇÃO E PENITÊNCIA

logo cai de joelhos, extático, hirto; já muito perto essa figura enorme, que oculta o horizonte, ele vê então que é um serafim, de cujo corpo níveo e esbelto se desdobram seis asas de remígio longos e fulgentes; e no peito do alado visitante e sobre essas asas de todo abertas desenha-se agora, nítido, angustiante, o vulto de Jesu: crucificado. De súbito, uma dor agudíssima, dilacerante, rasga a carne de Francisco, que, dissipada a visão e reapossado de seus sentidos, olha com pismo os pés e as mãos, e os vê perfurados, gotejando sangue. E também o seu flanco está ferido, tal como Cristo, quando o crucificaram no cimo do Gólgota!

Recalcando então a dor física, ébrio de místico júbilo, Francisco solta desconexas, atropeladas frases de louvor e gratidão ao Altíssimo, que lhe concedera, enfim, o martírio.

O peremptório aviso do céu chegara, pois, ao filho do impio Bernardone: a morte podia vir, cruel e estugada no passo — ele ficara sagrado

E diz a lenda que nessa hora religiosa e doce do crepúsculo vespéral de 3 de outubro a sua irmã água, «útil, humilde, preciosa e casta», cantou mais alto por todas as fontes e regatos da umbrosa serra. E que o mesmo fizeram as aves, aquelas avezinhas que, confiadamente, quando ele ia de caminho pela selva, lhe pousavam nos braços, nos ombros e na fronte. Uma e outras fizeram assim cômo com os monges que rodeavam o santo moribundo e, a pedido d'ele, entoavam mais uma vez o formoso hino ao sol, de tão singular acento lírico.

Depois, a Igreja afirmou que passara pelo mundo mais um Justo, mais um Santo. Mas as aves e as águas — e eu estou com elas — essas, o que afirmaram então e afirmam ainda, é que ali vivera e morrera mais um grande Poeta, o que, no fundo, talvez venha a dar na mesma coisa!...

## O «POVERELLO» DE ASSIS



IMAGEM DE «TERRA-COTTA» ATRIBUÍDA A LUCA DELLA ROBBIA, DA INSIGNE DINASTIA DOS ESCULTORES DE «QUATTROCENTO»: DIZ-SE QUE O ROSTO É CÓPIA DA MÁSCARA DO SANTO, OBTIDA QUANDO DA SUA MORTE

ABREM-SE seus olhos à luz do ano de 1182: na velha cidade de Assis, erizada de construções feudais, no meio dessa Umbria de maravilhosos arvoredos e de águas cristalinas e cantantes. Filho de um opulento mercador, nem sombra de miséria tolda a sua infância e a sua adolescência. Vestido de ciclatão e mais estofos de preço, ostentando jóias de mirífico labor, cavalgando ginetes ricamente gualdrapados, corre-lhe perdulário e folgazão esse período moço da existência. Com o ouro a escoar-se-lhe dos dedos ociosos como a chuva se despenha das nuvens, do escol da nobreza com quem acamarada mui pouco o distancia, tamanha pompa a da sua veste, tanto o garbo da sua figura, tão a primor suas falas e maneiras. Mulheres de estonteadora beleza, vinhos de

raro sabor, o jôgo com suas alternativas caprichosas, a nenhum destes ou doutros refinados prazeres mundanos os seus sentidos despertos se mantem alheios, e nem sequer lhe faltam honrarias de guerreiro, pois ingressa nas hostes que a sua cidade envia contra Perugia.

Bastas vezes, todavia, em meio dos seus regalos, um assômo de comisseração e ternura pelos pobres o invade. Em muitas ocasiões o surpreendem a despojar-se do manto em favor de um mendigo e a fazer partilha do recheio da sua bôlsa pela multidão dos andrajosos e famintos, prodigalidades que seu pai, o Pedro Bernardone tão avaro e soberbo, menos perdôa do que os desperdícios que originam luzimento e fama de faustosa para a sua casa.

Um dia, porém, a doença acomete-o. Entre medonhos sofrimentos, a vida periga-lhe. E quando, salvo, entra na convalescença, uma espantosa mudança patenteia seu espírito. Eis o prelúdio da beatitude. Começam então a enfadá-lo o mundo e o seu tumulto, afasta de si a estouvada côrte que sempre o apageava nas orgias, passa a dar preferência à companhia dos pobres, quando se não entrega ao prazer

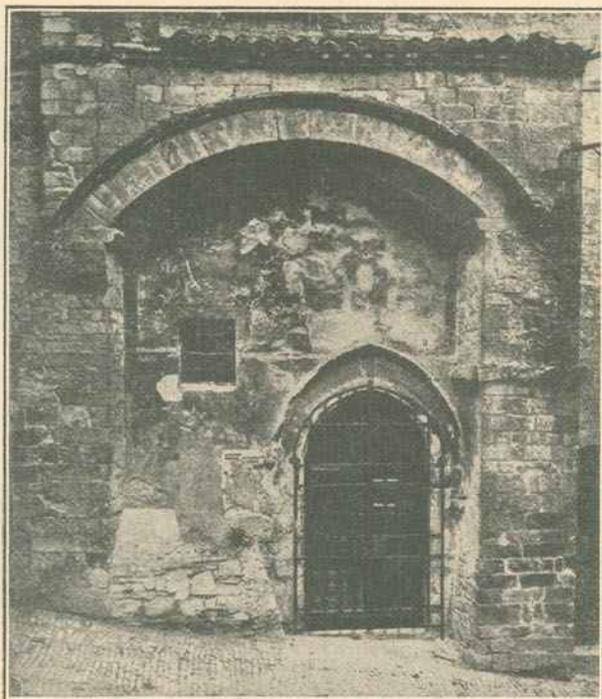
inédito e inefável da solidão, no recêso dos bosques. E de renúncia em renúncia, cada vez a sua alma mais entregue a sentimentos de piedade, acerca-se dos leprosos, lava-lhes as chagas, acarinha-os com abnegação fraternal.

Já sôlto da autoridade paterna, que um dia o quisera fazer encarcerar

como doido, exorta à pobreza, à castidade, à obediência única à vontade divina. Que o sigam bastantes discípulos não tarda, como não tarda que as conversões se multipliquem à sua volta, exactamente como sucedera outrora, na Judeia, em tórno do doce Nazareno, seu mestre e guia.

Vê então ensejo de fundar a nova Ordem, a Ordem franciscana, cuja regra, alheia aos siglogismos da escolástica e à rigidez dos dogmas, assenta apenas na prática espontânea dessas três virtudes. É, portanto, a simplicidade tocante dos evangelhos que ressurgue; é o fogo do cristianismo puro que, sob o seu bafo inspirado, aviventa a áurea chama.

Já, ao afago da sua abençoante mão, terras da Itália fora, desde Perugia a Spoleto, desde a Toscana ao último dos contrafortes dos Apeninos, os milagres florescem. Alvorçam-se os espíritos, reanimam-se as creanças. E o Santo segue no seu apostolado original, mais feito de acção do que de doutrina, trabalhando com afinco, carregando êle próprio sôbre as espáduas débeis as pedras que a gente do povo oferece para a reconstrução das capelas, expandindo-se em cânticos e louvores, numa alegria



A CASA EM QUE, SEGUNDO A TRADIÇÃO, NASCEU S. FRANCISCO, NA CIDADE DE ASSIS, CÉLEBRE PELA SUA INFLUÊNCIA NA ARTE ITALIANA, E ONDE DESDE A MEIA-NOITE DO DIA 31 DE JULHO DÊSTE ANO FRANCISCANO, COMO O CONSIDERA A IGREJA CATÓLICA, ESTÁ DECORRENDO A SÉTIMA CELEBRAÇÃO CENTENÁRIA DA MORTE DO SANTO

ingênuas, impregnada de frescura e de aromas silvestres, de que a religião havia muito se divorciara. O Artista, amoroso da natureza bela que o rodeia, alvora nele neste instante, celebrando no íntimo do peito as inebriantes núpcias do misticismo com a poesia. A prece que dá por diante lhe esvoaça dos lábios libra-se sempre no azul, em direito à mansão dos anjos e do Senhor, nas asas irisadas duma canção. São já notas soltas, ensaios tímidos, do seu maravilhoso hino ao sol, símbolo do Eterno, hino em que ele há de cantar tudo que é criado, tudo de que se sente o mais humilde e enternecido irmão: a lua e as estrelas, o vento, a água, o fogo e, por fim, a nossa madre-terra, que nos acalenta no seu generoso seio — *Laudato sia lo Signore!*

De que a bem-aventurança o aguarda, são já nessa época inúmeros os indícios. Um dia, no pino do duro inverno, quando a neve encarpava com os seus alvos flocos as frondes altivas da montanha, o *Poverello*, numa repentina crise de humildade, roja o corpo pelas roseiras hirsutas de espinhos, para se mortificar, — e logo elas, de lés a lés, se revestem de esplendentes, de lindíssimas rosas brancas e vermelhas. Doutra vez, como aconteça que um bando de andorinhas lhe perturbe a oração com os seus galreios inocentes, ele roga-lhes que se calem, — e imediatamente as avezitas emudecem e, recolhidas, imóveis nos troncos das árvores, esperam que finde a reza do seu afável companheiro. E como não há dócil animal ou fera bruta que se esquive à sugestão das sua voz, sucede também um dia que certo lobo que por aquelas bandas trazia em susto os zagais, lhe surge no caminho e se lhe deita aos pés, lambendo-lhos com meiguice, como se fôsse manso cordeiro. Por fim, já no retiro ascético do Alverne, dá-se a decisiva e assombrosa scena dos estigmas.

Na companhia de três irmãos somente, entre os quais o seu dilecto Leão, fizera já a custo, por minguido de fôrças, a subida ao monte que tanto amava e que ia ser o seu Tabor. A floresta, inextricável em muitos sitios, oferecia o mais delicioso espectáculo. O ciclame e a hera corriam de tronco em tronco, estreitando em imprevisos abraços os fortes castanheiros, os carvalhos majestosos e os pinheiros franzinos, como que num incitamento à completa fraternidade de tôdas as coisas.

E por entre a relva e a urze, o rosmaninho e o liquem, nos seus álveos sinuosos, aqui e além rebrilhavam fíozinhos de água, correndo e murmurando, numa cantilena que lhes devia servir de consolo na jornada.

Tudo isto era grato ao espirito de Francisco e dissipava um pouco a preocupação que d'elle se assenhoreara havia tempo: a sua morte próxima, sem que Deus lhe desse anúncio de que merecera o divino amor. Para o interrogar de mais perto, no maior recolhimento, na meditação mais profunda, é que se resolvera a peregrinar até áqueles cumes inacessíveis à própria vegetação audaz, e onde só o vento mono-

loga e rodopia. Estando prestes a última escarpa, separou-se dos companheiros, e depois, sózinho, quasi de rastos, de extenuado que a ascensão pusera, buscou uma caverna no rochedo áspero e calvo, e dali fez pousada durante muitos dias e muitas noites. Reerguendo de continuo na memória os lances dramáticos da Paixão de Cristo, no mais rigoroso jejum e na mais fervente oração, foi ao termo deste periodo que o patético e deslumbrante caso succedeu: nublara-se o céu, até ali limpo de todo, e logo em seguida, rompendo-o, um vulto temeroso, cujos contornos a vista enfraquecida de Francisco a principio não apercebe, avança vertiginosamente para elle, que

para os dias venturos, para todo o sempre dos séculos sem fim!

No outono de 1226, quando Deus entendeu que era chegada a seu termo a missão de Francisco no mundo, foi na pequenina cela de Portiuncula, donde se avistavam as imponentes montanhas da sua querida terra, que elle exalou o último suspiro. Nu, sobre a terra húmida do solo, num derradeiro voto de pobreza, como rei dos pobres que sempre quisera ser, com um sorriso de infinita beatitude nos lábios e sentindo que o universo inteiro, na essência do amor, lhe enchia a alma, assim pereceu



O ASCETÉRIO, «EREMO DELLE CARGERI», SITO NAS MAJESTOSAS FLORESTAS DO MONTE SUBASIO: AQUI PASSOU O FUNDADOR DA ORDEM DOS FRADES MENORES GRANDE PARTE DOS SEUS DIAS DE MEDITAÇÃO E PENITÊNCIA

logo cai de joelhos, extático, hirto; já muito perto essa figura enorme, que oculta o horizonte, elle vê então que é um serafim, de cujo corpo niveo e esbelto se desdobram seis asas de remigios longos e fulgentes; e no peito do alado visitante e sobre essas asas de todo abertas desenha-se agora, nitido, angustiante, o vulto de Jesu: crucificado. De súbito, uma dor agudíssima, dilacerante, rasga a carne de Francisco, que, dissipada a visão e reapossado de seus sentidos, olha com psmo os pés e as mãos, e os vê perfurados, gotejando sangue. E também o seu flanco está ferido, tal como Cristo, quando o crucificaram no cimo do Gólgota!

Recalcando então a dor física, ébrio de místico júbilo, Francisco solta desconexas, atropeladas frases de louvor e gratidão ao Altíssimo, que lhe concedera, enfim, o martírio.

O peremptório aviso do céu chegara, pois, ao filho do impio Bernardone: a morte podia vir, cruel e estugada no passo — elle ficara sagrado

E diz a lenda que nessa hora religiosa e doce do crepúsculo vespéral de 3 de outubro a sua irmã água, «útil, humilde, preciosa e casta», cantou mais alto por tôdas as fontes e regatos da umbrosa serra. E que o mesmo fizeram as aves, aquelas avezinhas que, confiadamente, quando elle ia de caminho pela selva, lhe pousavam nos braços, nos ombros e na fronte. Umas e outras fizeram assim côro com os monges que rodeavam o santo moribundo e, a pedido d'elle, entoavam mais uma vez o formoso hino ao sol, de tão singular acento lírico.

Depois, a Igreja afirmou que passara pelo mundo mais um Justo, mais um Santo. Mas as aves e as águas — e eu estou com elas — essas, o que afirmaram então e afirmam ainda, é que ali vivera e morrera mais um grande Poeta, o que, no fundo, talvez venha a dar na mesma coisa!...



# FAIAL

## ILHA MÁRTIR

O terremoto de que o Faial acaba de ser vítima é mais doloroso e trágico do que à primeira vista pode imaginar-se. Mesmo diante das fotografias que têm sido publicadas na imprensa de Lisboa não pode fazer-se uma ideia nitida da grandeza do desastre que enlutou uma das mais formosas ilhas do arquipélago açoreano.

A cidade da Horta reserva àquele que após a catástrofe a visita uma estranha surpresa. Ao entrar-se o porto tem-se a impressão nitida de que nada ali se passou de anormal. Construída em anfiteatro, numa encosta suave que o arvoredo cobre de verdura e de graça, conserva-se inteiramente de pé, mal se notando, ao primeiro relance, uma ou outra ruína. Sucede, porém, que quasi nenhuma das suas casas pode ser habitada, pois o abalo de 31 de Agosto foi tão forte que não poupou nada, nem ninguém. O espectáculo que oferece a quem a percorre em toda a sua extensão é impressionante, pelo que contém de inesperado e doloroso.

Onde, no entanto, a alma se confrange é na visita às aldeias, muitas das quais ficaram completamente arrasadas, como se alguém por ali tivesse andado a destruir prédio por prédio, casebre por casebre, numa ansia bárbara de ferocidade e de aniquilamento.

berante de vida, esplêndida e triunfal, a sua própria obra.

Percorrendo todo o lado oriental da ilha, raramente se topa com uma casa cujos muros não tivessem abatido em poucos segundos, sepultando nos seus escombros tudo quanto aquela pobre gente possuía, alcançado em longos e torturantes anos de trabalho e de canceiras. Os modestos casebres que mãos laboriosas haviam

A peregrinação é dolorosa e pungente. Em pleno contraste com a doçura extraordinária da paisagem, duma alegria e duma frescura excepcionais, há o espectáculo triste das ruínas. Enquanto à nossa volta a natureza sorri, criadora e fecunda, suspendendo um ninho em cada ramo e inundando de flores todos os caminhos, centenas e centenas de crianças e de mulheres choram amargamente a sua desgraça, a fatali-

dade de que foram vítimas, a destruição do seu lar, a perda da sua tranquilidade e do seu pão.

Onde ela foi mais pródiga na distribuição de graças e de beleza, onde se vestiu de mais côr e de maiores encantos, parece que mais se afdigou também em espalhar o luto e a dor, destruindo tudo quanto era obra dos homens, como que no propósito de deixar apenas de pé, exu-



Escorraçadas dos seus lares, as crianças da ilha dormem no campo em barracas improvisadas



A igreja da N. S. da Conceição, em ruínas

construído na aspiração de criar um lar, desapareceram. E não há hoje numa extensão de algumas léguas quem possua um simples farrapo com que se cubra, um leito em que se deite, quatro paredes que lhe sirvam de abrigo e de refúgio.

Paira sobre toda a ilha uma impressão de angústia e de terror. Há em todas as almas uma como que certeza de perdição e de extermínio.

O que, porém, fala mais à nossa sensibilidade e mais profundamente nos comove — já o disse em outro artigo — é a dolorosa, impressionante situação das crianças, que encontramos aos ranchos pelos caminhos, em cujos olhos tristes se lê ainda hoje o pavor daquele instante e que assim ficaram sujeitas a sofrer todas as intemperies, se não houver quem lhes acuda com a diligência e o carinho indispensáveis.

É necessário vê-las para se sentir bem a

simpatia e a piedade que despertam. Duma formosura extraordinária, tendo vestígios nítidos das raças que se cruzaram com a nossa, mas conservando a estranha graça das crianças de Portugal, elas precisam mais do que ninguém de amparo e de alegria.

Que não se prolongue nas suas almas virgens a triste impressão do abandono em que hoje vivem, escorraçadas dos lares em ruínas, dos berços pobres em que dormiam, do palmo de terra que lhes garantia o pão com que matabam a fome.

Deixá-las em tão amarga situação seria entenebrecer-lhes a vida para sempre e arrancá-las ao amor pelo cantinho em que nasceram, que seus avós e seus pais arrotearam e onde o nome de Portugal anda escrito em todas as pedras, nos altares de todos os templos e até, estou em crê-lo, no tronco de cada árvore.



A sociedade elegante da Horta sofre, como toda a gente, as consequências da catástrofe

O movimento de piedade que por todo o país se estabeleceu em favor dos sinistrados do Faial demonstra que os portugueses não perderam ainda algumas das virtudes que os fizeram gran-

des e notados em todo o mundo. Mas é necessário que esse movimento alaste, que a onda de simpatia e de solidariedade cresça, que todos acudam a auxiliar a benemérita tarefa de tantos.

A catástrofe do Faial é, repito, maior do que se julga. Há milhares e milhares de criaturas sem abrigo e numerosíssimas bocas ameaçadas de não terem pão. Há gente até então remediada e que ficou na mais completa miséria. Há aldeias inteiras a reconstruir, muita lágrima que enxugar.

Cada hora que passa representa para aquela pobre gente tão duramente experimentada um século de amargura e uma condenação sem igual. E essa amargura é tanto maior e essa condenação tanto mais dura, quanto é certo que ninguém sofria ali a miséria e o abandono, pois todos possuíam o seu casebre, arroteavam o seu campo e se aqueciam no inverno ao fogo da sua lareira.

Que vai ser agora dessa legião pacífica de trabalhadores, que resignadamente sofre o seu martírio e molha de lágrimas silenciosas as ruínas do seu lar?

A natureza, indiferente a tanta dor, ainda hoje enche de sol toda a ilha e veste de sonho e de claridade a lírica paisagem, bordando de flores todos os caminhos. Mas em breve a desgraça dos pobres sinistrados aumentará, se o inverno os colher a vaguearem pelos campos, arrastando pela mão os filhinhos pequenos, sem um buraco em que se abriguem, sem um pedaço de pão com que se alimentem.

Testemunha da sua miséria e da sua dor, mas sabendo de quanto é capaz a alma portuguesa, daqui apelo para todos, em favor das mulheres e das crianças do Faial, vítimas duma catástrofe inenarrável.

MÁRIO SALGUEIRO.



A pesar de tudo, a vida dos campos não cessa, trabalhando-se na faina agrícola



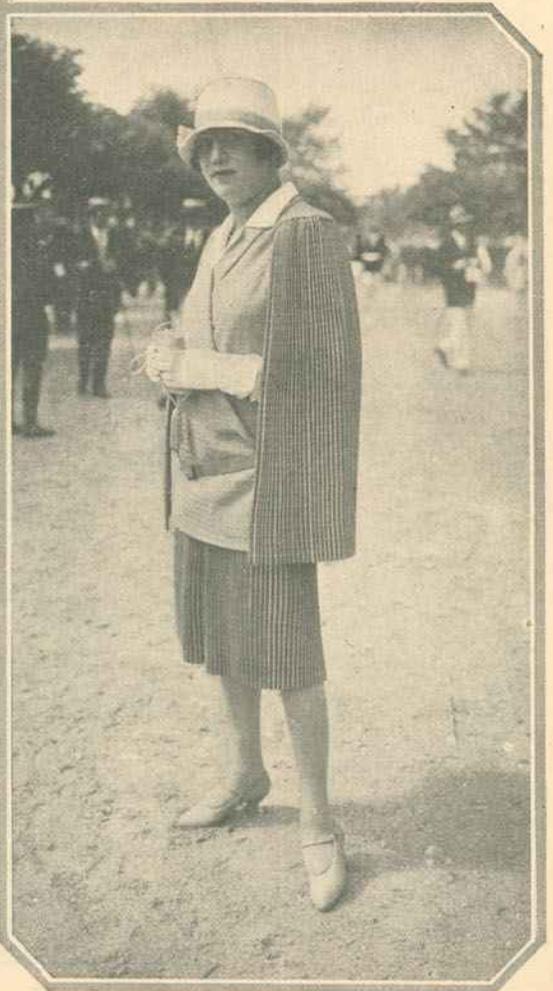
# Feminina



## DO OUTONO PARA O INVERNO



Como o inverno nos espreita já por detrás do vulto melancólico do outono, procuremos penetrar nos arcanos misteriosos da moda e surpreender ali os seus intentos nos retoques da elegância hibernal. As raposas e écharpes de peles, continuarão em favor. O alargamento da parte inferior das saias, desenhará um efeito de corola, sem marcar os *godets*. É claro que para isso voltaremos ao corte — em forma — mas traçado com mais sobriedade de curva. As cinturas não só suoirão francamente para a altura própria, como ainda tentarão ultrapassá-la. Esta tentativa, porém, não encontrará de princípio muitas simpatias. Fatigada da excessiva fantasia dos tecidos preferidos durante verão, a

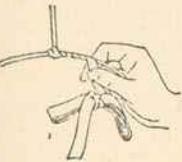


moda escolherá para o inverno os tecidos lisos em cores discretas. Pelo que respeita as sêdas, as *moires* terão o primeiro lugar, seguindo-se-lhes os setins, os failles e os tafettas maleáveis. Antes, porém, imperará o veludo, que este inverno será profusamente empregado. Durante o outono e começo do inverno, as cores preferidas serão verde e vermelho em tôdas as gradações das respectivas escalas. Durante o inverno, porém, predominará o preto, o azul e o castanho, em todos os tons da escala, desde o bege ao tom tabaco.

O movimento — *blousant* — prevalecerá nos corpos, havendo, entretanto, a precaução de só o adoptar quando se trate de tecidos cujo cair fácil não ofereça o perigo de engrossar a silhueta. Quanto às mangas, continuarão aceitando tôdas as fantasias de corte, armado e ornamentação, o que facilita a transformação de toilettes *demodées* ainda em bom uso.

# ABAT-JOURS MODERNOS

A graça artística dos *abat-jours* concorre poderosamente para o realce decorativo dum interior. É que, muitas vezes, dum pequeno nada depende o êxito dum grande esforço. Sucede isso nas disposições de conjunto, principalmente ao tratar-se de ornamentar uma sala. Quantas vezes um mobiliário luxuoso, combinado inteligentemente com as tapeçarias e os tapetes, não produz o efeito que se esperava obter, só porque um desses pequenos nada, considerados insignificantes à primeira impressão, não foi devidamente tratado? A colocação duma cadeira, a disposição duma almofada, a distribuição da luz, são importantes factores de conjunto que devem ser estudados com critério e sentimento artístico.



Mas nem só esses elementos contribuem para o triunfo do efeito geral. Os *abat-jours*, esses pequenos veladores da luz que outrora apenas como acessórios de comodidade se empregavam, são hoje importantes elementos de elegância decorativa a que se recorre amplamente. E se já nas suspensões e nos candeeiros portáteis ou fixos, os *abat-jours* eram largamente empregados, muito mais o são agora, com a moda dos candelabros, lustres e serpentinas eléctricas simulando as suas predecessoras de velas. Hoje, é ponto assente, cada lâmpada eléctrica deve ser velada com um *abat-jour*, seja êle grande ou pequeno, conforme as exigências proporcionais das suspensões ou candeeiros a que são destinados. E há nada mais graciosamente coquette do que um candelabro, serpentina, ou suspensão, ostentando sobre cada vela de porcelana, ocultando



hábilmente a pequenina lâmpada esguia que a termina, um *abat-jour* de sêda delicadamente colorida donde a luz, filtrando-se por tonalidades suaves, se espalha em redor arran-



cando scintilações das franjas de cristais coloridos e irrequietos.

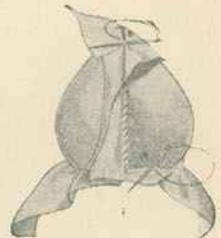
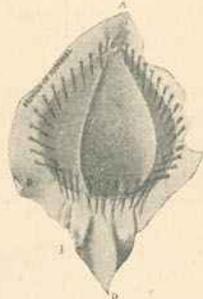
A variedade artística dos *abat-jours* modernos não tem limites. Tudo quanto a imaginação pode fantasiar, tudo quanto o senti-

timento artístico pode sugerir, é admitido, desde que do conjunto se obtenha um equilíbrio estético agradável e harmonioso.

Entretanto, as fantasias muito rebuscadas, tendem a ceder o pano à simplicidade das sêdas esticadas com meticolosa habilidade sobre as formas de arame previamente forradas com fitilho branco, de sêda ou algodão, (vide a primeira figura) sobre a qual se estica um fôrro de pongé branco, dispondo-se depois sobre êste a sêda de côr que deve harmonizar com os estofos do aposento, côr das paredes, etc. Um exame atento do segundo e terceiro *croquis* ilucidativo, habilita a aprender a confeccionar um *abat-jour* moderno, operação que apenas requer um pouco de habilidade, os materiais necessários, uma porção de alfinetes e ainda umas contas e missangas de cristal branco ou de côr, conforme o gôsto e as exigências decorativas indicarem.

Entretanto, convém explicar o processo mais simples de colocar o tecido sobre a fôrma.

Principia-se por cortar o tecido em dois triângulos iguais, regulares. A linha perpendicular do ângulo deve dispor-se no sentido enviezado do tecido. Toma-se um destes triângulos e fixa-se (no sentido enviezado) no ponto superior da fôrma. Com o auxílio de alfinetes, vai-se, em seguida, esticando, de maneira que não forme pregas, até ao aro central da fôrma. Toma-se o segundo triângulo de tecido, fixa-se como o primeiro no ponto central alto da fôrma, mas do lado oposto ao que já dispusemos. Procede-se da mesma maneira, e uma vez o tecido bem esticado, corta-se o excesso com uma tesoura, remata-se a união das duas faces de tecido que se encontram sobre o aro central da fôrma e metete-se para dentro, a fechar em costura invisível a orla do tecido que se deixou para êsse fim.



## A REGIÃO DO AMBOIM



Porto Amboim

É esse belo rincão de terra, situado a umas dezenas de quilómetros, apenas, do posto de Benguela-Velha, é um notável exemplo da riqueza de Angola; exuberante de vegetação, irrigado, montanhoso, com os seus magníficos palmares, os seus cafezais de superior qualidade, as suas florestas pletóricas de essências, conjunto de factores que pródigoamente compensam os esforços de uma agricultura devidamente orientada.

As impressões colhidas por todos os viajantes, por todos os técnicos que a região teem visitado, são como que um câro de hossanas levantado em honra da natureza que assim quis brindar o Amboim com a riqueza dum humus ultra-produtivo, com a benesse duma rede de linhas de água que a terra sorve em haustos de fecundidade e com um clima altamente favorável às mais variadas culturas.

Um desses visitantes, ao terminar a sua visita ao Amboim, encantado com tudo o que

seus olhos viam, exprimia assim a sua opinião:

«O Amboim é bem, nesta grande Angola, qualquer coisa de grandioso e opulento. Ali empolga-nos e arrebatá-nos a sucessão caleidoscópica de paisagens edênicas, apercebidas no trajecto de estradas de um pitoresco inexcitável, através da floresta virgem, em todo o seu esplendor e magestade. Do fundo dos vales até ao alto das montanhas sobem, na elegância alada dos seus fustes, árvores magníficas, enredadas de trepadeiras que as cingem e vestem de flôres, de perfumes e formas desconhecidas. As palmeiras fazem brilhar ao sol as suas lindas cômas, que teem reflexos de prata desfiando-se.

Cristalinas ribeiras serpenteiam em doces murmúrios ou escachôam espumantes em cascatas e rápidos. Uma neblina leve dá, por vezes, uma tonalidade irreal de sonho às ramarias, esbatendo-as, dando-nos a impressão de

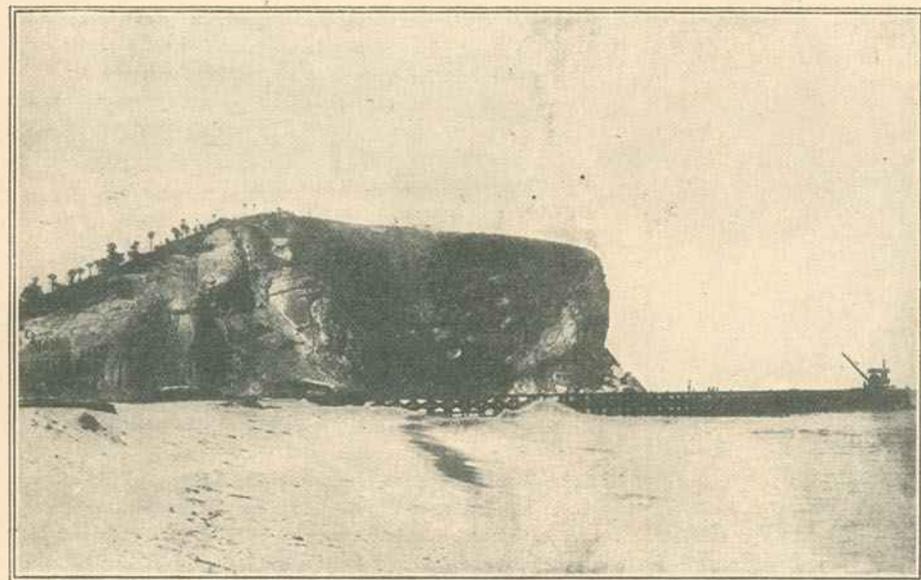
que um véu algente as cobre e protege contra as vistas indiscretas que procuram devassar o mistério augusto da selva e a formidável luta pela vida dos vegetais, que se multiplicam e se disputam um lugar naquela terra rica de seiva e de fermentações.

Não se vê em toda a floresta um sinal de decrepitude. Ainda não lhe aparecem, como cabelos brancos, as árvores velhas e os troncos carcomidos.»

Na verdade, quem quer que seja que visite o Amboim, fica maravilhado pela sua beleza, pela sua riqueza.

A aliás pequena região do Amboim, forma como que uma ilha emergindo dos plainos do Quitengo e recostando-se nos contra-fortes das serranias da Chôa, sucessão de môrros escalvados, servindo de degrau às terras planálticas, férteis em cereais.

O contraste é formidável. Os plainos do sopé, apenas povoados de capim e vegetação rasteira; as montanhas do platô, formadas por blocos colossais de granito. No meio, o Amboim, com doze escassos quilómetros de largura, bouquet de árvores e trepadeiras colossais, com similar apenas no Maiombe e em raras partes do Cazengo e do Golungo Alto.



Benguela Velha

Deixemos de lado as notas e descrições que nos são trazidas por todos quantos percorrem o Amboim e inventariemos a sua flora rica e exuberante.

Ali encontramos em extraordinária abundância, na sombra das florestas, o cafezeiro, com os seus soberbos exemplares do *Coffea arabica* e do *Coffea liberica*. O cacueiro, nos primeiros degraus da zona montanhosa; o tabaco (*Nicotiana*

rústica) para uso do indígena; a palmeira do óleo que se ergue donairosamente nas margens do rio, desde a faixa do litoral até ao planalto; o coqueiro; o amendoim de tão grande utilidade e tão fácil cultura; o ricino; o gergelim de sementes riquíssimas em óleo doce e lim-pido e a purgueira que vegeta em todos os ter-renos.

Além destas ricas plantas temos ainda o al-godoeiro, cuja cultura se está alastrando; a pi-

sêca, quasi sem ventilação, pantanosa, que se estende desde a base do primeiro degrau do planalto do Amboim até aos limites sul e oeste. Nesta zona abundam os casos de paludismo e a tripanosomiase.

Outra que se estende desde o limite da pri-meira até à vertente sul e oeste da região da Tunda, com uma altitude de 400 a 1.100 metros, húmida e de temperatura regular, sendo nesta região que abundam as fazendas

O velho preconceito da má salubridade do clima tem sido, a pouco e pouco, vencido pela audácia dos colonos; e assim se explica que na feracíssima região do Amboim haja já hoje, para cima de sessenta fazendas agrícolas, algumas bem importantes, destacando-se entre todas as da companhia do Amboim, que à sua custa construiu uma linha de caminho de ferro entre o porto de Benguela-Velha e o interior do Am-boim, fazendo assim um percurso, quando con-cluída a linha, de 128 quilómetros; ou de 375 se se levar a efeito o seu prolongamento até ao Bailundo.

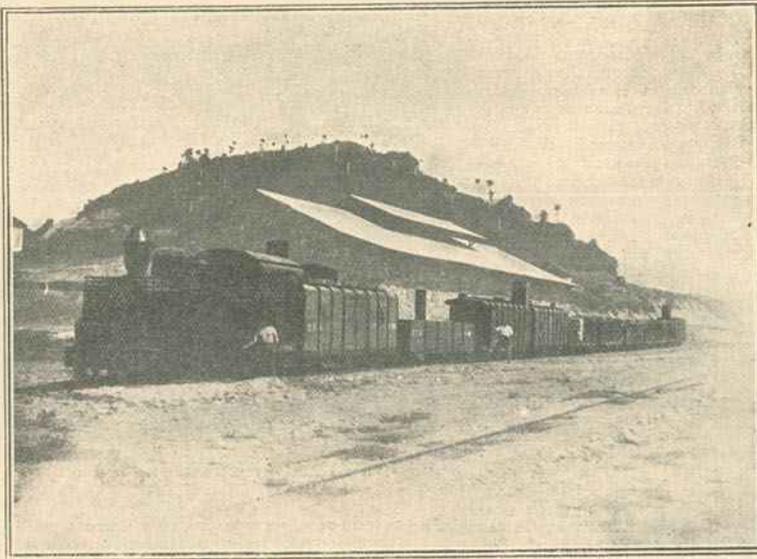
O valor económico do Amboim cresce dia a dia e manifesta-se claramente pela sua exporta-ção que é constituída, pela ordem do seu valor, por café, óleo de palma, coconote, cêra, milho, couros, cacau, etc.

Mas a principal riqueza regional é o café, cuja cultura se pode fazer numa área própria, com a extensão de 50.000 hectares, mas dos quais ainda sómente 16.000 estão aproveitados.

No estado actual pode calcular-se a quanti-dade anual de café exportado em 2.500 tonela-das. Se tivermos em linha de conta o seu valor nos mercados europeus, facilmente calcularemos a sóma importantíssima que essa exportação representa.

Não tomaremos mais espaço na descrição e apreciação das riquezas do Amboim. O nosso intuito é apenas tornar conhecidos os verdadei-ros tesouros que as nossas colónias encerram e que, por desconhecidos, tão pouco explorados ainda são. E ao dizermos *desconhecidos*, referi-mo-nos aos portugueses, pois que, triste é con-fessá-lo, italianos, alemães, belgas, ingleses e outros, de sobejo conhecem o valor económico das colónias portuguesas e, por isso, tanto as cubiçam.

VIRGÍLIO PEREIRA DA COSTA.



Caminho de ferro do Amboim

teira, a mafumeira, produtora da sumauma das nossas almofadas e colchões; o cânhamo; a ma-tebeira, espécie de ráfia; o ananaz de frutos deliciosos e perfumados.

Nas plantas frutíferas encontramos ainda, em maior ou menor abundância, as bananeiras, os mamoeiros, as anonas, as laranjeiras, as tangerineiras, os limoeiros, os abacateiros, as goiabeiras, as nespereiras, as mangueiras e o acajá.

E no Amboim encontramos também o milho, o arroz do monte, o trigo, o feijão, o grão de bico, a ervilha, a mandioca, a batata doce, a abóbora, o pepino, a melancia, o melão, a al-fáce, a chicórea, as cenouras, etc., etc.

A-pesar-da extraordinária e colossal riqueza desta região, um entrave tem havido para uma mais larga colonização e para um mais com-pleto aproveitamento dos seus produtos. Esse entrave é o de um suposto mau clima, afirma-ção que carece de ser rectificadã, o que vamos fazer com a opinião do delegado de saúde do Amboim, dr. Gomes da Costa.

Diz este distinto médico que a área sanitária do Amboim se divide, sob o ponto de vista cli-matológico, em três zonas:

Uma formada pela enorme planície quente e

agrícolas, devido à regular salubridade do clima.

A terceira zona é formada pela região da Tunda, numa altitude entre 1.200 a 1.800 me-tros, com um clima sêco e regular, perfeita-mente apto à colonização europeia.



Um soba do Amboim com as suas mulheres e magnates

# VIDA SCIENTÍFICA

## UM DEUS IRADO

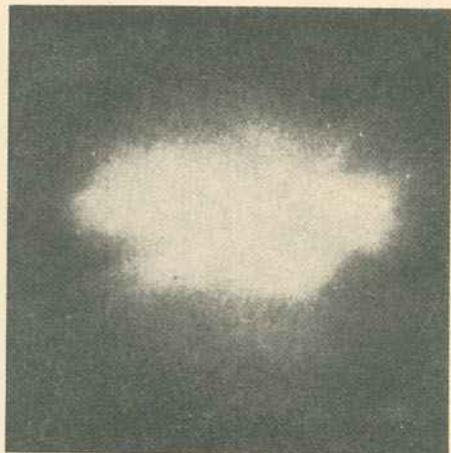
O verão tão sêco e ardente que tem corrido faz supor que o Sol, deus dos Arias nossos avós, resolveu reduzir o mundo a cinzas. E talvez cansaço de ver a humanidade adorando outros ídolos, quando é só Ele que lhe dá calor, sustento, tôdas as condições para que

auroras boreais que em outras épocas só são visíveis nas regiões do círculo polar.

Também se observaram, desde o começo do ano, as manchas escuras que acompanham essas tempestades magnéticas. Só são escuras por contraste com a parte mais brilhante do Sol, visto que emitem radiações luminosas duas mil vezes mais intensas que as da Lua cheia. Pensa-se que são gigantescos turbilhões ou ciclones que, pelo seu movimento incessante, cavam enormes abismos na superfície gasosa do Sol. Deslocam-se de este para oeste no disco solar, e essa observação levou Galileu a descobrir que o Sol tinha um movimento de rotação; e como a velocidade da deslocação varia conforme a posição que ocupam, pode concluir-se que a massa do Sol é gasosa e não qualquer bloco de matéria sólida.

Com essas manchas escuras alternam outras de maior brilho. A superfície do Sol, que nos parece homogênea quando à vista desarmada, é, na verdade, composta de grânulos móveis, em perpétuas transformações, que, parecendo ter o tamanho dum grão de arroz, medem na realidade algumas centenas de quilômetros. Na rede que eles formam, ou fotosfera, aparecem as manchas escuras cercadas de penumbras, e outras brancas, de mais intenso brilho e temperatura mais alta, que se formam em nível mais elevado que o da superfície fotosférica.

Actualmente o Sol manifesta-se em estado de intensa actividade. Além das zonas claras e das manchas escuras que formam campos magnéticos como se fôsem poderosos imans,

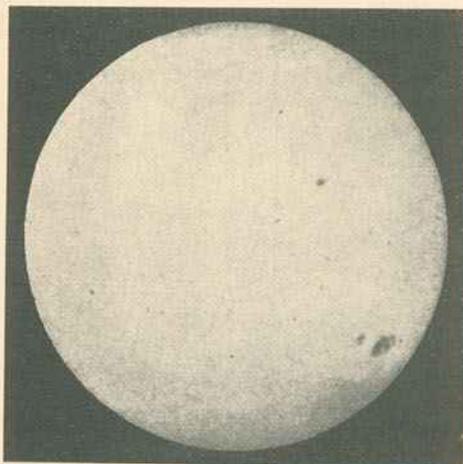


Fotografia duma Aurora boreal em Janeiro de 1926.

teem-se observado erupções imensas que lançam no ar, a alturas fantásticas, colunas de vapores incandescentes de hidrogénio e de cálcio, conforme é demonstrado pela análise espectral. A corôa, que é a atmosfera que aureola o astro e é formada por finas partículas provavelmente electrizadas, mostra-se cercada de espinhos de chama constituindo um resplendor flamejante em torno de todo o disco solar. As auroras boreais são visíveis em baixas latitudes terrestres, e a sua formação envolve a terra de fluidos eléctricos. Em Janeiro d'êste ano, um engenheiro norueguês viu despedir da antena dum posto de telefonia sem fios faiscas de quinze milímetros de comprimento. Este fenómeno repetia-se três vezes em cada segundo, e durou enquanto a aurora boreal foi visível na região. Cessou quando ela desapareceu no norte.

Mal podemos imaginar que influências receberá a Terra, e os organismos que nela vivem, das forças magnéticas desenvolvidas no Sol. Dêle sabemos que nos aquece, que produz o ciclo de movimento das águas que se evaporam agora e logo caem em chuva, que permite as plantas verdes a formação da matéria orgânica. Conhecemos do Sol o poder calorífico e luminoso, um pouco do poder químico, quasi nada da força eléctrica ou de emanações corpusculares que representam, no pensar de muitos, como que pontes sobre os abismos que separam uns dos outros astros. Para nos, admitida essa hypothese, o Sol é como um canhão monstruoso que incessantemente bombardeia a Terra. Quando êle, como agora, redobra de energia pelas tempestades que o açoitam, o nosso globo, os seres que nêle habitam, tudo é agitado mais intensamente pelas suas forças imensas. Não só a nossa saúde física, mas, por ventura, o nosso pensamento e a nossa vontade, serão como dêbeis vimes vergando ao sabor dessas forças.

F. MIRA.



Fotografia do Sol em Janeiro de 1926 — Vêem-se algumas manchas escuras

seja possível a vida. Boa razão tinham êsses Arias quando, no alto das suas montanhas, se ajoelhavam perante o sol nascente e o adoravam levando à bôca — *ad orem* — os dêdos que os seus raios iluminavam e aqueciam. E boa razão teem os actuais higienistas quando recomendam que ao Sol, como a hôtepe illustre, se abram largamente as nossas habitações, por forma que não fique recanto que êle não possa visitar e sanear.

Mas neste verão, o Sol, longe de vivificar, pareceu possessor de ideias de extermínio. Fogem-lhe os animais, e as plantas, presas à terra, mirram e secam sob a ardência dos seus raios. Os de Paris compararam a actual temperatura que lá teem à que é habitual nos países do sul. A que nós temos sofrido deve parecer-se com a que é costume haver no Equador. A das regiões equatoriais deve ser, verdadeiramente, a temperatura do inferno.

Noutros anos, mesmo no sul, o calor do sol não passa de carícia rude, mas ainda carícia. Esta fúria de queimar vem-lhe só de tempos a tempos, em épocas separadas por periodos de cerca de onze anos, e corresponde, segundo pensam alguns astrónomos, a perturbações da própria massa solar que se traduzem por tempestades magnéticas e pelo aparecimento de manchas escuras bem visíveis num ou noutro ponto do disco brilhante.

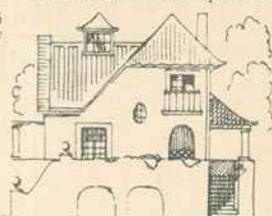
No ano corrente também essas tempestades magnéticas teem sido mais frequentes e violentas do que nos anos anteriores. Nós sentimo-las aqui, na Terra, quando verificamos que a agulha magnética deixa de saber orientar-se para o norte, ou contemplamos as esplêndidas



Fotografia do Sol em 1926, com auxilio do espectro-heliógrafo. Vê-se a camada superior de vapores de cálcio na atmosfera solar.



A CASA PORTUGUESA



A CASA DOS PENEDOS  
SINTRA

PROPRIEDADE DO SR. CARLOS MACHADO RIBEIRO FERREIRA

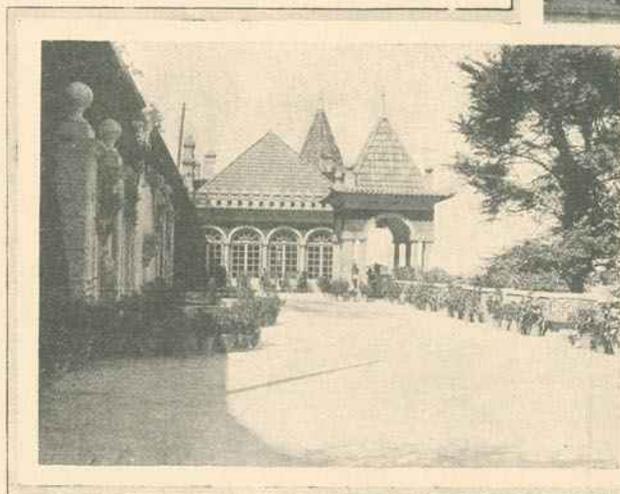
Arquitecto R. L.



A PORTA DE ENTRADA TEM UM AR NOBRE E RESERVADO



VISTA A DISTANCIA, A CASA — ALCANDORADA NA MEIA-ENCOSTA — TOMA FORMAS DE CASTELO E SURPREENDE PELA EXTENSA SÉRIE DE ARCOS E BALCÕES QUE DOMINAM O VALE E QUE NOS DÃO POR VEZES EM NOITES DE FESTA UMA ADMIRÁVEL VISÃO DOS CONTOS DE FADA



O PAVILHÃO DE FESTAS, CONSTRUÍDO A UM EXTREMO DA CASA, DÁ PARA O LARGO TERRAÇO DE ONDE SE DESCE AOS JARDINS



ENTRE A HABITAÇÃO PROPRIAMENTE E O PAVILHÃO DE FESTAS HÁ UM PEQUENO CLAUSTRO FLORIDO QUE PROPORCIONA AOS MORADORES APRECIÁVEL REFÚGIO EM DIAS DE VENTO. CLAUSTRO, PAVILHÃO, E PARTE DO TERRAÇO DEBRUÇAM-SE A GRANDE ALTURA SOBRE UM ESTELHO DE ÁGUA ONDE CERNES NEGROS RISCAM SUAS MISTERIOSAS SIGLAS

No próximo número publicaremos a Ilustração aspectos do interior desta casa



## A LETRA ENCARNADA

Romance por NATHANIEL HAWTHORNE

*Sensacional romance americano, cujo extraordinário êxito se avalia pela tiragem de 2.700.000 exemplares atingida nos Estados Unidos.*

(Continuação do n.º 18)

E esta era, ainda assim, a apreciação que a mãe fazia da índole da criança. Qualquer outro observador poderia ter reparado só em alguns característicos, pouco estimáveis, e ter-lhes dado muito pior côr. Porém agora entrou com fôrça no espírito de Hester a idea de que Pearl, com a sua notável precocidade e perspicácia, talvez já estivesse a chegar à idade em que se poderia tornar sua amiga, e receber a confidência de suas mágoas, quanto ella lhas poderia comunicar, sem desrespeito da mãe nem da filha. Do pequeno caos do carácter de Pearl podiam ver-se a emergir — e desde o comêço de sua vida se poderiam ter visto — os princípios firmes de uma coragem inquebrantável — de uma vontade indomável — de um orgulho forte que poderia disciplinar-se e reduzir-se a altivez — e de um amargo desdém por certas cousas que, quando examinadas, mostravam ter côr de falsidade. Possuía também vivos affectos, se bem que por ora acres e desagradáveis, como o são os melhores aromas na fruta ainda verde. Com todos estes belos attributos, pensava Hester, grande devia ser, em verdade, o mal que havia herdado da mãe, se esta criança estranha não viesse a tornar-se numa nobre mulher.

A tendência inevitável de Pearl para andar à roda do problema da letra encarnada parecia ser qualidade innata de sua natureza. Desde a primeira época da vida consciente se começara a occupar dêlle, como se desta missão fôra incumbida. Muitas vezes supusera Hester que a Providência tinha tido um designio de justiça e de punição, ao dotar a criança desta propensão tão accentuada; mas nunca, até agora, se havia lembrado de pensar se, aliado àquele designio, não haveria também um propósito de misericórdia e beneficio. Se a pequenina Pearl fôsse tratada com fê e confiança, como um enviado espiritual não menos que uma criança da terra; não estaria dentro da sua missão desfazer a gélida tristeza que se depusera no coração materno, e o convertera num túmulo? — e auxiliá-la a vencer a paixão, outrora tão ingovernável, e que mesmo agora não estava ainda morta, nem dormente, mas apenas encerrada no mesmo coração tumular?

Tais eram alguns dos pensamentos que se voltiam agora no espírito de Hester, com tanta viveza de impressão como se alguém lhôs tivesse dito ao ouvido. E ali estava a pequenina Pearl, todo êste tempo, apertando a mão da mãe entre as suas, e levantando o rosto para ella, ao fazer

estas perguntas inquisitivas, uma, duas e três vezes.

— Que quer dizer a letra, mãe? — e porque é que tu a usas? — e porque é que o padre traz sempre a mão em cima do coração?

— Que lhe hei de eu dizer? — pensava Hester para si. — Não! se êste é o preço da simpatia da criança, não posso eu pagá-lo.

Então ergueu a voz.

— Tolinha! — disse. — Que perguntas são essas? Há muitas cousas no mundo por que uma criança não deve perguntar. Que sei eu do coração do padre? E quanto à letra encarnada, uso-a por causa do fio de ouro que tem.

Em todos os sete anos, nunca Hester Prynne fôra falsa ao simbolo que trazia ao peito. Talvez elle fôsse o talismã de um espirito que a guardasse, fôsse embora duro e severo, e que agora a abandonava, ao reconhecer que, a pesar da vigilância que no seu coração exercera, algum novo mal nêlle se tinha insinuado, ou algum antigo mal nunca dêlle fôra expellido. Quanto a Pearl, não tardou que a seriedade se lhe desvanecesse do semblante.

Mas a criança não se sentiu disposta a abandonar inteiramente aquele assunto. Duas ou três vezes, enquanto ia com a mãe para casa, e outras tantas à ceia, e quando Hester a estava deitando, e uma vez ainda quando parecia estar já a dormir muito bem, Pearl ergueu o rosto, e com malícia a brilhar-lhe nos olhos negros:

— Mãe — disse — que quer dizer a letra encarnada?

E na manhã seguinte, o primeiro sinal que deu a criança de ter acordado foi levantar a cabeça da almofada, e fazer aquella outra pergunta, que tão inexplicavelmente tinha ligado às suas investigações acêrca da letra encarnada:

— Mãe! — mãe! Porque é que o padre traz a mão sobre o coração?

— Cala, criança impertinente! — respondeu a mãe, com uma aspereza que até ali nunca se tinha permitido usar. — Não me arrelies, senão, fecho-te no quarto escuro!

## XVI

## UM PASSEIO NA FLORESTA

Hester Prynne estava firme em sua resolução de fazer conhecer ao sr. Dimmesdale, qualquer que fôsse o risco de dor immediata ou de consequências ultteriores, quem era o homem que se havia insinuado em sua intimidade. Porém

durante uns poucos de dias em vão procurou oportunidade de lhe falar, valendo-se de qualquer dos passeios meditativos que sabia que elle costumava dar, ou pelas costas da península, ou nos montes arborizados da vizinhança. Não haveria escândalo, em verdade, nem perigo para a santa alvura do bom nome do padre, se ella o visitasse em seu próprio gabinete, onde já muita penitente havia confessado pecados porventura tão graves como o que a letra encarnada simbolizava. Mas, em parte porque temia a intervenção secreta ou aberta de Roger Chillingworth, em parte porque o seu coração atormentado via perigos em actos que não poderiam dar ocasião à menor suspeita, e também porque tanto o padre como ella precisariam de todo o mundo para respirar, quando houvessem de ter esta prática a sós — por tôdas estas razões não quis Hester falar com elle em segrêdo senão debaixo do céu descoberto.

Por fim, estando a ministrar os seus cuidados num quarto de doente aonde o sr. Dimmesdale fôra chamado para fazer uma oração, soube ella que o padre tinha ido, no dia anterior, visitar o apóstolo Eliot, que estava entre os indios seus convertidos. Voltaria provavelmente no dia seguinte, a certa hora da tarde. Portanto, no outro dia, Hester chamou cedo a pequenina Pearl — que tinha por fôrça que ser a companheira de tôdas as jornadas da mãe, por mais inconveniente que fôsse a presença da criança — e saiu com ella.

A estrada, desde que as duas viandantes saíram da península para o continente, não era mais que um atalho. Entrava, serpenteando, pelo mistério da floresta primitiva. Esta apertava-a tanto e era tão densa e negra de ambos os lados, e em tão poucos sitios permitia ver alguma ténue luz do céu, que, ao espirito de Hester, não figurava mal a solidão de alma por onde ella há tanto tempo caminhava. O dia estava frio e escuro. Cobria o céu uma extensa camada de nuvens, que uma brisa, porém, alterava ao de leve de vez em quando; assim, uma ou outra vez, um raio breve de sol vinha brincar no caminho solitário. Esta alegria passageira era sempre na outra extremidade de alguma parte direita do atalho que se prolongava através da floresta. A luz alegre do sol — de uma alegria vaga, quando muito, no meio da tristeza predominante do dia e da paisagem — retirava-se quando ellas se aproximavam, deixando mais tristes os lugares onde tinha brincado, pois que ellas esperavam encontrar-lhes iluminados.

— Mãe — disse a pequenina Pearl — o sol não gosta de ti. Foge e esconde-se, porque tem medo de uma cousa que tu tens no peito. Olha agora! Lá está ele a brincar, lá muito longe. Fica tu aqui, e deixa-me ir correr a apanhá-lo. Sou ainda pequenina. O sol não foge de mim — porque ainda não tenho nada no peito.

— Nem terás nunca, filha, assim o espero — disse Hester.

— Porque não, mãe? — perguntou Pearl, parando de repente, quando ia começar a corrida. — Pois não vem por si quando eu for mulher?

— Vai, filha, vai — respondeu a mãe — vai apanhar o sol! Daqui a pouco vai-se ele embora.

Pearl pôs-se a correr muito depressa, e, como Hester, sorrindo, pôde verificar, apanhou realmente a luz do sol, e ficou a rir no meio dela, tódá iluminada pelo seu esplendor, e scintilante da vivacidade que o movimento rápido nela excitara. Pairava a luz em tórno da criança isolada, como se contente de encontrar aquela companhia para brincar, até que a mãe chegou quasi ao sítio onde podia também entrar para o círculo mágico.

— Agora vai-se embora — disse Pearl, abandonando a cabeça.

— Vês? — respondeu Hester, sorrindo; — agora posso estender a mão e apanhar também luz.

Ao tentar fazê-lo, o sol encobriu-se e a luz desapareceu; ou, a avaliar pela expressão brilhante que scintilava nas feições de Pearl, podia a mãe imaginar que a tinha absorvido a criança, e que a restituíra, iluminando o caminho em volta, quando as duas entrassem nalgum sítio mais sombrio. Não havia atributo de Pearl que tanto desse à mãe o sentimento de vigor novo e original no temperamento da filha como esta continua vivacidade de espirito: não tinha a doença da tristeza, que a maioria das crianças, nestes nossos dias, herdam, com as escrófulas, dos males de seus maiores. Talvez essa vivacidade fôsse, também, uma doença, e apenas o reflexo da energia violenta com que Hester tinha lutado contra as suas mágoas antes de Pearl nascer. Era decerto um encanto duvidoso, que dava ao carácter da criança um brilho duro e metálico. Faltava a esta — o que a muita gente falta em tódá a vida — uma dor que profundamente a ferisse, e assim a humanizasse e tornasse capaz de sentir profundamente. Mas para isso tinha a pequena Pearl ainda muito tempo.

— Vem, minha filha! — disse Hester, olhando em tórno de si do lugar onde Pearl havia estado ao sol. — Vamo-nos sentar um pouco mais adiante e descansar.

— Não estou cansada, mãe — respondeu a pequenina. — Mas senta-te tu, se me queres contar uma história.

— Uma história, filha! — disse Hester. — Uma história de quê?

— Oh, uma história a respeito do Homem Negro — respondeu Pearl, agarrando-se ao vestido da mãe, e olhando para ela, meio a sério, meio com malícia. — Conta-me como ele anda aqui

pela floresta, e traz um livro consigo — um livro grande e pesado, e com fechos de ferro; e como este Homem Negro muito feio apresenta o livro e uma pena de ferro a tódas as pessoas que o encontram aqui entre as árvores; e elas teem que escrever o nome com o próprio sangue; e depois o Homem põe-lhe o sinal d'ele no peito! Nunca encontraste o Homem Negro, mãe?

— E quem te contou essa história, Pearl? — perguntou a mãe, reconhecendo uma superstição corrente naquele tempo.

— Foi aquella senhora velha que estava ao pé da chaminé na casa onde a mãe velou a noite passada — disse a criança. — Mas ella supunha que eu estava a dormir quando esteve a contar isto. Disse ella que milhares e milhares de pessoas aqui o tinham encontrado, e tinham escrito no seu livro, e tinham o sinal d'ele. E aquella senhora de mau génio, a velha senhora Hibbins, era uma delas. O mãe, e a velha disse que esta letra encarnada era o sinal que te tinha pôsto o Homem Negro, e que brilha como uma chama vermelha quando tu te encontras com elle, a meia noite, aqui na escuridão da floresta. É verdade, mãe? E tu vais ter com elle de noite?

— Já alguma vez, quando acordaste de noite, deste pela falta da tua mãe? — perguntou Hester.

— Não, não me lembro — disse a criança. — Mas, ó mãe, se tens medo de me deixares sózinha lá em casa, podias trazer-me contigo. Eu gostava de vir! Mas, ó mãe, dize lá! Sempre há este Homem Negro? Já o encontraste? E é d'ele este sinal?

— Serás tu capaz de me deixar sossegada, se eu to disser de uma vez para sempre? — perguntou a mãe.

— Sou, sim, se me disseres tudo — respondeu Pearl.

— Uma vez na minha vida encontrei o Homem Negro! — disse a mãe. — Esta letra encarnada é o sinal d'ele!

Assim conversando, entraram tanto pela floresta dentro que ficaram fora da observação de qualquer viandante casual que seguisse pelo atalho. Sentaram-se num monte alto de musgo, que, em algum período do século anterior, havia sido um pinheiro gigantesco com as raizes e o tronco na sombra escura, e o tópo erguido nas alturas luminosas. O lugar onde se tinham sentado era um valezinho, com uma pequena encosta, coberta de folhas sêcas, a subir de cada lado, e um riacho a correr pelo meio, sobre um leito de folhas caídas e afogadas. As árvores que sobre elle se curvavam, tinham deixado cair, de tempos a tempos, grandes ramos, que se atravessavam na corrente e a obrigavam a formar, nalguns pontos, redemoinhos e pegos escuros; ao passo que nos sitios onde corria mais vivo e rápido, se mostrava um leito de pedrinhas e de areia ruiva e brilhante. Quem deixasse os olhos seguir o curso do riacho distinguiria até pequena distância na floresta a luz reflectida de suas águas; mas não tardaria

a perder todo o vestígio d'ele na confusão dos troncos de árvore e do mato, e por detrás dos grandes rochedos, cobertos de líquenes cinzentos, que aqui e além se levantavam. Tódas essas árvores gigantescas e êsses penedos de granito pareciam empenhados em fazer mistério do curso daquele ribeirinho, receando talvez que elle, com sua interminável loquacidade, contasse segredos do coração da velha floresta donde corria, ou espalhasse as suas revelações na superfície lisa de uma lagoa. E' certo que o riacho, enquanto deslizava, mantinha uma voz leve, boa, quieta e afagante, porém melancólica, como a voz de uma criança que passasse a infância sem brincar, e não soubesse como ser alegre entre companheiros tristes e sucessos sombrios.

— O' ribeirinho! Ribeirinho caprichoso e aborrecido! — exclamou Pearl, depois de estar algum tempo a escutar-lhe a voz. — Porque és tão triste? Anima-te e não estejas sempre assim a suspirar e a murmurar!

Mas o riacho, no decurso da sua pequena vida entre as árvores da floresta, tinha atravessado uma experiência tão solene que não podia deixar de falar dela, e parecia não ter mais que dizer. Pearl parecia-se com o riacho, porque a corrente da sua vida provinha de fonte não menos misteriosa, e tinha deslizado através de scenas tão ensombradas e tristes como estas. Mas, ao contrário do ribeirinho, dançava e scintilava, e falava com alegria em todo seu curso.

— O' mãe, que é que diz este ribeirinho triste? — perguntou ella.

— Se tu tivesses algum desgosto, talvez o ribeirinho te falasse d'ele — respondeu a mãe, assim como me está a falar do meu. Mas, Pearl, estou a ouvir uns passos pelo atalho, e o ruído de alguém que vem a apartar os ramos. Querias que fôsses brincar e me deixasses, para eu falar com quem ali vem.

— E' o Homem Negro? — perguntou Pearl.

— Então não vais brincar, filha! — repetiu Hester. — Mas não vás muito longe pela floresta dentro. E assim que eu te chamar, vem logo.

— Sim, mãe — respondeu Pearl. — Mas se for o Homem Negro, não me deixarás ficar um bocadinho, a vê-lo, com o seu grande livro debaixo do braço?

— Vai, tolinha, vai! — disse a mãe, com impaciência. — Não é nenhum Homem Negro. Já podes vê-lo, através das árvores. E' o padre!

— Ah! é, é — disse a criança. — E, ó mãe, lá traz elle a mão sobre o coração! É Será porque, ao escrever o padre o seu nome no livro, o Homem Negro lhe pôs o seu sinal naquele sítio? É Porque é que elle não usa o sinal por fora do peito, como tu fazes, mãe?

— Vai, filha, vai agora brincar, e noutra ocasião me apurarás a paciência, à tua vontade — exclamou Hester Prynne. — Mas não vás para longe. Fica sempre onde possas ouvir palrar o ribeirinho.

(Continúa.)

## A R A B E S C O S

A TEIXEIRA DE PASCOAIS

A infância é uma anúncio reveladora. A criança o esboço de um homem que não pôde ainda surgir e de que o actual não é senão a caricatura.

Para uma alma superior tudo são fontes de sugestões: uma árvore que estremece—sabe-se lá porquê—no desmaio etéreo da tarde, uma ave que passa com seu trilo no azul luminoso, um olhar que se surpreende, um filho que nasce...

A riqueza transmitida por herança priva o homem de algumas fortes e agudas alegrias a troço das satisfações que garante—e que os outros invejam. Escuso de lhes dizer que escrevo isto com a sinceridade de quem sendo um pobre de nascença trouxe no sangue a tara fatal dos *grands seigneurs*...

Quando penso que todos estes borradores de telas que nos afrontam são filhos degenerados de Cezanne, quasi perdão a Zola tê-lo feito pintar o gradeamento da sua vivenda em Batignoles.

«Antes me estoirem os olhos do que me seque as lágrimas.» Quem escreveu isto foi Junqueiro, mas quem tem inveja de o não ter escrito sou eu...

Um povo que só tivesse poetas líricos e amorosos a desfalecer de paixão seria, sem dúvida nenhuma, um povo doente. A poesia é bela. O seu poder de espiritualizar a vida é prodigioso. Mas para que a poesia possa prolongar o seu influxo é necessário que as fontes mesmas da Vida se não estanquem. Eis porque um povo necessita, antes de mais nada, de ter saúde. O culto da força, da dextera e da valentia, é, do mesmo passo que um índice, um estimulante dêsse bem inestimável. Por isso eu cuido que devemos prezar os nossos jogadores de pau, os nossos cavaleiros e pegadores de toiros, os espectáculos viris que retemperam as fibras desgastadas pelo uso da vida e opiadas pelo sofrimento que a acompanha como a sombra segue o vulto.

Algumas vezes tenho ouvido da boca de pessoas que estimo e considero palavras agradáveis ao meu orgulho. Deleita-me ouvi-las. Mas estou em jurar que se elas mas recusassem, o prazer que isso me daria não seria menos profundo, nem menos agudo do que o que me concedem—dispensando-mas. A sensação de que se é vítima de uma grande injustiça é uma forte e doce volúpia.

O tão falado professor Ross, que perante a Sociedade das Nações—venerável arcéopago!—nos acusou de escravagistas, é americano. Eis uma circunstância que não deixa de vir a propósito recordar para maior realce do libelo com

que se pretende denegrir um país—só porque nêle os pretos até podem a vontade usar monóculo sem correrem o risco de ser queimados vivos ou feitos em tiras segundo a famosa lei de Lynch—que, pelos modos, também era americano.

Certos corpos de mulher, mesmo imóveis, dão logo a quem os contempla a sensação viva e instantânea da riqueza de atitudes que guardam, latente, em sua plasticidade estatutuária.

As nossas ideias modernas enfermam da inadaptação, da resistência surda do nosso ser, sobre o qual o antepassado projecta, vergando-nos, a sua sombra de imperfeições. A nossa maior revolta tem de ser contra os mortos que nos oprimem.

A obra de certos escritores faz-me suspeitar que eles avaliam a Dor Humana pela dor de dentes...

A mocidade é uma primavera. Quantas vezes, porém, dentro dessa primavera uma alma deixa pender a cabeça—e chora! Porquê? Não sei. Não se sabe. Ninguém sabe. Há pessoas—e essas são justamente as mais sensíveis—que choram sem saber porquê, como se chorar por um motivo qualquer preciso e nitido fôsse uma vulgaridade que lhes está vedada...

Digo-o sinceramente: eu gostarei muitíssimo mais que o meu filho venha a ser um rapagão desembaraçado e alegre, cuja figura erguida sobre a sela dum cavalo feroso, desafiando bravamente os toiros bravos na claridade fulva das arenas, concentre milhares de olhos ávidos e sorridentes—olhos de plebeus e olhos de mulheres—do que um grande homem convencional da política, trepando depressa na burocracia, para dar despacho, de luneta espetada no nariz, à papelosa das repartições. Não ando a criar um filho para a caixa das aposentações,—mas para a vida forte e bela que só pela dinâmica da emoção se realiza.

Os pais de família que me censurem! *Je m'en fiche*.

Sou um ateu cheio de união religiosa. A ideia de Deus não me repassa as entranhas: escapa mesmo à minha mentalidade. Mas o mistério do Universo sinto-o por todos os lados—como um oceano que marulha em redor de uma ilha solitária.

A virtude tem a sua ferocidade.

Anatole France, mordiscando Zola, dá-me a impressão de uma borboleta a esvoaçar—quasi imperceptível mancha de tinta irrequieta—no flanco hirsuto de uma montanha.

Há mais heroísmo no homem que luta de peito com a adversidade e, acotovelando todas as degradações, leva até o fim, no torvelinho social, a sua cruz de filho, de marido, de pai e de cidadão, do que no asceta que não renunciou mais, desertando do mundo, aos capitosos eflúvios do que as ardentes tribulações da vida livre.

Estimo fraternalmente as árvores. Sou até capaz de me apaixonar por uma tilia ou por um castanheiro. A sua alma, que me dá sombra e perfume, fala à minha baixinho pelos lábios verdes da folhagem. Mas muito mais do que das árvores, gosto das florestas. As árvores podem ser belas. As florestas são-no sempre.

Há existências tão cuidadas, tão gastas pela dor, que a gente perante o sofrimento que elas exalam já não sente nem piedade, nem assombro. A desgraça não as açoita com um vento furioso, nem arranca delas reacções amargas. Baloíçam com o vento, arrasta-as o destino como fôlhas mortas. E quando se agitam e gesticulam e gritam os seus corpos parecem farrapos de cartazes que apodreceram à chuva e se esfrangalham aos poucos pelas esquinas... Tudo nelas é mediocre e diluído. Não tem feições, quasi nem tem contornos: passam como sombras projectadas numa parede ou condensações illusórias de nevoeiro. As cidades estão cheias destas criaturas. Nem os polícias reparam nelas. Só são suspeitas aos perscrutadores implacáveis da dor humana, aos mergulhadores dos oceanos sociais, aos gulosos de ignotas tragédias, de vidas lobregas, de corações que batem o seu ritmo sem que ninguém os ouça...

Quem não é capaz em certas horas de viver pela imaginação todos os sofrimentos, todas as agonias e todas as aflições de que a terra está cheia, pode ser um sábio, um artista, o que quiserem, mas não chega a ser plenamente—um homem.

Uma floresta, uma catarata, um furacão são coisas grandes, formidáveis—mas maior do que tudo isso é uma alma.

Toda a sociedade, seja qual fôr o seu modo de organização, engendra vítimas. Fazer disso um argumento contra a sociedade é como amaldiçoar o mar a pretexto de que há naufrágios.

A vida não é para mim um deserto que eu atravessasse melancólico como um árabe olhando a sua sombra nas areias. Mas que o fôsse! Para o atravessar de noite, com segurança, uma coluna de fogo me guiaria os passos: o amor do meu filho.

BOURBON E MESESES.

## OS GRANDES DRAMATURGOS

## IBSEN E A SUA OBRA

(NOTAS À MARGEM)

Não lhes parece que este curioso fenómeno que Nietzsche foi o primeiro a desvendar, daria sobre o mistério da sua origem um interessantíssimo estudo de Freud, e que muito teriamos que ouvir, se o sábio médico alemão applicasse o seu Sherlockismo de psiquiatra que mais parece bruxo, a esta outra bruxa da Scandinavia, que veio aquecer-se ao sol da Hállade e do Lácio, arrastando consigo os farrapos da sua saia remendada de angústias, de medos e nocturnos pesadêlos?

Pois onde, em que scena, em que página da sua obra portentosa, em que frase ao menos, o divino instinto irrompa uma vez sequer, o desejo viril da posse agite nobremente algum dos seus heróis, a voz e a força máscula faça tremor todo o seu rebanho de fêmeas inquietas, ractocinadoras porque lhes falta o Homem, o Sátiro jovial que as arraste para a festa dionisíaca, na grande ronda as leve dançando, até Githêra?

E como poderia ser se seu culto feminino tem o caracter permanente de assistência moral, especie de fraternidade, espirito de defesa e de partido que jámais se enalteceu por febre de amor e de desejo, pois que no fundo de Ibsen, apesar de implacável inimigo das Igrejas, há sempre um sacerdote triste e succumbido, erguendo as pálidas mãos entre seu côro lamentoso da Filha de Maria?

Como elle o condena, ao grande e sempiterno Desejo, no Petit-Eiolf! Como elle no-lo mostra ridiculo nos gestos grotescos do desgraçado Oswald, como elle o troça impiedosamente na Comedia do Amor! Em Tolstói, ao menos, seu místico delirio de purificação toma aspectos de tortura que o absolvem, pois como que escutamos o rumor da grande batalha da sua pobre alma delirante contra o imperio do seu sadio corpo de robustissimo pagão. Da feroz tragédia que foi a vida do grande russo, dêsse embate formidavel entre o seu pessimismo de cristão e a alegria ardente de viver que fervia no seu sangue rico e generoso de Mujik, não encontraremos sombra sequer na alma do genial dramaturgo do *Pato bravo*. Para este há só almas, nupcias de almas, o casual humano, grave e sereno, bem unido de olhos no dever e na tranquilla perpetuação de nossa especie. Dir-me hão que Ibsen, contudo, fala na Alegria de Viver, como desideratum supremo da Existência, e, certo, toda a sua obra a reclama, os Espectros não sendo afinal outra coisa que essa grande aspiração, essa força que dentre as trevas aspira à luz, a voz d'Oswaldo, de dentro dum túmulo, pedindo o Sol. Mas voz surda e átona, rubrica o Ibsen, como surda e átona é sempre a sua própria voz quando pretenda entoar seus hinos à alegria. Onde é que elle a pinta, onde os campos floridos que atravessou cantando, onde se cobriu de maras, em que ingénuas romarias riu, bebeu e brigou, em que terreiros ao sol ou em que eiras ao luar foi que elle dançou e permutou os abraços, em que hora divina beijou elle a boca vermelha duma Mulher? Velha solteirona! — bem o dizia o Nitzsche. Se foi um Grego, foi um mau Grego, associado à traição de Euripides, e os deuses da Tragédia ofendidos, dele se vingaram, condenando-o à demencia infantil, como menina brincando à janela com as suas bonecas — as bonecas em que o destino transformara as suas Solveig, Noras, Alving, Heddas-Glabers... Quão longe estamos do grande final de Nitzsche e de Strindberg, um ao outro chamando-se e convidando-se em cartas e telegramas que são gritos de festa, para juntos penetrarem no Palácio infinito da Loucura, de mãos dadas dançando sobre o grande abismo, um dizendo-se Imperador, Deus se julgando o outro, possessos ambos de orgulho e terrível alegria, creio que por terem bebido os filtros dionisíacos, talvez na própria boca da Vênus Afrodita, talvez por terem contemplado frente a frente a divina face de Apolo!...

E porque não seria assim, se até o sereno e irónico Renan foi todo agitado por convulsivo tremor, ao ajoelhar-se pela primeira vez entre os marmores da Acropole?

Não é bom nem para os homens nem para os deuses, contemplarem-se de perto. Já o ensina a boa prudência judaica: Moisés só viu uma vez a Jehovah... e foi de costas.

FRIE CARLOS.

O tipo mais perfeito de *vieille fille* — lhe chamou Frederico Nietzsche — e não creio, em verdade, tenha havido no mundo alma de *suffragette* mais terrível e destruidora que a d'este farmacêutico da Noruega, de tranquillo aspecto, mas cuja botica foi visitada a miúdo por bem estranhos fantasmas: espectros dos seus antepassados Vikings, que lhe vinham ao ouvido gritar em cada hora suas vozes de comando e seus hinos de impiedosa energia, entre o pávido volutar de saturninas sombras, sabbat de duendes, que, através dos seus dramas, molemente e, quanta vez, perversamente se agitam à busca dum sentido mais claro e luminoso da Vida.

Devo confessar ao leitor que não sei ao certo se Henrik Ibsen, que tirou, como se sabe, seu curso de farmacia, chegou a estar ao balcão, de porta aberta, a aviar receitas sob o simbolo tutelar da serpente enroscada ao tronco da palmeira...

Mas o caso é que é assim que sempre o vejo, num cenário que lembra ainda o dos velhos alquimistas, num officio que o obriga à contemplação permanente das mais tristes realidades, a fina orelha sempre à escuta de todas as novas e canards da cidade, os olhos luzindo-lhe por detraz da balança de precisão, onde ia pezando os ingredientes misteriosos, e onde supunho, também pezava as almas mais misteriosas ainda...

E assim que em imaginação lhe ressucito a figura, e só a figura, está claro, pois quanto à alma, essa jámais a vi com geito e aspecto de homem, e mal irá a quem a pretenda projectar em qualquer dos seus personagens masculinos. Aquele que a quiser tocar há-de ir antes buscá-la à rica e vasta galeria das suas heroínas: Assim Ibsen é Nora na *Casa da Boneca*, é Rebeca no *Romersalm* e é a senhora Alving nos *Espectros*, e é ao mesmo tempo Mãe Aasse e Solveig no *Peer-Gint*, e é a Dama do Mar e é Hedda-Gabler... e todas, todas as outras...

Ele foi a voz de todas estas mulheres mais ou menos victimas incompreendidas dos homens; a roda de Ibsen todas se assentaram, fazendo o seu tricot, longamente desfiando suas longas queixas... E elle as ouviu com paciência infinita, para depois na sua obra as julgar, como elas costumam afinal julgar-se a si mesmas, isto é: magnanimamente. Sua preocupação em absolver e indemnizar as pobres donas levou-o aos maximos extremos, até à injustiça: Nesse tribunal tremendo que é o seu drama os *Espectros*, o réu principal, Chambellan Alving, sendo já morto, não comparece em scena e é julgado a revelia — fantasma mais infeliz do que o do pai do Hamlet — não tendo sequer o filho a amá-lo e a defender-lhe a memoria. Razão dou a Strindberg, queixando-se do prudente cuidado de Ibsen em matar o pai de Oswaldo antes de começar a peça, para que elle jámais pudesse vir à barra defender-se das tremendas acusações da esposa.

Mas, dir-me-hão: e o Brand? Brand não será o próprio Ibsen, com as suas idéas, seu clamor profético, e até no seu misticismo cruel de Inquisidor?

Creio que não. Brand é simplesmente o seu odio, o seu odio de *puritana*, a que elle deu uma forma masculina so para que mais forte parecesse e a voz tivesse a viril sonoridade — odio de tal maneira implacável que, «Desta vez», diz-lo o próprio Ibsen numa carta escrita ao começar o poema — «desta vez não se salvará nem o filho ao còlo da mãe! E não, pois que

em intenção destruidora, creio que só o igualou Ricardo Wagner, outro espirito feminino, no último acto do *Tristão e Izolda*...

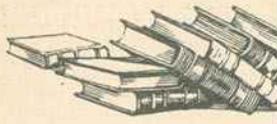
Brand não é Ibsen, é o seu *Homem*, o que vem dar ainda mais razão a Frederico Nietzsche. Ele o segue apaixonadamente, por largo tempo, em todos os seus trabalhos, e só pára apovado quando aquele Savonarola ainda mais implacável do que o de Florença, abandona a própria mulher na obsessão da sua fórmula absoluta: «Ou tudo ou nada!» E então que Ibsen feminilmente se assusta, e por sua vez odiando o seu varão assinalado, o lapida com o granizo da tempestade, e por fim o esmaga sob a massa brutal duma imensa avalanche. Não lhe dá sequer as honras duma cruz, promissora de próxima ressurreição, antes o quer definitivamente aniquilado pelas forças brutais da natureza. Aquela fogueira purificadora, aquele Brandão aceso, que outra coisa não era a alma incendiária e justiceira de Brand, Ibsen a apaga e sepulta para sempre sob um frio e imenso lençol de zêlos!



H. Ibsen

E, de resto, «Brand, como o *Peer-Gint* e Imperador e Galileu, parecem mais debates travados no seio do pesadelo da filosofia ou da filosofia do destino, do que legítimas expressões da vida» — diz-lo um dos mais profundos criticos da epopeia ibseniana, o egregio escritor brasileiro, Araripe Junior, em quem não sabemos que mais admirar, se a riqueza da cultura, se a vastidão do seu génio poético, se sua luminosa e hiper-aguda intelligência.

Mas o que a propósito d'estes, o sábio critico escreveu bem se pode afirmar a respeito de todos os outros heróis dos seus dramas. Como estes, todos foram tirados da sua cabeça de Minerva sombria, envolta sempre entre as névoas pardacentas da sua terra — e só as suas heroínas afinal teem vida, são veridicas filhas do seu sangue, carne da sua carne e almas da sua alma.



# Livros e Escritores



O aspecto mais curioso da psicologia de Venceslau de Moraes, manifestado numa boa dezena de livros publicados, é o do quasi absoluto desenraizamento sofrido pelo escritor em referência. Percorram os leitores desta revista a literatura de viagens, desde Fernão Mendes Pinto até aos literatos contemporâneos; leiam quanto entre nós se tem escrito por banda de indivíduos que, tendo abandonado a terra mãe levados pela sede da aventura ou do dinheiro se fixaram em longínquas paragens e destas deixaram ficar copiosas descrições: lá encontrarão a cada passo manifestadas exuberantemente as características da alma lusiada, lá verão aflorar a cada momento a saúde pela obscura e, às vezes, pouco recomendável aldeia natal; a absoluta inadaptação do observador ao meio ambiente... Mas, caso singular! em Venceslau de Moraes, — e desde o *Dai Nippon* até este *Relance da alma japonesa* agora publicado, as características essenciais da alma lusiada sofreram um eclipse bastante pronunciado, a mais dum respeito quasi total. Por vezes Venceslau de Moraes, tenta mesmo pensar em japonês, até quando tudo levaria a crer que assim não fosse. Ler este escritor — cujo publico se pode considerar enorme — é falar com um indivíduo apaixonadamente japonês, integrado na vida, costumes, arte, historia e psicologia dos nipões; um indivíduo para quem a pátria do exílio voluntário será a definitiva porque nela encontrou, por um estranho fenómeno de desnaturalização, o *habitat* favorito do seu espirito. Um recanto, um idolo, um aspecto da vida no país do Mikado teem o condão extraordinário de lhe fazer vibrar as cordas mais íntimas, como a nós nos fariam estremecer racialmente um aspecto da vida nacional, uma tradição religiosa da nossa terra, um recanto das nossas províncias... E o mais curioso de tudo é que, Venceslau de Moraes, não procede assim em obediência a um japonismo ou chimesismo que, iniciados talvez com os Goncourt já passaram de moda, depois de terem dado páginas curiosas áquelles e fornecido versos absolutamente latinos a Machado de Assis ou a António Feijó... Não: em Venceslau de Moraes o caso é diferente; o autor em referência é sincero na predilecção pela terra que, definitivamente, elegeu por sua, em obediência a singulares tendências do seu espirito.

Mas, e aqui surge um outro aspecto curioso da idiosincrasia do escritor em questão e que, é a de quantos buscam fugir a uma lei eterna — a das características dum raça! —; se o autor do *Dai Nippon* é um desenraizado que se voltou amador de costumes e civilizações que não eram as da sua raça, nem porisso, a-pesar-do seu empenho, logrou revestir totalmente a maneira de ser do povo aonde se fixou. Se é certo que Venceslau de Moraes não pensa em português, nem tem vivas e frescas as características da sua pátria de nascimento; se não é menos certo que só os aspectos e sentimentos da terra nipónica o fazem vibrar e que, transportado á distante pátria lusitana ficaria apático, insensível, deslocado mesmo, não menos verdade é também que, até hoje, por mais que tenha feito não logrou dar-nos da pátria adoptiva mais do que aspectos superficiais, pequenas coisas, possivelmente toda a exterioridade nipónica, mas jamais a alma inteira, a transposição em prosa lusiada da terra do Mikado.

Postas em contacto as características originaes do escritor com as do povo especialissimo com o qual entrou em prolongado convívio, Venceslau de Moraes (no qual, de resto disposições estranhas de espirito preparavam uma assimilação) não logrou desvenhar-se por completo da raça, nem, portanto, adaptar-se psicologicamente á maneira de ser japonesa: esta, por vezes desaparece, mau grado as predilecções do escritor, para dar lugar a qualquer coisa que está bem longe daquela. Nunca um japonês seria capaz de sofrer dessa estranha doença que os historiadores de literatura chamaram *o mal do século* e que, em Venceslau de Moraes, desde que se saiba ler e ver, é por demais palpável e manifesta. Há na sua obra um tom de tristeza e de pessimismo, de descrença e desconsólo que se não compadece com a psicologia japonesa se nos reportarmos apenas áquella que o escritor em mais dum dos seus livros nos apresenta. É que, não obstante a sua predilecção pela terra eleita do seu espirito, apesar de, por sua vontade, viver há longos anos em terras japonesas e de só com coisas do Japão se preocupar, a assimilação não logrou ser total porque as raças eram tão dispares e inconciliáveis na sua estrutura que não houve absorção possível: quanto muito deu-se uma substituição que conseguiu ser profunda sem aspar da alma do escritor áquilo que lhe era essencial. Venceslau de Moraes, sendo o mais desenraizado dos nossos escritores a dentro do seu exotismo, possivelmente mesmo áquelle que menos características lusiadas apresenta, é, no fundo, um erótico-efectivo, qualidade que baldadamente procuraremos nos nipões se formos a acreditar o que, do Japão, escreveu um dos indivíduos que melhor o conheceram, Lafcadio Hearn, e se consideramos como eróto-afectividade o carácter romanesco dum espirito. Para os subditos do Mikado são desprezíveis certas características — próprias ou adquiridas —, do latino e, por

levar ao seu espirito. E aqui encontramos a explicação do estranho modo de ser de Venceslau de Moraes o qual, sendo o menos lusiada talvez dos nossos escritores de coisas exóticas, não logra — a-pesar do seu persistente amor pela vida japonesa — restituir esta. É que, repetimos, a sua alma não pode assimilar, mercê de circunstâncias essenciais, a do povo japonês; este só lhe fornecerá exterioridades, escapando-se a tudo o mais... É, de resto, a tragédia de quantos tentam fugir áquilo para que nasceram!...

E tudo quanto acima afirmamos patente ficará aos olhos dos que lerem este *Relance da alma japonesa*. Vê-se no escritor um homem totalmente absorvido por áquilo que descreve, é certo!... Mas, se a nós nos enfadamos os especimes de literatura nipónica que temos percorrido com o espirito e o ouvido, porque razão nos agradamos livros de Venceslau de Moraes se todos elles tratam de coisas, sentimentos, aspectos, e psicologias em absoluto distanciadas de nós? E que o escritor os deu como os viu e não como elles possam ser estruturalmente; se o autor do *Relance*, às vezes, procura pensar em japonês, o raciocínio sai-lhe inquinado, melhor diríamos aguarelado a muito esbatidas tintas lusiadas. A sua retina, o seu espirito, seduzidos pelas coisas que vêem e estudam, não conseguindo estudar e ver á japonesa também não logram fazê-lo inteiramente á maneira dum Fernão Mendes Pinto. Daí o curioso da sua literatura e deste *Relance*, amostas estranhas dum temperamento sincero e artista, cheio de finura, delicadamente colorista e suave que circunstâncias especiais impedem de absorver a vida descrita e não deixam seguir as tendências da raça...

Estreia-se no género romance, com uma obra-titulo intitulada *Fumo*, o sr. Carneiro Gerales. Aqui há uns quatro ou cinco anos o romance em questão é possível que fizesse um barulho de muitos demonios, mercê de certas personagens apresentadas pelo autor e que todos nós conhecemos por a todo o momento toparmos com elas na vida politica e artistica dos últimos tempos. Os próprios nomes dessas personagens os dão logo a conhecer na maioria das vezes; noutras ocasiões os factos referidos são tão conhecidos que, a carapuça, como sóe dizer-se, vai logo a caminho da cabeça a que se destinava. Simplesmente, ao romance em questão falta-lhe uma ideia que o avivente, pelo menos uma ideia séria a qual, reunindo estreitamente o enredo, nos desse a razão de sarcasmos e repulsas que não vemos baseadas. No intimo todas as personagens, — as que o autor quis apresentar como boas e aquelas que nos inculca em contrário — se equivalem. Silvano Baêta e Lúcio de Menezes, Maria Luisa e Ligia Foscati, Patricio Gonzaga e Emilio de Cardova são simples pretextos para uma acção que se dilui em esteticismos frustrantes, sendo de notar que a trama do romance em questão, no que toca ás tolices estéticas do par amoroso, se aproxima bastante da utilizada pelo conhecido Silvano Baêta num seu romance, picarescamente célebre, e cuja personagem principal usa um titulo nobiliárquico formado com o apelido do mesmo Silvano... Vê-se no sr. Carneiro Gerales uma indecisão bastante pronunciada pelo que respeita á attitude moral a tomar em



Venceslau de Moraes

mais que se faça, nunca se conseguirá que elles mudem de parecer. «Cultive-se á moda europeia e com a mais tenaz das paciências o espirito dum japonês — escreve Lafcadio Hearn no seu *Out of the East* — o mais que se conseguirá é afastá-lo cada vez mais de nós porque, as suas predisposições mentais hereditárias se lhe revelarão com maior clareza sob a nova luz que se

definitivo: possivelmente o autor do *Fumo* não sabe que há-de fazer ao seu rial talento de escritor, e ainda o deslumbram certas burundangas que para aí surgiram com pretenções a brevírios de estética... E é pena porque, certas situações do romance foram dadas com felicidade: a descrição, muito rápida, é incisiva, embora as personagens sejam imperfeitamente caracterizadas por vezes; e certas figuras, como a de Emílio de Cardova, por exemplo, são curiosas... Mas, resumindo-se o interesse do livro a certos casos reais da vida política portuguesa, à apresentação de conhecidas e discutidas figuras, e sem uma ideia que avivente a acção — aliás muito diluída — o romance oscila, aguenta-se como pode e acaba por se desfazer no nosso espirito como uma bôlha de sabão no extremo duma cânula de madeira... para apenas persistir a convicção de que o sr. Carneiro Geraldes possui dotes de escritor e facilidades de estilo bem pouco vulgares em quem se apresenta pela primeira vez no romance.

maior. Como fomos sempre bem intencionados e, infelizmente, chegámos àquele triste *mezzo del cammin di nostra vita* de que fala o sombrio florentino, a experiência, a dura e despoetizada experiência, tem-nos mostrado como isto de partidos e programas políticos é a coisa mais falaciosa de que há memória. Não confiamos em nenhum e a nossa attitude resume-se hoje



Júlio Vieira

*Tôres Vedras, antiga e moderna* é uma excelente monografia que à sua vila natal acaba de dedicar o sr. Júlio Vieira. Não sabemos regatear elogios a obras deste género que bem desejariamos ver imitadas por quantos, tendo nascido e vivendo em formosíssimos lugares da terra portuguesa, a elles deveriam dedicar toda a sua actividade mental cuidando de os tornar conhecidos sob todos os aspectos. O sr. Júlio Vieira, começando por, despreocupadamente e sem inúteis alardes de erudição, nos apresentar quanto se sabe a respeito da origem da sua vila, vai seguindo a sua história cuidadosamente, desde a sua conquista por D. Afonso Henriques até aos dias de hoje; estuda, apresenta e descreve os monumentos da sua Tôres Vedras — alguns d'elles de real valor histórico e artistico, — trata das especiais condições de vida da referida vila, dos seus recursos naturais, dos variadíssimos acontecimentos de vulto de que ela foi teatro, das suas lendas e tradições, de tudo enfim quanto com a histórica vila de Tôres Vedras se possa relacionar, quer pelo que toca ao presente, quer pelo que diga respeito ao passado. É uma excelente monografia, repetimos, à qual não faltam um certo esmero editorial e um estilo fácil e cuidado que denotam no sr. Júlio Vieira um escritor destinado especialmente a trabalhos do género. Aqui lhe deixamos o nosso sincero parabem.

em ver passar a teoria das inutilidades palavrosas com que se iludem os povos, visto como, nada esperamos... O espectáculo que hoje, como ontem, como sempre, a arena politica oferece aos olhos de cada um não é de molde a seduzir ninguém. E não nos seduzindo a politica, mais: não nos tendo captado nunca as boas graças, porque desejaríamos intimamente que não houvesse outra coisa senão portugueses, não nos pode, é claro, enlevar esta ou aquela panacea. Limitamo-nos portanto a constatar que, há mais uma, quando ela adrega de surgir no Coliseu impiedoso que é a vida portuguesa. Ora a brochura do sr. Cunha Leal, se critica aqui e ali, com uma certa agudeza, a situação criada pelo sr. general Gomes da Costa, nada nos diz de definitivo acerca do que iria fazer o seu antagonista se porventura tivesse ao poleiro da governação pública. Provavelmente, e porque admitimos que o célebre e nervoso politico beirão seja sincero, a sua acção iria despedaçar-se contra aquilo com que tem chocado todos os outros seus antecessores. A aspiração de um Portugal maior como realizá-la? Não no-lo diz concreta e irrefutavelmente o sr. Cunha Leal; sua afirmação mais grave está em opinar que o Exército só tem uma solução: a de se apoiar num partido já existente... Os interessados que respondam, pois que isso não é conosco e, para mais, apraz-nos em questões politicas um certo agnosticismo... A luz da lógica pura afigura-se-nos a solução proposta que se reduziria a um circulo vicioso, e é isso que nos causa uma extraordinária impressão de mal estar e desânimo ao ler obras destas... E, não sendo nós politico e tampouco interessando a nossa sensibilidade um chá mais cançado que o do Tolentino, que nos importa — e ao mundo também — que venha a este mundo mais um partido?

Que haya un cadáver más ¿qué importa al mundo?

...Para nos servirmos de velho e consabido verso de Espronceda!...

um dos seus melhores veículos é a moridade que as terras descobertas pelo nosso compatriota de Quinhentos exportaram para todos os liceus e universidades. Tal propaganda, emquanto se limita apenas a opôr a filosofia dos Vedas ao tomismo, *O carrinho de barro* no *Hamlet* e ao *Faustio*, o brahmanismo ao catolicismo, e Rabindranath Tagore a Frederico Mistral, ainda se poderá admitir porque, enfim, cada qual come do que gosta, a gente sorri, e mal iria talvez a quem não pusesse, acima de tudo, o que é da sua terra!... Mas, o que nos não parece certo é que a moridade da nossa Índia, — que a nós deve o ter categoria de gente! vá enfileirar ao lado dos que, nas Índias inglesas pedem em altos gritos a independência, a total libertação da turela do Ocidente. Porisso lemos com desgosto a conferencia que o sr. Fernando da Costa publicou sob o título *India antiga e moderna*. Os habitantes das nossas Velhas e Novas Conquistas estão a milhares de léguas de distância da situação dos individuos que habitam a Índia britânica. Não há neles pureza de raça porque, a bem dizer, quasi todos descendem dos primitivos habitantes e dos ousados navegadores e soldados que para lá foram nas eras de Quinhentos e Seiscentos... E, se aos laços de sangue juntarmos os da sua civilização — tão distanciada da indiana e reflectindo a da metrópole! — os seus costumes e até as suas crenças, tudo recebido de nós, teremos percebido a sem-razão e o contrasenso do apoio que forneceu à propaganda separatista, pois que, a dar-se um dia a almejada separação, os nossos indianos, sendo um valor nulo para o concerto total, seriam fatalmente objecto de desprezo e até de perseguição, por banda dos actuais subditos indianos de Jorge V...

Por isso nos desagradou profundamente a conferencia do sr. Fernando Costa que, sobre ser injusta e ingrata, é além disso duma ingenuidade que faria sorrir — se o assunto não fôsse antes de molde a fazer pensar um pouco quem com tão errônea propaganda tem o dever de se preocupar a sério...

Dois livros de versos sómente e durante duas semanas é caso de maravilhar, sobretudo neste país que, a respeito de poetas, limita a fecundidade das coelhas!... Pois dois sómente, leitores: do sr. Júlio Valfior o livrinho *Aquarelas* e do sr. Alberto Falcão de Campos o seu *Ao Deus dará*. O primeiro destes poetas possui uma certa destreza no manejo dos ritmos, revelada em sonetos e líricas várias que se lêem com desenhado; alguns dos seus sonetos são mesmo muito rasoáveis, demais a mais tratando-se dum estreante. Quanto ao sr. Falcão de Campos o seu livro é muito mais ingénuo na sua factura; os seus versos manifestam uma falta de inspiração e de técnica a todo o momento visíveis, salvando-se apenas algumas das quadras populares que lá aparecem e nas quais o autor reflectiu por vezes, embora imperfeitamente a alma do povo.

Da formosa Loureçal do Campo envia-nos o sr. João P. Mineiro um *Abecedário musical*, ou noções elementares de música, que, em horas de lazer e com excelente intuito, elaborou para uso dos alunos do Reformatório de S. Fiel, na Beira Baixa. Falha-nos em absoluto o saber necessário para falar duma obra desta qualidade. Pelo que nos foi dado ler pareceu-nos porém suficientemente claro o livrinho em questão, e quiçá, útil para quem deseje estudar os rudimentos da mais formosa das artes.

ALVARO MAIA.

NOTA DA REDACÇÃO. — Na próxima crónica retoma as suas funções de redactor efectivo desta secção o sr. César de Frias.

Foi com uma sensação de infinita e dolorosa melancolia que terminámos a atenta leitura da brochura que o sr. Cunha Leal acaba de publicar sob o título *A aspiração de um Portugal*

Os indianos ultimamente deram em pedir a independência com uma perlice e uma teimosia tais que se diria não deverem elles nada à civilização occidental. A propaganda a tal respeito faz-se por toda a parte e com qualquer pretexto:

# A CANÇÃO FAVORITA

ERAM visinhos, companheiros e amigos desde os primeiros anos. E ninguém sabe quanto são apaixonadas e exclusivistas as afeições das crianças.

Ao princípio as mães nem se conheciam, apenas quando se avistavam à janela ou se cruzavam na escada, abaixavam cerimoniosamente a cabeça. Depois, a simpatia das crianças ligara-as numa íntima e sincera amizade, como de irmãs, passando juntas o tempo livre das ocupações domésticas, auxiliando-se mutuamente, confiando-se alegrias e tristezas.

Os próprios pais, mais distanciados nas preocupações dos afazeres e empregos, aproximavam-se a pouco e pouco, mantendo já afectuoso convívio.

As crianças, absorvidas no sonho da sua vida interior, faziam das duas casas uma só, percorrendo-as e adaptando-as às necessidades da sua existência chilreante.

As bonecas da Aurora eram as filhas dilectas do Miguel, que se preocupava imenso com o seu estado civil, baptizando-as com nomes pomposos, ou perfumados nomes de flores, conforme as preocupações de momento. Para elle, todo esse mundo pequenino que formava a casa minúscula da companheira, representava alguma coisa de precioso e de frágil.

As suas mãos destruidoras faziam-se leves para lidar com essas bugigangas, muito ao contrário do que sucedia aos seus brinquedos, que a Aurora não poucas vezes salvara de morte inglória, com aquele instinto de ordem e conservação que têm, desde que nascem, as pessoas delicadas.

Quando chegaram à idade de aprender, de mãos dadas partiam para a escola maternal e às tardes voltavam, cada dia mais senhores de si, repetindo a lição apre dida. Das suas mãosinhas hábeis saíam revoadas de pombas e de barquinhos dobrados com um grande esforço de atenção, e em que o Miguel era exímio, com o seu instinto criador e forte.

Mais tarde, já leitores desembaraçados, as suas estantes encheram-se de livros, adquiridos um a um pelas festas e anos, para a radiosa camaradagem dos seus lindos sonhos infantis.

Juntos percorreram as páginas maravilhosas e viveram essas existências de sonho, que são a realidade gloriosa da infância, preparando para o futuro a melhor reserva de alegria.

Passão em que um não fosse, já pelo outro não era contado como divertimento, amigos que não fossem de ambos para elles não eram contados entre as suas afeições.

E assim foram crescendo e já os primeiros exames haviam passado, projectando uma eterna camaradagem de estudos, que os levassem juntos ao fim dum curso, que ambos escolheriam.

Por vezes — os pais de Miguel falavam em procurar casa mais ampla para a família que ia crescendo, mas a todos parecia um monstruoso

acontecimento uma separação que viria, necessariamente, afrouxar os laços dum tão íntimo convívio.

Mas um dia, a pequena, que andava a queixar-se vagamente, acordou com uma febre que lhe enrubescia as faces e punha nos olhos um fulgor alarmante, gemendo com a dor que lhe apertava a cabeça num insuportável mal-estar. A difteria, que tantos pais esmaga pela tortura de horas de sobressalto e dúvida, não escolhendo as suas vítimas, e levando, às vezes, os mais fortes, surgiu como um avejão negro de presságios ante a ansiosa surpresa da mãe. Mal assim viu a pequena, correu a chamar em seu auxilio a amizade carinhosa dos visinhos.

O Miguel, que já estava a trabalhar, preparando as lições com o cuidado dum estudante cheio de responsabilidade, ofereceu-se para ir chamar o médico, que pouco depois trazia consigo, por tal forma lhe pintara o estado da doentinha.

Com a rapidez do tratamento e com os desvelos das duas mães, a pequena Aurora livrou-se do perigo.

Havendo doença tão contagiosa no prédio, todos os pequenos foram mandados para fora de casa, menos o Miguel, que protestou os seus direitos de mais velho e os seus devêres de estudante, para ficar junto da mãe, que também não abandonara a amiga.

Como não lhe permitiam que fosse a casa da enferma, ia tódas as tardes para o patim da escada, para onde dava a salinha ocupada agora pela doente, e tocava, numa pequena caixa de música que comprara na última feira, com o produto do arrombado mealheiro, uma alegre e vulgarizada canção das ruas.

Aurora não via o companheiro, mas tódela sorria enlevada, ouvindo as notas esganiçadas do pequeno realejo, revivendo ao escutá-las tódela a alegria da sua existência amimada, tódas as horas de recreio em que os dois companheiros cantarolando a letra daquela música predilecta, ensaiavam os passos duma dança por elles imaginada.

Mas um dia, já quasi na convalescença, esperou em vão a costumada visita, do lado de fora do quarto, no patim da escada... A tódela hora lhe parecia escutar os passos do Miguel subindo a correr de volta da escola para ir buscar a caixinha de música, que tanto a distraía nas horas intermináveis de prisão, que já não eram de sofrimento.

O Miguel, porém, não veio nesse dia nem voltou nos seguintes. Quando perguntava por elle notava um grande embaraço amargurado, que a enchia de pasmada tristeza.

É que o Miguel, coitadito, fôra rapidamente e fortemente atacado pela terrível doença de que a amiguinha se salvara.

Exactamente porque era mais forte, um pequeno Hércules a vender saúde, é que o mal lhe dera com tal violência, que não

houve cuidados nem remédios que o pudessem salvar.

E fôra-se, quasi de repente, levando desvairadamente à cabeça as mãos robustas, olhando com a vista já embaciada as duas mães, que o velavam na mesma agonia, na mesma dolorosa ansiedade, sofrida pouco dias antes junto da caminha branca onde a Aurora, agora, repousava, a refazer-se do grande abalo sofrido.

As duas famílias choravam silenciosamente a morte do pequeno, concordes em não dar a convalescente uma noticia que comprometia as melhores experimentadas, ainda não de todo isentas de perigo.

Mal supunha ella, estranhando a sua ausência, que a última vez que o Miguel passou na escada ia apertado num caixãozinho estreito, e que já mais saltaria a quatro e quatro os degraus, nem se demoraria no patamar a tocar no pequeno realejo a canção predilecta, que juntos tinham trauteado tanta vez.

A cada momento perguntava por elle, e quanto mais ia melhorando mais sentia a sua falta e se impacientava com o seu abandono.

As mães, duplamente feridas, já não sabiam que mais dizer e inventar para explicar a ausência do pequeno, que tinham feito percorrer as casas da família e passear pelas terras de todos os amigos.

Mas, forçada pela necessidade da desinfecção, a mãe de Miguel foi obrigada a arrumar a roupa e os brinquedos da criança, eternamente ausente.

E logo lhe veio às mãos a caixinha de música, uma das últimas coisas em que elle tinha pegado com a ideia carinhosa de distrair a companheira doente.

E chorou, chorou desviando o brinquedo num gesto de revolta que o fez soltar um pequeno som metálico, como um gemido.

Então... do fundo do seu pobre coração maguado, um movimento de piedade, superior à imensa mágoa que a torturava, trouxe-lhe ao espirito a decepção da doentinha que esperava, do outro lado da porta, ouvir as notas alacres da canção favorita.

Pegando na caixinha de música foi ao patim da escada e bravamente, como quem cumpre um grande dever martirizante, fez sair da pequena alma metálica do realejo as notas da musiqueta vulgar, que ressoou do outro lado da parede como uma alvorada de esperança.

E, quando já não podia sufocar os soluços, tapou a boca com o lenço e fugiu para gritar a sua enorme dor.

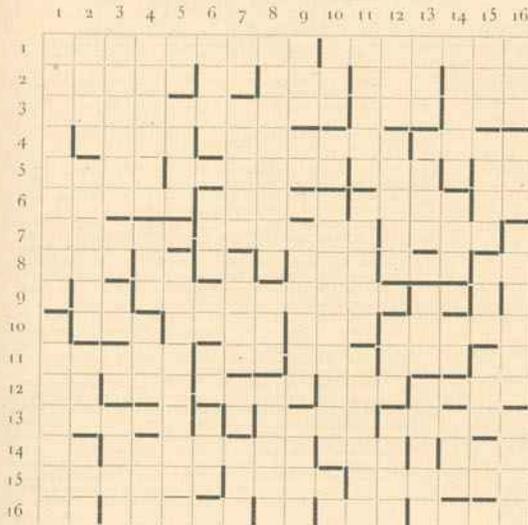
Mas no dia seguinte voltou, sempre à mesma hora, para dar à convalescente a ilusão da alegria, que apressava a cura, moendo na caixinha de música a mesma inalterável e favorita canção de rua, que ella trauteava do outro lado, já impaciente por reentrar na camaradagem feliz de outrora...

ANA DE CASTRO OSÓRIO.

# P A S S A T E M P O

## PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo)



### Horizontal

- 1 de navio de guerra — chefe —
- 2 para construção — artigo — porção de água — rio — primeira
- 3 pó — quadrúpede — advérbio — rio —
- 4 vogal — número — árvore — brinquedo
- 5 novidade — animal novo — das confrarias — consoante — verbo
- 6 cidade — gordura — vestidura — música
- 7 receio — planta — terra e água, = letra
- 8 pronome — música — aro = vogal = sinal ortográfico — do altar = pronome
- 9 letra — verbo = pedra = advérbio = letra = letra
- 10 letra = da Igreja = descanso = tempo de verbo = nobreza
- 11 na rocha = achaque = partida = chamada = artigo
- 12 dor = conjunção — da pesca = advérbio = legume
- 13 animais — preposição — artigo = caminha = tocar
- 14 tempo de verbo = harmonioso = porção de terra = letra — nome feminino
- 15 doença = número = instrumentos musicais
- 16 sem família = aguça — abreviação do nome — um de muitos — da cavalgada

### Vertical

- 1 perfurante = do caminho de ferro
- 2 animal = quadrúpede = porção de água = tempo =
- 3 oceano = nome = sem bondade = gás = número = fruto
- 4 verbo = chamada = laço = letra = remate
- 5 de embarcação = notícia = letra = criminoso
- 6 animal = letra = caridosa = do moinho = música = nome = letra
- 7 laço = da Igreja = animal feroz = único = nome feminino
- 8 tempestade = lista = covil
- 9 pronome = artigo antiquado = letra = país = número
- 10 fluido = tempo de verbo = ligeireza = preposição
- 11 inspiração = usado na agricultura = selvagem
- 12 no banho = pedra = artigo = animal = apelido
- 13 ligação = único = letra = usado pelos pedreiros = dos luveiros
- 14 desastre = das crianças = artigo = no tribunal = letra = amargo — letra
- 15 rio = trabalho = família — dos peixes = advérbio = letra
- 16 letra = do jôgo = anel = botânica = medida =



*A mãe* : — Não entendo por que há de ser este espalhafato tôdas as manhãs. Quando eu era pequena, gostava bastante de ir para o colégio e encontrar-me lá com tôdas as minhas amigas.  
*A filha* : — Eu só tenho uma amiga, e detesto-a.

## PACIÊNCIA COM CARTAS

Dum baralho de cartas têm três *dois*, três *três* e três *quatro*s. Disponham-os da seguinte forma:

3 4 2  
4 2 3  
2 3 4

Vêr-se-há que os pontos nas cartas somam, tanto horizontal, como vertical, como diagonalmente, nove, excepto na linha diagonal que soma seis. É preciso mudar três cartas para que o total seja sempre nove, somando os pontos em qualquer direcção.

• • •

*Ela* : — Ah! que grande tolice fiz quando casei contigo.

*Ele* : — Perdão, minha querida, a tolice foi tôda da minha parte.

## PALAVRAS CRUZADAS

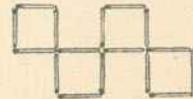
(Solução do 18.º número)



• • •

## AINDA OS FÓSFOROS

(Solução)



O desenho indica quais os seis fósforos que se haviam de tirar para ficarem só quatro quadradinhos.



Vejam se encontram a raposa e mais quatro caçadores.



# Biblioteca de Instrução Profissional

A ÚNICA COLECCÃO DE LIVROS TÉCNICOS  
PUBLICADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

*Volumes encadernados em percalina, de formato portátil e manuseável*

Contém as seguintes séries:

## Elementos Gerais:

Álgebra elementar, (2.<sup>a</sup> edição) — Aritmética prática, (8.<sup>a</sup> edição) — Desenho linear geométrico, (6.<sup>a</sup> edição) — Elementos de electricidade, (5.<sup>a</sup> edição) — Elementos de Física, (5.<sup>a</sup> edição) — Elementos de mecânica, (4.<sup>a</sup> edição) — Elementos de modelação, (2.<sup>a</sup> edição) — Elementos de projecções, (2.<sup>a</sup> edição) — Elementos de química, (4.<sup>a</sup> edição) — Escritaçào comercial e industrial, (3.<sup>a</sup> edição) — Geometria plana e no espaço, (4.<sup>a</sup> edição) — O livro de portuguezs, (3.<sup>a</sup> edição).

## Mecânica

Desenho de máquinas, (3.<sup>a</sup> edição) — Material agrícola, (2.<sup>a</sup> edição) — Nomenclatura de caldeiras e máquinas de vapor, (3.<sup>a</sup> edição) — Problemas de máquinas, (4.<sup>a</sup> edição).

## Construção Civil

Acabamentos das construções, (2.<sup>a</sup> edição) — Alvenaria e cantaria, (4.<sup>a</sup> edição) — Edificações, (4.<sup>a</sup> edição) — Encanamentos e salubridade das habitações, (3.<sup>a</sup> edição) — Materiais de construção, (4.<sup>a</sup> edição) — Terraplenagens e alicerces, (4.<sup>a</sup> edição) — Trabalhos de carpintaria civil, (5.<sup>a</sup> edição) — Trabalhos de serralharia civil, (3.<sup>a</sup> edição) — Cimento armado — Elementos de história da Arte.

## Construção Naval

Construção naval, 1.<sup>o</sup>, 2.<sup>o</sup>, 3.<sup>o</sup>, 4.<sup>o</sup> e 5.<sup>o</sup> volumes.

## Manuais de Ofícios

Condutor de automóveis, — Condutor de máquinas, (4.<sup>a</sup> edição) — Electricista, (5.<sup>a</sup> edição) — Fabricante de tecidos, (2.<sup>a</sup> edição) — Ferreiro, (3.<sup>a</sup> edição) — Fogueiro, (2.<sup>a</sup> edição) — Formador e estucador, (2.<sup>a</sup> edição) — Fundidor, (4.<sup>a</sup> edição) — Galvanoplastia, (2.<sup>a</sup> edição) — Motores de explosão, (3.<sup>a</sup> edição) — Navegante, (3.<sup>a</sup> edição) — Pilotagem, (2.<sup>a</sup> edição) — Sapateiro, — Serralheiro mecânico, — (2.<sup>a</sup> edição) — Tipógrafo, — Topografia e agrimensura. — Torneiro e frezador mecânicos.

## Descrição de diversas indústrias

Indústria alimentar, (2.<sup>a</sup> edição) — Indústria de cerâmica, (2.<sup>a</sup> edição) — Indústrias de fermentação, (2.<sup>a</sup> edição) — A hulha, — Iluminação, — Metalurgia, — Indústria da seda, — Indústria do vidro.

ENVIAM-SE CATÁLOGOS A QUEM OS REQUISITAR

PEDIDOS AOS EDITORES:

**LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



**PETROLEO**

**HAHN**

PARA O CABELO

M. d. F.



*Loção fortificante e regeneradora, indispensavel para limpeza, aformoseamento, conservação e desenvolvimento da cabeleira*

FRASCO GRANDE 20.000    FRASCO PEQUENO 14.000  
VENDA POR GROSSO

Agentes depositarios: *J. DELIGANT, L.<sup>da</sup>*  
15, RUA DOS SAPATEIROS — LISBOA



**A PHOSPHATINE FALIÈRES**

misturada com o leite é o alimento o mais agradável e o mais recomendado para as creanças desde a idade de 7 a 8 mezes sobretudo ao momento da ablação e durante o periodo da crecidião.

Util aos estomagos delicados, aos velhos e aos convalescentes.

Maison CHASSAING (G. PRUNIER & C<sup>o</sup>), 6, Rue de la Tacherie, PARIS

**THE MODERNE OFFICE, Ltd.**

Vendedores autorizados das máquinas de escrever

**UNDERWOOD, ROYAL e CORONA**

Móveis de madeira e de aço para escritórios comerciais  
PASTAS, FICHAS, ETC., ETC.

RUA DO ALECRIM, 107 — LISBOA

**Grip-fix** A COLA IDEAL

ACEIO — ECONOMIA — RAPIDEZ

Não se entorna, colando imediatamente após a sua aplicação. Preço 9\$00

Únicos representantes para Portugal e Colónias:

**AILLAUD, LIMITADA**  
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

# MATERIAL ESCOLAR

Fornecemos ao preço dos fabricantes tóda a qualidade de material escolar em grandes e pequenas quantidades, tais como: Estojos para desenho, réguas, quadros, esquadros, pedras, quadros em pedra, canetas, lápis, tinta, borrachas, etc., etc. Os pedidos dêste material para fora do Continente Português devem vir sempre acompanhados da respectiva importância.

**Glóhos Geográficos** — *Glóbo Celeste*, montado sôbre pé de bronze Escudos 170.000. *Glóhos Terrestres*, Idem, 0<sup>m</sup>,45 diâmetro, Esc. 230.000 — 0<sup>m</sup>,33 diâmetro, Esc. 170.000 — 0<sup>m</sup>,16 diâmetro, Esc. 45.000 — 0<sup>m</sup>,08 diâmetro, Esc. 20.000. *Glóhos Terrestres* (com meridiano), montados sôbre pé de bronze, 0<sup>m</sup>,33 diâmetro, Esc. 230.000.

*Mapas Parietais* — Das cinco partes do mundo, por *J. Monteiro*, em fôlhas de 1<sup>m</sup>,35 × 1<sup>m</sup>,10.

*Europa — Africa — América do Norte — América do Sul — Oceania — Mapa Mundi.*

Cada Mapa em fôlhas 15.000

Pedidos aos livreiros-editores **AILLAUD, LIMITADA**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Quereis brindar vossos filhos?  
Quereis que tomem gôsto pela leitura?  
Quereis que aprendam a ler correntemente?

Dai-lhes a ler até aos 7 anos, os livrinhos da Biblioteca Infantil:

NA TERRA E NO MAR  
CONTOS GREGOS  
BONECOS FALANTES

Dos 10 anos em diante:

ROMANCE DA RAPOSA

Cada volume, brochado . . . 6\$00  
»       »       com encader-  
nação especial . . . . . 10\$00

As melhores e mais bonitas histórias para crianças, [por escritores portuguezes e brasileiros.

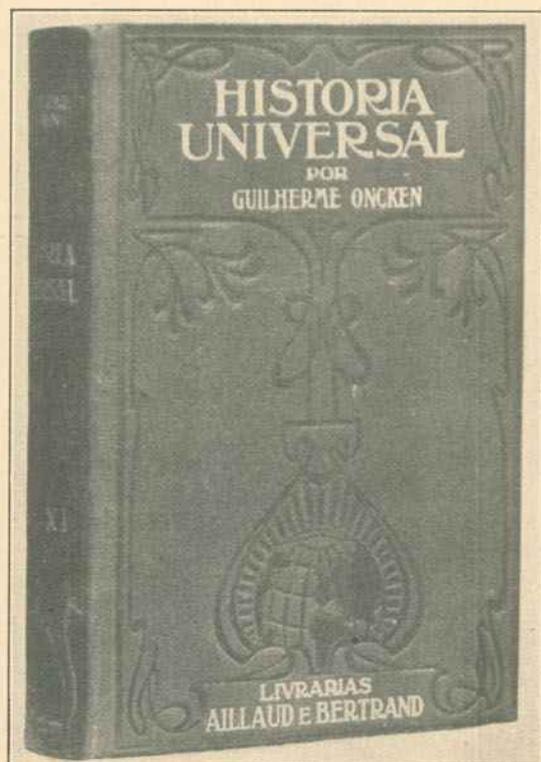
. . . . .

*Profusamente ilustradas a côres pelos melhores artistas nacionais e estrangeiros.*

. . . . .

Pedidos às livrarias AILLAUD e BERTRAND

73, Rua Garrett, 75  
LISBOA



# OBRA MONUMENTAL

## HISTÓRIA UNIVERSAL

POR

GUILHERME ONCKEN

*Já publicados: 91 tomos = 15 volumes.*

Aceitam-se assinaturas desde o início, facultando-se a quem o desejar, a aquisição da obra a pouco e pouco, e longe de qualquer encargo pesado.

*A terminar brevemente a publicação.*

Publicação em português dirigida e ordenada primitivamente por *Consigliari Pedroso* e presentemente pelo *Dr. Manuel de Oliveira Ramos*, lente da Faculdade de Letras de Lisboa. A mais completa, a mais científica, a única que nos nossos dias constitui matéria de fé em todos os problemas e questões históricas. A primeira da actualidade. A obra de maior vulto que neste género se tem tentado em lingua portuguesa. Profusa e ricamente ilustrada a côres, com reproduções de quadros célebres representando batalhas, costumes, etc.; de monumentos, armas, objectos de arte, tipo de raças, grandes figuras históricas, autógrafos, páginas manuscritas, iluminuras, etc., etc. Impressa em esplêndido papel, hors-textes em papel couché, in-4.º. — Encadernação própria e cêrca de 1.000 páginas por cada volume.

Cada vol., enc. ....	65,000
Cada tomo, br. ....	8,000
Encadernação por cada vol. ....	25,000
Capas para a encadernação ....	15,000

*Pedidos às*

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

